



# Análise Conjuntural da Economia e do Comércio

Julho  
2018

N.º 118

**Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná**

Presidente: Ari Faria Bittencourt

Diretor Superintendente: Eduardo Luiz Gabardo Martins

Rua Visconde do Rio Branco, 931 – 6º andar

CEP 80410-001 – Curitiba – PR – Telefone (41) 3883-4500

[www.fecomerciopr.com.br](http://www.fecomerciopr.com.br) – [federacao@fecomerciopr.com.br](mailto:federacao@fecomerciopr.com.br)

Elaboração: Assessoria Econômica da FECOMÉRCIO - PR

Economistas: Luiz Vamberto Santana - Coordenador

Ricardo Glatz

O conteúdo desta "Análise Conjuntural da Economia e do Comércio" é publicado mensalmente no site da Federação do Comércio do Paraná. Os acessos poderão ser feitos através do site: [www.fecomerciopr.com.br](http://www.fecomerciopr.com.br)

**CONJUNTURA: SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS****UM NOVO TIPO DE VAREJO?**

Conforme Warren Buffet, a loja de departamento agora é, predominantemente, *on-line*. Essa foi a avaliação desse megainvestidor conhecido mundialmente, ao afirmar que: "em 10 anos o varejo estará completamente diferente em relação ao que é hoje conhecido".

Diversos textos publicados em relação ao tema informam que dentre as providências adotadas por Warren Buffet está a de sair de empresas de varejo tradicional. Em fevereiro de 2017, a Berkshire Hathaway já tinha vendido US\$ 900 milhões em ações do Walmart, o principal afetado pela mudança.

O Walmart foi superado pela Amazon do posto de principal varejista do mundo em valor de mercado e está tentando combater a rival, incluindo compra de *startups*.

Dáí porque muitos investidores optarem por se distanciarem do setor de varejo físico atualmente, enquanto lojas investem cada vez mais em unidades online.

Warren Buffet já teria se desfeito, pela venda, de praticamente todas as ações que possuía da Walmart, em função dessa transformação.

Dentre algumas das vantagens do comércio on-line, podem ser mencionadas, dentre outras: instalações simples e menos custosas; menores possibilidades de assaltos; seguros menos dispendiosos; horário de abertura de loja mais flexível e sem prejudicar o cliente.

Em 2017, ocorreu fechamento elevado de lojas nos EUA. No ano, foram fechadas 6.985 lojas, superando o recorde anterior de fechamento, no ano da crise econômica de 2008, que atingiu 6.163 lojas.

Mesmo com o fechamento de 2017, a economia dos EUA não chegou ao estágio de recessão: o país teve alta no PIB de 2,3% e as vendas do varejo cresceram 4,0%.

Uma tendência verificada nos últimos anos nos EUA foi o aumento de gastos com entretenimento e tecnologia, comparado a roupas e acessórios. Há diversos estudos que abordam essa tendência, em especial, o crescimento da Amazon.

Dentre as metas conhecidas da Amazon está a de juntar o varejo online com o varejo off-line (comprou a rede Whole Foods visando essa efetivação) e vem praticando novas formas dos consumidores efetuarem compras via internet e buscarem seus produtos fisicamente sem terem que pagar pelo frete por isso e aguardarem a chegada.

Por outro lado, outras avaliações também surgem as quais afirmam que "a loja física não vai acabar", conforme assegura Luíza Trajano, do Magazine Luiza, que continua abrindo lojas físicas no país.

Há disponível um rol extenso de textos que abordam a respeito dessas mudanças ou da continuidade do padrão de lojas existentes, dentre os quais, podem ser mencionados:

1. "Warren Buffet alerta: o varejo que você conhece está para morrer", Felipe Moreno, StartSe/Info Money, -07/06/2018.
2. "O fim das lojas de varejo", Alexandre van Beeck, Portal Dedução, 26/04/2017.
3. "As lojas virtuais não vão acabar com as lojas físicas", Associação Comercial e Industrial de Campinas, Eduardo Vilas Boas, 23/03/2016.
4. "O fim das lojas físicas?", Cliente S. A., José Luiz Rossi, 22/11/2012.
5. "O fim da loja física?", Associação Comercial e Industrial de Maringá, 13/11/2017
6. "Será o fim das lojas físicas?", [axei.com.br](http://axei.com.br), Tulio Maranezzi, 23/11/2017.

São temas que devem ser considerados pelos empresários do setor.

**ASSESSORIA ECONÔMICA**

Curitiba, 02 de agosto de 2018.

	Apresentação	03
	Sumário	04
	Tabelas e gráficos	04
	<b>Nível de Atividade Econômica</b>	05
	<b>1. Produto e Renda</b>	05
	<b>2. Mercado de Trabalho</b>	11
	<b>3. Nível de Salário</b>	14
	<b>4. Nível de Preços</b>	16
	<b>5. Taxa de Juros e Poupança</b>	18
	<b>6. Mercado de Ações</b>	19
	<b>7. Risco País</b>	20
	<b>8. Variação do Dólar</b>	21
	<b>Atividade Empresarial</b>	23
	<b>9. Comércio Varejista no Paraná</b>	23
	<b>10. Outros indicadores relativos ao comércio e consumidores</b>	27
	<b>11. Abertura de Empresas no Paraná</b>	28
	<b>12. Falências Decretadas no Brasil</b>	29
	<b>13. Crédito: Demanda e Inadimplência</b>	30
	<b>14. Nível de Utilização da Capacidade Produtiva Instalada-NUCI na Indústria</b>	32
	<b>Setor Público</b>	33
	<b>15. Arrecadação do Governo</b>	33
	<b>16. Dívida Pública Federal Interna - DPFI</b>	34
	<b>17. Superávit Primário</b>	35
	<b>Relações com o Exterior</b>	37
	<b>18. Comércio Exterior Brasileiro</b>	37
	<b>19. Comércio Exterior Paranaense</b>	45
	<b>20. Investimento Estrangeiro Direto - IED na Economia Brasileira</b>	51
	<b>21. Dívida Externa Brasileira</b>	52
	<b>22. Reservas Cambiais</b>	53

### TABELAS E GRÁFICOS

<b>01</b>	Produto Interno Bruto	05
<b>02</b>	Brasil: Produto Interno Bruto por Setor e Subsetor de Atividade	06
<b>03</b>	Brasil: Variação Percentual do PIB Trimestral	06
<b>04</b>	Brasil: Distribuição da Demanda Agregada	07
<b>05</b>	Brasil: Agregados do PIB em valores correntes	08
<b>06</b>	Brasil: Participação percentual dos setores no valor adicionado	08
<b>07</b>	Brasil: Componentes da demanda no PIB	08
<b>08</b>	Brasil: Criação de Empregos por Setor de Atividade Econômica	11
<b>09</b>	Paraná: Criação de Empregos por Setor de Atividade Econômica	12
<b>10</b>	Brasil e Curitiba: Taxa de Desocupação	13
<b>11</b>	Brasil: Salário Mínimo	14
<b>12</b>	Paraná: Salário Mínimo	15
<b>13</b>	Índice de Preços	16
<b>14</b>	Taxa de Inflação e Meta da Inflação	17
<b>15</b>	Variação da Taxa de Juros SELIC do Banco Central	18
<b>16</b>	Poupança	18
<b>17</b>	Bolsa de Valores de São Paulo	19
<b>18</b>	Risco País	20
<b>19</b>	Variação do Dólar	21
<b>20</b>	Variação das Vendas	24
<b>21</b>	Vendas Comparadas ao Mês Anterior	26
<b>22</b>	Vendas Comparadas ao Mesmo Mês do Ano Anterior	26
<b>23</b>	Vendas Acumuladas no ano Comparadas ao Ano Anterior	26
<b>24</b>	Vendas nos Polos de Comércio Pesquisados pela Fecomércio-Pr	26
<b>25</b>	Índice de sondagem do Comércio FGV	27
<b>26</b>	Índice de sondagem do Consumidor FGV	27
<b>27</b>	Índice de Confiança do empresário do comércio CNC	27
<b>28</b>	Intenção de consumo das famílias	27
<b>29</b>	Abertura de Empresas no Paraná	28
<b>30</b>	Falências no Brasil	29
<b>31</b>	Indicador Serasa Experian de Demanda do Consumidor por Crédito	30
<b>32</b>	Indicador Boa Vista de Inadimplência	30
<b>33</b>	Nível de Utilização da Capacidade Produtiva Instalada na Indústria	31
<b>34</b>	Produção Física Industrial – Por Setor	31
<b>35</b>	Evolução da Arrecadação do Governo Federal	33
<b>36</b>	Participação da Carga Tributária no PIB	33
<b>37</b>	Dívida Pública Federal Interna	34
<b>38</b>	Desempenho do Superávit Primário - Governo Federal e Banco Central	35
<b>39</b>	Brasil: Balança Comercial	37
<b>40</b>	Brasil: Intercâmbio Comercial	38
<b>41</b>	Brasil: Intercâmbio Comercial MERCOSUL	39
<b>42</b>	Brasil: Principais Produtos Exportados para o MERCOSUL	40
<b>43</b>	Brasil: Principais Produtos Importados do MERCOSUL	40
<b>44</b>	Exportações Brasileiras para países das três Américas: do Sul, Central e do Norte	41
<b>45</b>	Importações Brasileiras de países das três Américas: do Sul, Central e do Norte	41
<b>46</b>	Brasil: Principais Produtos Exportados	42
<b>47</b>	Brasil: Principais Produtos Importados	42
<b>48</b>	Balança Comercial Brasileira – Com e Sem petróleo e derivados	42
<b>49</b>	Brasil: Exportação por Intensidade Tecnológica	43
<b>50</b>	Brasil: Importação por Intensidade Tecnológica	43
<b>51</b>	Paraná: Balança Comercial e Corrente de comércio	45
<b>52</b>	Paraná: Intercâmbio comercial com o MERCOSUL	46
<b>53</b>	Paraná: Principais Produtos Exportados do MERCOSUL	47
<b>54</b>	Paraná: Principais Produtos Importados do MERCOSUL	47
<b>55</b>	Paraná: Principais Países de destino de Produtos	48
<b>56</b>	Paraná: Principais Produtos Exportados	48
<b>57</b>	Paraná: Principais Blocos Econômicos de Destino e Origem De Produtos	49
<b>58</b>	Paraná: Principais Empresas Exportadoras	49
<b>59</b>	Paraná: Principais Empresas Importadoras	49
<b>60</b>	Paraná: Exportação – Totais por Fator Agregado	50
<b>61</b>	Paraná: Balança Comercial dos Maiores Exportadores Municipais	50
<b>62</b>	Investimento Estrangeiro Direto no Brasil	51
<b>63</b>	Dívida Externa Brasileira	52
<b>64</b>	Brasil: Participação da Dívida Externa	52
<b>65</b>	Brasil: Reservas Cambiais	53

# I. NÍVEL DE ATIVIDADE ECONÔMICA

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná - Julho / 2018

## 1. PRODUTO E RENDA

### 1.1. O PIB do Brasil e do Paraná (\*)

O desempenho do PIB do Brasil no 1.º trimestre de 2018, divulgado pelo IBGE apontou crescimento de 0,4% (1.º trim./2018) em relação ao anterior (4.º trim./ 2017). No período, a Agropecuária expandiu 1,4%; a Indústria cresceu 0,1% e Serviços foi positivo em 0,1%. Por outro lado, na comparação com o 1.º trim./ do ano anterior, 2017, o PIB em 2018 cresceu 1,2%; Agropecuária caiu 2,6%; a Indústria aumentou 1,6%; Serviços expandiu 1,5%.

As projeções elaboradas no 1.º trimestre para o desempenho do PIB em 2018 foram positivas, oscilando para crescimento entre 2,8% e 3,0%. No entanto, a ocorrência de muitos fatores imprevistos de cunho político e econômico, interno e externo, contribuíram para a continuidade do ambiente ainda recessivo ao final do 1.º semestre: retração econômica, instabilidade política, incertezas quanto aos resultados das eleições, elevação do dólar (\$) sobre o real (R\$), e restrições dos EUA às importações de alumínio e aço, que fizeram com que as previsões do PIB/ 2018 caíssem, e oscilarem em julho/2018 entre 1,5% e 1,8%.

Em 2017, o governo federal adotou mudanças nas políticas econômicas, que possibilitaram elevação do consumo tais como: liberação de saldos de contas inativas do FGTS, mais a liberação dos saldos do PIS/PASEP, a partir da 2.ª quinzena de outubro/2017.

O consumo das famílias-CF que gera importante efeito multiplicador para o aquecimento da demanda interna, cresceu 2,8% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e, em relação ao trimestre imediatamente anterior cresceu 0,5%. Este fato repercute diretamente, de forma mais intensa, sobre o varejo e respectivos ramos, aumentando vendas ou alterando padrões de consumo até então predominantes de alguns produtos comercializados: redirecionando o consumo de bens alternativos ou substitutos para marcas ou categorias de maior valor agregado. A elevação do CF é importante, mas não o suficiente. Verifica-se que o consumo do governo caiu em relação aos dois períodos anteriores. Todavia, ocorreu elevação dos investimentos em ramos específicos da indústria (em alguns casos com inovações tecnológicas) e do comércio (supermercados, shoppings-centers, etc.).

A formação bruta da capital fixo (FBCF) foi positiva nos dois indicadores de comparação: trimestre imediatamente anterior e mesmo trimestre de 2017. No entanto, é insuficiente para sustentar um crescimento estável de longo prazo e necessário à economia brasileira. O aumento do consumo das famílias pode ser visto como de menor consistência quando comparado ao crescimento e efeitos multiplicadores, diretos e indiretos, derivados da elevação dos investimentos e expansão da infra- estrutura e da base produtiva.

Acrescente-se aos fatores acima, a ocorrência de fatores positivos em 2017 como: redução da inflação e queda dos juros SELIC (BC); excelentes resultados das contas externas (balança comercial em relação a 2016); elevação da entrada do investimento estrangeiro direto-IED (capital privado do exterior); dívida externa sob gestão adequada (especialmente com a queda da SELIC); menor risco-país; maior oferta de dólares (US\$) no mercado externo em 2017. Alguns dos componentes acima perderam intensidade.

TABELA 1 – PRODUTO INTERNO BRUTO (\*)  
(Em R\$ Milhões)

Período	Brasil			Paraná(1)			Participação PR / BR (%)
	Valor a Preços Correntes de Mercado	Variação Nominal Sobre o Ano Anterior (%)	Variação Real (no ano) (%)	Valor a Preços Correntes de Mercado	Variação Nominal Sobre o Ano Anterior (%)	Variação Real no ano (%)	
	1	2	3	4	5	6	
2009	3.228.168	6,87	-0,1	196.676	5,92	-1,7	6,09
2010	3.748.969	16,13	7,5	225.205	14,51	9,9	6,01
2011	4.272.946	13,98	4,0	257.122	14,17	4,6	6,02
2012	4.703.863	10,08	1,9	285.620	11,08	0,0	6,07
2013	5.331.619	13,35	3,0	333.481	16,76	5,5	6,25
2014	5.778.953	8,39	0,5	348.084	4,38	-1,5	6,02
2015	5.996.000	3,76	-3,5	376.960	8,30	-3,4	6,29
2016	6.259.228	4,39	-3,5	386.957	2,65	-2,4	6,18
2017	6.559.940	4,80	1,0	412.784	6,67	2,1	6,29
2018	1.641.110	8,81	1,3	-	-	-	-

Fonte: Brasil: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Nacionais Trimestrais – Banco Sidra – Contas Econômicas)  
(Consulta em 30/05/2018)

Brasil: Dados do primeiro Trimestre

Paraná: www.ipardes.gov.br (Consulta em 30/05/2018)

Paraná: 2016 e 2017: estimativas preliminares do IPARDES. Dados sujeitos a alteração.

## 1. PRODUTO E RENDA

## 1.2. O PIB do Brasil por Setores e Subsetores

TABELA 2 – BRASIL: PRODUTO INTERNO BRUTO POR SETOR DE ATIVIDADE (1)

(A Preços Correntes - Em R\$ Milhões)

Setores e Subsetores	2017 1º Tri	2017 2º Tri	2017 3º Tri	2017 4º Tri	2018 1º Tri	2018 - 1º TRI		Variação 2017/ 2016 (Com ajuste sazonal)
						Variação % trimestre anterior	Participação % do Setor no PIB Total	
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>96.588</b>	<b>84.001</b>	<b>70.288</b>	<b>48.592</b>	<b>93.946</b>	<b>93,34</b>	<b>5,72</b>	<b>13,0</b>
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>288.873</b>	<b>298.308</b>	<b>314.558</b>	<b>310.247</b>	<b>291.651</b>	<b>-5,99</b>	<b>17,77</b>	<b>0,0</b>
1. Extrativa mineral	26.913	25.003	21.266	27.637	32.831	18,80	2,00	4,3
2. Transformação	152.154	165.918	179.025	169.060	148.191	-12,34	9,03	1,7
3. Construção civil	73.439	72.100	75.658	73.991	71.957	-2,75	4,38	-5,0
4. Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	36.367	35.287	38.609	39.560	38.671	-2,25	2,36	0,9
<b>SERVIÇOS</b>	<b>985.571</b>	<b>1.032.770</b>	<b>1.030.711</b>	<b>1.088.049</b>	<b>1.015.037</b>	<b>-6,71</b>	<b>61,85</b>	<b>0,3</b>
1. Comércio	166.388	175.569	184.859	188.595	174.470	-7,49	10,63	1,8
2. Transporte, armazenagem e correio	58.450	61.739	64.542	61.806	59.454	-3,80	3,62	0,9
3. Serviços de informação	44.287	43.757	44.588	47.568	42.353	-10,96	2,58	-1,1
4. Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos	116.928	113.114	108.072	110.901	110.664	-0,21	6,74	-1,3
5. Outros serviços(1)	235.454	249.873	254.398	260.211	246.196	-5,39	15,00	0,4
6. Atividades imobiliárias e aluguel	134.675	137.001	138.737	139.394	140.545	0,83	8,56	1,1
7. Administração, saúde e educação públicas	229.389	251.717	235.515	279.574	241.355	-13,67	14,71	-0,6
<b>Impostos líquidos sobre produtos</b>	<b>214.007</b>	<b>215.861</b>	<b>225.811</b>	<b>255.705</b>	<b>240.477</b>	<b>-5,96</b>	<b>14,65</b>	<b>1,3</b>
<b>PIB : preços de mercado</b>	<b>1.585.039</b>	<b>1.630.940</b>	<b>1.641.368</b>	<b>1.702.593</b>	<b>1.641.110</b>	<b>-3,61</b>	<b>100,00</b>	<b>1,0</b>

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores - Contas Nacionais Trimestrais - Valores a Preços Correntes) Valores sujeitos a alteração (Consulta em 30/05/2018)

TABELA 3 – BRASIL: VARIAÇÃO PERCENTUAL DO PIB TRIMESTRAL

Período	Sobre Mesmo Trimestre do ano Anterior	Sobre o Trimestre Anterior			
		PIB TOTAL	Agropecuária	Indústria	Serviços
<b>2014*</b>	--	<b>0,5</b>	<b>2,8</b>	<b>-1,5</b>	<b>1,0</b>
<b>2015*</b>	--	<b>-3,5</b>	<b>3,6</b>	<b>-6,3</b>	<b>-2,7</b>
1º Tri	-1,8	-1,0	6,9	-1,6	-1,3
2º Tri	-3,0	-2,2	-4,0	-4,0	-1,2
3º Tri	-4,5	-1,5	-2,6	-1,5	-1,1
4º Tri	-5,8	-1,2	0,7	-1,7	-0,6
<b>2016*</b>	--	<b>-3,5</b>	<b>-6,6</b>	<b>-3,8</b>	<b>-2,7</b>
1º Tri	-5,4	-0,6	-3,2	-0,8	-0,4
2º Tri	-3,6	-0,3	-1,0	1,0	-0,7
3º Tri	-2,9	-0,7	-2,1	-1,4	-0,5
4º Tri	-2,5	-0,9	1,0	-0,7	-0,8
<b>2017*</b>	--	<b>1,0</b>	<b>13,0</b>	<b>0,0</b>	<b>0,3</b>
1º Tri	0,0	18,5	-1,0	-1,6	1,3
2º Tri	0,4	14,8	-1,9	-0,2	0,6
3º Tri	1,4	9,1	0,4	1,0	0,2
4º Tri	2,1	6,1	2,7	1,7	0,1
<b>2018</b>	--	--	--	--	--
1º Tri	1,2	0,4	1,4	0,1	0,1

Fonte: www.ibge.gov.br - Valores com ajuste sazonal/deflacionados (Indicadores - Contas Nacionais Trimestrais) (Consulta em 30/05/2018)

(1) O segmento sob denominado outros serviços inclui: serviços de alojamento em hotéis e similares; serviços de alimentação; serviços profissionais, científicos e técnicos; pesquisa e desenvolvimento mercantil; aluguéis não imobiliários; outros serviços administrativos; educação mercantil; saúde mercantil; serviços de artes, cultura, esporte e recreação e serviços pessoais; serviços associativos; manutenção de computadores, telefones e objetos domésticos; e serviços domésticos.

\* Valores anuais.

**1. PRODUTO E RENDA****1.3. Demanda Agregada**

A demanda agregada da economia é constituída pela soma de: 1) consumo de famílias; 2) consumo do governo; 3) investimento bruto interno (formação de capital fixo mais variação de estoques); 4) balança comercial: exportações menos importações. O investimento bruto interno-IBI considera investimento público e privado e também o investimento externo no país; todavia, não contabiliza investimentos nacionais em outros países.

Em 2015 e 2016, os componentes da demanda agregada expressavam as limitações da recessão econômica, vigentes desde o 4.º trim./ 2014, muito acima do previsto pelo governo.

As mudanças na política econômica em 2017, possibilitaram melhoria no consumo. Dentre as mudanças, destacam-se: a liberação de saldos de contas inativas do FGTS e a liberação dos saldos das contas do PIS/PASEP após outubro/2017. Mas o setor privado foi importante nas contas externas, tendo se destacado com a balança comercial positiva. Junte-se às providências anteriores: a redução da inflação, dos juros SELIC, os excelentes resultados das contas externas da balança comercial (em relação a 2016), e o crescimento do investimento estrangeiro direto-IED (entrada de capital privado do exterior).

O consumo das famílias que cresceu produziu importante efeito multiplicador para aquecer a demanda. Repercutiu diretamente, de forma mais intensa, sobre o varejo e respectivos segmentos, aumentando vendas ou alterando padrões de produtos comercializados: redirecionando o consumo de bens alternativos ou substitutos para marcas ou categorias de maior valor agregado. O CF é responsável desde 2014 por um percentual acima de 63% da demanda agregada.

Em 2017, 3.º e 4.º trimestres ocorreram elevações substanciais no Investimento-FBKF, após 15 trimestres consecutivos de queda. Em 2018, 1.º trimestre, o crescimento foi mantido. Em parte, esses dois resultados (CF e IBI) podem ser associado à recuperação de 2017 (PIB cresceu 1,0%), com efeitos complementares para o ano corrente. O que não estava previsto em 2017, que teve boa performance institucional, foi a queda da estabilidade institucional que veio a se deteriorar a partir de março-abril / 2018.

A balança comercial-BC apresentou superávit em 2018, 1.º trimestre.

Foram mantidas as dificuldades nas contas do setor público em 2017 e 2018 (1.º trim.), nos três níveis de governo comprometendo o orçamento e gastos públicos em Consumo e Investimento. Nos Estados ou municípios nos quais houveram atrasos nos salários, o CF sofreu queda ou foi adiado. Uma alternativa a ser considerada em relação à FBKF é a implementação de "parcerias público-privadas", as 'PPP's, pelas quais parcela dos gastos em investimentos poderiam ser assumidos pelo setor privado, permitindo melhorar indicadores da infraestrutura. Ao governo caberia definir contratos que expressassem à sociedade, sob regulamentação explícita, as obrigações e compromissos mútuos dos contratantes, a serem acompanhados por agências reguladoras.

**TABELA 4 – BRASIL: DISTRIBUIÇÃO DA DEMANDA AGREGADA**  
(A Preços Correntes - Em R\$ bilhões)

Tipo de Demanda	2016 2ºTri	2016 3ºTri	2016 4ºTri	2017 1ºTri	2017 2ºTri	2017 3ºTri	2017 4ºTri	2018 1ºTri
<b>Consumo das famílias</b>	<b>960,0</b>	<b>1.009,6</b>	<b>1.042,2</b>	<b>1.003,6</b>	<b>1.021,1</b>	<b>1.048,8</b>	<b>1.089,5</b>	<b>1.046,3</b>
<b>Consumo do Governo</b>	<b>307,9</b>	<b>303,4</b>	<b>369,3</b>	<b>307,7</b>	<b>331,9</b>	<b>311,9</b>	<b>370,8</b>	<b>305,5</b>
<b>Investimento Bruto Interno</b>	<b>248,3</b>	<b>259,9</b>	<b>218,5</b>	<b>271,1</b>	<b>242,4</b>	<b>265,4</b>	<b>239,1</b>	<b>287,5</b>
Formação bruta de capital fixo	256,7	260,5	254,8	248,6	248,8	263,9	268	263,2
Variação de estoque	-8,4	-0,5	-36,3	22,4	-6,4	1,4	-28,9	24,3
<b>Balança Comercial</b>	<b>14,2</b>	<b>7,3</b>	<b>0,6</b>	<b>12,2</b>	<b>35,6</b>	<b>15,2</b>	<b>3,1</b>	<b>1,9</b>
Exportações	207,4	192,9	185,1	192,5	216,2	210,5	205,4	210,3
Importações (-)	193,2	185,6	184,5	180,3	180,6	195,2	202,2	208,4
<b>Demanda Agregada Total</b>	<b>1.530,4</b>	<b>1.580,2</b>	<b>1.630,6</b>	<b>1.594,5</b>	<b>1.630,9</b>	<b>1.641,4</b>	<b>1.702,6</b>	<b>1.641,1</b>

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores - Contas Nacionais Trimestrais - Valores a Preços Correntes) (Consulta em 30/05/2018)



## 1.4. Brasil: Grandes Agregados- Evolução de Oferta e Demanda

TABELA 5 – Brasil: Agregados do PIB em valores correntes  
(A Preços Correntes - Em R\$ Milhões)

Período	Agropecuária	Indústria	Serviços	Va	Impostos líquidos sobre produtos	PIB pm	Despesa de consumo das famílias	Despesa de consumo da administração pública	Formação bruta de capital fixo	Variação de estoques	Exportação de bens e serviços	Importação de bens e serviços (-)
2009	149.213	729.222	1.971.328	2.849.763	483.277	3.333.039	2.065.033	654.964	636.676	-10.193	361.680	375.120
2010	159.932	904.158	2.238.750	3.302.840	583.007	3.885.847	2.340.167	738.966	797.946	49.220	417.270	457.722
2011	190.024	1.011.034	2.519.403	3.720.461	655.921	4.376.382	2.637.814	817.038	901.927	53.274	501.802	535.473
2012	200.695	1.065.682	2.827.882	4.094.259	720.501	4.814.760	2.956.834	892.180	997.460	33.728	563.474	628.916
2013	240.290	1.131.626	3.181.844	4.553.760	777.859	5.331.619	3.290.422	1.007.275	1.114.944	41.685	620.077	742.784
2014	249.975	1.183.094	3.539.665	4.972.734	806.219	5.778.953	3.638.404	1.106.874	1.148.453	39.030	636.375	790.183
2015	258.967	1.160.772	3.735.862	5.155.601	840.186	5.995.787	3.835.193	1.185.776	1.069.397	-25.433	773.468	842.614
2016	306.163	1.144.111	3.957.736	5.408.010	851.218	6.259.228	4.007.330	1.262.802	1.009.176	-46.053	782.067	756.094
2017	299.469	1.211.986	4.137.102	5.648.557	911.384	6.559.940	4.161.220	1.315.136	1.025.615	-8.640	824.425	757.816
2018 1º Tri	93.946	291.651	1.015.037	1.400.633	240.477	1.641.110	1.046.311	305.454	263.155	24.312	210.278	208.400

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Nacionais Trimestrais – Publicação completa) (Consulta em 30/05/2018)

TABELA 6 – BRASIL: Participação percentual dos setores no valor adicionado

Especificação	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018 1º Tri
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>6,1</b>	<b>4,8</b>	<b>5,1</b>	<b>4,9</b>	<b>5,3</b>	<b>5,0</b>	<b>5,0</b>	<b>5,7</b>	<b>5,3</b>	<b>6,7</b>
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>25,4</b>	<b>27,4</b>	<b>27,2</b>	<b>26,0</b>	<b>24,9</b>	<b>23,8</b>	<b>22,5</b>	<b>21,2</b>	<b>21,5</b>	<b>20,8</b>
Extrativa Mineral	1,3	3,3	4,4	4,5	4,2	3,7	2,1	1,1	1,8	2,3
Transformação	15,8	15,0	13,9	12,6	12,3	12,0	12,2	11,9	11,8	10,6
Construção Civil	4,9	2,8	2,7	2,4	2,0	1,9	2,4	2,7	2,7	2,8
Prod. e distrib. de eletricidade, gás, água, esgoto e limp. urb.	3,4	6,3	6,3	6,5	6,4	6,2	5,7	5,4	5,2	5,1
<b>SERVIÇOS</b>	<b>68,5</b>	<b>67,8</b>	<b>67,7</b>	<b>69,1</b>	<b>69,9</b>	<b>71,2</b>	<b>72,5</b>	<b>73,2</b>	<b>73,2</b>	<b>72,5</b>
Comércio	11,8	12,6	12,9	13,4	13,5	13,6	13,3	12,9	12,7	12,5
Transporte, armazenagem e correio	5,1	4,3	4,4	4,5	4,5	4,6	4,4	4,3	4,4	4,2
Serviços de Informação	3,7	3,8	3,7	3,6	3,5	3,4	3,4	3,2	3,2	3,0
Intermediação financeira, seguros, prev. complementar e Serv. Relac.	7,3	6,8	6,4	6,4	6,0	6,4	7,1	8,2	7,9	7,9
Outros Serviços	15,1	8,3	8,4	8,8	9,2	9,3	9,7	9,7	9,7	10,0
Ativ. imobiliárias e aluguéis	8,4	15,7	15,9	16,5	16,9	17,4	17,4	17,3	17,7	17,6
Adm., saúde e educação públicas	17,0	16,3	16,1	15,9	16,4	16,4	17,2	17,5	17,6	17,2
<b>Valor adicionado a Preços Básicos</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Impostos sobre Produtos	16,2	17,7	17,6	17,6	17,1	16,2	16,3	15,7	16,1	17,2
<b>PIB a Preços de Mercado</b>	<b>116,2</b>	<b>117,7</b>	<b>117,6</b>	<b>117,6</b>	<b>117,1</b>	<b>116,2</b>	<b>116,3</b>	<b>115,7</b>	<b>116,1</b>	<b>117,2</b>

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Nacionais Trimestrais – Publicação completa) (Consulta em 30/05/2018)

TABELA 7 – BRASIL: Componentes da demanda no PIB (%)

Período	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018 1º Tri
Consumo das famílias	62,0	60,2	60,3	61,4	61,7	63,0	64,0	64,0	63,4	63,8
Consumo do governo	19,7	19,0	18,7	18,5	18,9	19,2	19,8	20,2	20,0	18,6
FBCF+variação de Estoques	18,8	21,8	21,8	21,4	21,7	20,5	17,4	16,1	15,6	17,5
Exportações de bens e serviços	10,9	10,7	11,5	11,7	11,6	11,0	12,9	12,5	12,6	12,8
Importações de bens e serviços	(11,3)	(11,8)	(12,2)	(13,1)	(13,9)	(13,7)	(14,1)	(12,1)	(11,6)	(12,7)
<b>PIB a preços de mercado</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Nacionais Trimestrais – Publicação completa) (consulta em 30/05/2018)



## 1.5 Paraná: Grandes Agregados

**PARANÁ E OS GRANDES AGREGADOS DAS CONTAS NACIONAIS:  
PIB E VALOR AGREGADO**

O que está contido nas Tabelas I, II, III, e IV, a seguir, se refere aos dados oficiais existentes a respeito do Produto Interno Bruto e Valor Agregado da economia do Estado do Paraná no período 2010 a 2015 (seis anos). Os dados foram divulgados pelo IBGE, que é a entidade do governo responsável pelo cálculo das Contas Nacionais.

O Produto Interno Bruto se refere ao conjunto de bens e serviços produzidos em um espaço geoeconômico, pela estrutura produtiva de bens e serviços existente, em um determinado período de tempo. Os setores de atividade econômica que compõem e integram o Produto Interno Bruto de uma economia são: PIB da Agricultura (setor Primário); PIB da Indústria (setor Secundário); e PIB de Serviços (setor Terciário). Essa classificação segue o modelo de Contas Nacionais da ONU, utilizado por todos os países quando quantificam ou comparam o desempenho de suas economias. O PIB é quantificado sempre a preços de mercado, ou seja, inclui a chamada tributação líquida, ou seja, Impostos Indiretos menos Subsídios= II -S.

Por outro lado, o Valor Agregado (V.A), é uma outra forma de mensuração do PIB, só que ele é a quantificação na conceituação de custo de fatores, ou seja o V.A não considera os impostos indiretos nem os subsídios (II-S), é quantificado conforme os custos efetivos dos fatores de produção. O Valor Agregado é menor que o PIB, dado que não inclui Impostos Indiretos e nem subsídios. (II são maiores que os Subsídios).

**TABELA I – PARANÁ: Valor adicionado (valores correntes - R\$ Milhões)**

	2010			2011			2012		
	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor
<b>TOTAL DAS ATIVIDADES</b>	192.925	-	-	218.851	13,44	-	242.927	11,00	-
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>17.801</b>	-	<b>9,23*</b>	<b>20.735</b>	<b>16,48</b>	<b>9,47*</b>	<b>22.230</b>	<b>7,21</b>	<b>9,15*</b>
Agricultura, apoio à agricultura e pós-colheita	11.688	-	65,66	14.725	25,99	71,01	15.709	6,68	70,66
Pecuária, inclusive apoio à Pecuária	4.027	-	22,62	4.455	10,63	21,48	4.979	11,76	22,40
Produção florestal, pesca e aquicultura	2.087	-	11,72	1.555	-25,47	7,50	1.543	-0,83	6,94
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>54.221</b>	-	<b>28,10*</b>	<b>62.005</b>	<b>14,36</b>	<b>28,33*</b>	<b>64.971</b>	<b>4,78</b>	<b>26,74*</b>
Extrativas	267	-	0,49	361	35,08	0,58	435	20,51	0,67
Transformação	33.819	-	62,37	38.288	13,21	61,75	36.285	-5,23	55,85
Eletricidade e gás, água, esgoto, gestão de resíduos e descontaminação	9.235	-	17,03	9.799	6,11	15,80	11.367	16,01	17,50
Construção	10.900	-	20,10	13.557	24,38	21,86	16.883	24,54	25,99
<b>SERVIÇOS</b>	<b>120.902</b>	-	<b>65,67*</b>	<b>136.111</b>	<b>12,58</b>	<b>62,19*</b>	<b>155.727</b>	<b>14,41</b>	<b>64,10*</b>
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	30.207	-	24,98	33.292	10,21	24,46	37.954	14,00	24,37
Transporte, armazenagem e correio	9.045	-	7,48	10.323	14,12	7,58	12.307	19,22	7,90
Alojamento e alimentação	2.906	-	2,40	3.769	29,67	2,77	5.072	34,58	3,26
Informação e comunicação	5.523	-	4,57	5.690	3,01	4,18	5.756	1,16	3,70
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	10.001	-	8,27	10.818	8,17	7,95	11.843	9,48	7,61
Atividades imobiliárias	16.027	-	13,26	17.870	11,50	13,13	20.463	14,51	13,14
Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares	12.061	-	9,98	14.638	21,37	10,75	16.416	12,15	10,54
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	23.733	-	19,63	26.956	13,58	19,80	30.958	14,85	19,88
Educação e saúde privadas	5.526	-	4,57	6.319	14,35	4,64	7.515	18,94	4,83
Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços	3.598	-	2,98	3.928	9,18	2,89	4.595	16,97	2,95
Serviços domésticos	2.275	-	1,88	2.508	10,28	1,84	2.846	13,46	1,83

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Regionais) (consulta em 13/06/2018)

(\*) Valores correspondentes à participação no valor agregado total do Paraná

## Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná - Julho / 2018

## 1.5 Paraná: Grandes Agregados

TABELA II – PARANÁ: Valor adicionado (valores correntes - R\$ Milhões)

	2013			2014			2015		
	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor	Valor corrente	% sobre o ano anterior	Participação % no Setor
<b>TOTAL DAS ATIVIDADES</b>	287.679	18,42	-	301.107	4,67		326.627	8,48	
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>29.915</b>	<b>34,57</b>	<b>10,40*</b>	<b>28.600</b>	<b>-4,40</b>	<b>9,50*</b>	<b>29.394</b>	<b>2,78</b>	<b>9,00*</b>
Agricultura, apoio à agricultura e pós-colheita	21.801	38,78	72,88	19.468	-10,70	68,07	20.358	4,57	69,26
Pecuária, inclusive apoio à Pecuária	6.477	30,10	21,65	7.255	12,00	25,37	7.220	-0,47	24,56
Produção florestal, pesca e aquicultura	1.637	6,10	5,47	1.877	14,69	6,56	1.816	-3,26	6,18
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>74.996</b>	<b>15,43</b>	<b>26,07*</b>	<b>75.758</b>	<b>1,02</b>	<b>25,16*</b>	<b>83.080</b>	<b>9,66</b>	<b>25,44*</b>
Extrativas	434	-0,16	0,58	492	13,24	0,65	565	14,85	0,68
Transformação	46.998	29,52	62,67	47.601	1,28	62,83	50.518	6,13	60,81
Eletricidade e gás, água, esgoto, gestão de resíduos e descontaminação	11.382	0,13	15,18	10.301	-9,50	13,60	14.251	38,35	17,15
Construção	16.183	-4,15	21,58	17.365	7,31	22,92	17.746	2,19	21,36
<b>SERVIÇOS</b>	<b>182.767</b>	<b>17,36</b>	<b>63,53*</b>	<b>196.748</b>	<b>7,65</b>	<b>65,34*</b>	<b>214.153</b>	<b>8,85</b>	<b>65,57*</b>
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	45.720	20,46	25,02	48.477	6,03	24,64	49.889	2,91	23,30
Transporte, armazenagem e correio	12.944	5,18	7,08	13.740	6,15	6,98	16.796	22,23	7,84
Alojamento e alimentação	5.705	12,48	3,12	6.040	5,88	3,07	5.619	-6,99	2,62
Informação e comunicação	7.608	32,18	4,16	8.051	5,82	4,09	8.741	8,58	4,08
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	12.916	9,05	7,07	14.162	9,65	7,20	15.181	7,19	7,09
Atividades imobiliárias	25.645	25,32	14,03	27.572	7,51	14,01	29.945	8,61	13,98
Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares	19.373	18,01	10,60	20.311	4,84	10,32	22.477	10,67	10,50
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	35.988	16,25	19,69	40.603	12,82	20,64	43.811	7,90	20,46
Educação e saúde privadas	9.485	26,22	5,19	9.409	-0,80	4,78	12.459	32,41	5,82
Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços	4.657	1,35	2,55	5.199	11,63	2,64	5.783	11,24	2,70
Serviços domésticos	2.727	-4,18	1,49	3.184	16,76	1,62	3.453	8,44	1,61

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Regionais) (consulta em 13/06/2018)

(\*) Valores correspondentes à participação no valor agregado total do Paraná

TABELA III: Participação do comércio de bens, serviços e turismo no Valor agregado da economia paranaense Ano: 2015 em R\$ Milhões			
	Valor corrente	Participação % no Setor	Participação % no Valor Agregado total do PR
<b>TOTAL DO SETOR SERVIÇOS OU TERCIÁRIO</b>	<b>214.153</b>	<b>-</b>	<b>65,57</b>
<b>Ramos do comércio de bens, serviços e turismo*</b>			
1. Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	49.889	23,30	15,27
2. Alojamento e alimentação	5.619	2,62	1,72
3. Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares	22.477	10,50	6,88
4. Educação e saúde privadas	12.459	5,82	3,81
5. Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços	5.783	2,70	1,77
6. Serviços domésticos	3.453	1,61	1,06
<b>Total de 1 a 6</b>	<b>99.680</b>	<b>46,55</b>	<b>30,52</b>

(\*) Do conjunto de componentes do setor serviços ou terciário não foram considerados em "bens, serviços e turismo" os ramos de:

1. Transporte, armazenagem e correio;
2. Informação e comunicação;
3. Atividades financeiras, de seguro e serviços relacionados;
4. Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social.
5. Atividades imobiliárias

Fonte: www.ibge.gov.br - (Indicadores – Contas Regionais) (consulta em 13/06/2018)

TABELA IV – PARANÁ: PIB (R\$ Milhões)				
	Valor a Preços Correntes de Mercado	Varição Nominal Sobre o Ano Anterior (%)	Varição Real no ano (%)	Participação PR / BR (%)
<b>2011</b>	257.122	14,17	4,6	6,02
<b>2012</b>	285.620	11,08	0,0	6,07
<b>2013</b>	333.481	16,76	5,5	6,25
<b>2014</b>	348.084	4,38	-1,5	6,02
<b>2015</b>	376.960	8,30	-3,4	6,29
<b>2016</b>	402.339	2,65	-2,3	6,43
<b>2017</b>	415.789	6,67	2,5	6,34

www.ipardes.gov.br (Consulta em 13/06/2018)

Paraná: 2016 e 2017: estimativas preliminares do IPARDES. Dados sujeitos a alteração

## 2. MERCADO DE TRABALHO

### 2.1. Mercado de Trabalho Brasileiro

Dentre os indicadores do mercado de trabalho no Brasil está a “criação de empregos” que, corresponde ao número de empregados admitidos menos os demitidos, fornecido pelo CAGED/MTE- Ministério do Trabalho e Emprego.

A criação de empregos no Brasil em janeiro/junho de 2018, melhorou em relação ao mesmo período de 2017, conforme os números da Tabela 8. O total do CAGED no primeiro semestre de 2018 foi a criação de 392.461 vagas.

As categorias de mercados existentes, sob uma abordagem macroeconômica, correspondem aos segmentos: 1) mercado de bens e serviços, onde ocorrem a produção, a demanda e a oferta; 2) mercado monetário-financeiro: oferta e demanda de moeda; 3) mercado de crédito: empréstimos a pessoas físicas e jurídicas; 4) mercado de capitais: ações e bolsa de valores; 5) mercado externo: exportações e importações; 6) mercado de trabalho: oferta e demanda de mão-de-obra, emprego e utilização da força de trabalho; 7) mercado cambial: oferta e demanda de divisas.

Devido fatores sazonais, dezembro gera poucos empregos na Indústria de Transformação, pois as encomendas do varejo para o final do ano: Black Friday, Natal, etc., ocorrem preferencialmente no período agosto/outubro. Todavia, para o mercado externo, via exportações, não ocorre queda substancial na indústria de Transformação, que pode manter empregos. A sazonalidade também reduz empregos no 1.º tri., período em que Indústria e Comércio elaboram planos e avaliam tendências da economia para o restante do ano e daí restringindo empregos em relação aos demais meses.

O Comércio tradicionalmente gera mais vagas temporárias no final de ano (e datas comemorativas) e demite pouco nesses períodos, até como estratégia de atendimento da demanda mais aquecida no período. Na verdade, a recessão em 2015/2016, contribuiu para conter ou adiar investimentos do biênio, em um ambiente de incertezas, que restringiu empregos e consumo.

As perspectivas economia brasileira para 2018, que apontavam para uma inversão de tendência até o 1.º trimestre do corrente ano, especialmente pela queda da inflação, redução dos juros e aumento do PIB em 2017, demonstram retração a partir de junho/2018, devido fatores restritivos surgidos e ocorrência de crises imprevistas como: bloqueio dos EUA a produtos brasileiros, aumento do preço do petróleo, greve dos caminhoneiros, e indefinições e instabilidades no ambiente político-eleitoral.

**TABELA 8 – BRASIL: CRIAÇÃO DE EMPREGOS POR SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA**  
(Número de Empregos Admitidos menos o Número de Demitidos)

Setor	2013	2014	2015	2016	2017	2018 Jan-Jun
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>244.446</b>	<b>-267.816</b>	<b>-1.048.250</b>	<b>-705.780</b>	<b>-134.293</b>	<b>124.258</b>
Extrativa Mineral	2.680	-2.348	-14.039	-11.888	-5.868	1.169
Transformação	126.359	-163.817	-608.878	-322.526	-19.900	75.726
Serviços Industriais de Utilidade Pública	8.383	4.825	-8.374	-12.687	-4.557	4.842
Construção Civil	107.024	-106.476	-416.959	-358.679	-103.968	42.521
<b>SERVIÇOS</b>	<b>870.853</b>	<b>665.179</b>	<b>-503.942</b>	<b>-603.125</b>	<b>76.457</b>	<b>197.869</b>
Comércio	301.095	180.814	-218.650	-204.373	40.087	-94.839
Administração Pública	22.841	8.257	-9.238	-8.643	-575	13.578
Outros Serviços (*)	546.917	476.108	-276.054	-390.109	36.945	279.130
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>1.872</b>	<b>-370</b>	<b>9.821</b>	<b>-13.089</b>	<b>37.004</b>	<b>70.334</b>
<b>TOTAL</b>	<b>1.117.171</b>	<b>396.993</b>	<b>-1.542.371</b>	<b>-1.321.994</b>	<b>-20.832</b>	<b>392.461</b>

Fonte: [www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br) (Consulta em 25/07/2018)

(\*) **Outros Serviços** conforme o CAGED, é formado por: a) Instituições financeiras; b) administração de imóveis e serviços técnicos profissionais; c) transporte e comunicação; d) alojamento, alimentação reparação e manutenção; e) médicos odontológicos; f) ensino. (\*) CAGED

**2. MERCADO DE TRABALHO****2.2. Mercado de Trabalho Paranaense**

O total de empregos criados no Paraná (CAGED) em janeiro/junho de 2018 superou o mesmo período do ano anterior e também ao total do ano anterior. Os setores/ramos que mais criaram empregos no Paraná no período estão na Tabela 9.

No biênio 2015/2016, os empregos criados no Paraná foram negativos, situação inversa à ocorrida de 2008 a 2014, quando houve em alguns ramos uma demanda de mão-de-obra acima da oferta. Até meados de 2014, foi comum o trabalhador optar pelo emprego em função da melhor remuneração e benefícios paralelos como: assistência-saúde, vale-alimentação e transporte.

Havia uma expectativa dos agentes econômicos que indicam um crescimento da economia em 2018, em relação ao verificado em 2017. Havia espaço para esse crescimento, especialmente considerando as inter-relações do agronegócio na economia do Estado e os decorrentes efeitos multiplicadores. No entanto, devido fatores de contenção surgidos e ocorrência imprevista de crises sobrepostas como: bloqueio dos EUA a produtos brasileiros (aço e alumínio); preço do petróleo no mercado mundial; preço dos derivados no mercado interno: gasolina, diesel, querosene, gás de cozinha; greve dos caminhoneiros e seus efeitos no faturamento do sistema de produção; ampliação de custos de transportes e logística; queda nas previsões de crescimento do PIB em 2018 ( de 2,9% a 3,0% para 1,9% a 2,0%); indefinições e instabilidades no ambiente político-eleitoral relacionado às eleições de outubro próximo; as previsões anteriores ficam todas comprometidas e passam a requerer uma revisão pelo setor público e pelo setor privado.

**TABELA 9 – PARANÁ: CRIAÇÃO DE EMPREGOS POR SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA**  
(Número de Empregos Admitidos menos o Número de Demitidos)

Período	Indústria (1)	Serviços				Agropecuária e Outros	Total
		Comércio Varejista	Comércio Atacadista	Administração Pública (2)	Outros Serviços (3)		
<b>2009</b>	<b>21.264</b>	<b>18.572</b>	<b>4.183</b>	<b>2.069</b>	<b>27.377</b>	<b>-4.381</b>	<b>69.084</b>
<b>2010</b>	<b>41.527</b>	<b>33.831</b>	<b>5.159</b>	<b>340</b>	<b>53.125</b>	<b>-2.375</b>	<b>131.607</b>
<b>2011</b>	<b>36.721</b>	<b>26.672</b>	<b>6.597</b>	<b>1.876</b>	<b>51.557</b>	<b>493</b>	<b>123.916</b>
<b>2012</b>	<b>41.809</b>	<b>26.864</b>	<b>5.910</b>	<b>1.573</b>	<b>50.357</b>	<b>6.110</b>	<b>132.623</b>
<b>2013</b>	<b>18.711</b>	<b>22.254</b>	<b>5.881</b>	<b>2.112</b>	<b>39.196</b>	<b>2.195</b>	<b>90.349</b>
<b>2014</b>	<b>-4.969</b>	<b>9.779</b>	<b>3.728</b>	<b>586</b>	<b>32.050</b>	<b>-162</b>	<b>41.012</b>
<b>2015</b>	<b>-62.118</b>	<b>-13.526</b>	<b>482</b>	<b>162</b>	<b>-4.659</b>	<b>2.516</b>	<b>-77.143</b>
<b>2016</b>	<b>-33.134</b>	<b>-8.059</b>	<b>247</b>	<b>-137</b>	<b>-11.826</b>	<b>-1.500</b>	<b>-54.409</b>
<b>2017</b>	<b>-402</b>	<b>1.869</b>	<b>2.030</b>	<b>-39</b>	<b>7.752</b>	<b>917</b>	<b>12.127</b>
Jun	-2.728	-782	-396	-43	-59	447	-3.561
Jul	17	-45	147	-181	772	249	959
Ago	501	585	124	-324	432	-138	1.180
Set	2.373	1.406	472	170	-767	-853	2.801
Out	592	2.338	536	-32	1.381	-66	4.749
Nov	-1.632	3.042	156	-50	218	-301	1.433
Dez	-14.461	-1.208	-712	-442	-7.471	-709	-25.003
<b>2018</b>	<b>11.861</b>	<b>-4.739</b>	<b>2.049</b>	<b>-185</b>	<b>22.570</b>	<b>474</b>	<b>32.030**</b>
Jan	7.017	-2.052	891	43	5.438	300	11.637
Fev	1.996	-1.860	1.045	122	6.115	285	7.703
Mar	2.716	-109	277	-13	4.059	-416	6.514
Abr	2.855	1.537	270	-126	4.301	391	9.228
Mai	-414	-588	-122	-184	3.010	96	1.798
Jun	-3.310	-1.885	-379	11	-466	-580	-6.609

Fonte: www.mte.gov.br (Consulta em 25/07/2018)- Valores sujeitos à alterações.

(1) Indústria compreende os ramos: 1) extrativa mineral; 2) transformação; 3) serviços industriais de utilidade pública; 4) construção civil.

(2) Compreende: administração pública, saúde e educação pública.

(3) O CAGED estabelece: a) Instituições financeiras; b) administração de imóveis e serviços técnicos profissionais; c) transporte e comunicação; d) alojamento, alimentação reparação e manutenção; e) médicos odontológicos; f) ensino.

(\*) Resultados acrescidos de ajustes conforme CAGED; a variação relativa tem por base: estoques do mês atual e de dezembro do ano t-1, ambos com ajuste.

(\*\*) A diferença entre a somatória total anual e os números dos meses respectivos se deve a ajustes efetuados pelo CAGED, entidade que fornece os dados.

**2. MERCADO DE TRABALHO****2.3. Taxa de desocupação**

No trimestre abril/junho/2018, a taxa de desocupação foi 12,4% ou 12,996 milhões de desocupados, menor em relação ao trimestre janeiro-março (13,1% ou 13,689 milhões de desocupados). Apesar de melhor desempenho em relação ao trimestre anterior, o número de desempregados/desocupados é elevado para um país que no 1.º trimestre de 2015( 1.º ano da recessão), apresentava um número absoluto de desempregados de 7,9 milhões de trabalhadores. O índice PNAD- Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios é utilizado para cálculo da Taxa de Desocupação, conceito mais amplo que a taxa de desemprego e que contempla um número maior de cidades.

No Paraná, a taxa de desocupação desde 2015 tem sido menor que a brasileira (até 1.º trimestre / 2017. Todavia, a desocupação no Paraná, comparada à da região Sul, desde 2015, até 1.º trimestre de 2018, é maior. A destacar, a menor desocupação em Santa Catarina.

TABELA 10- BRASIL E CURITIBA: TAXA DE DESEMPREGO		
Período	Taxa de Desemprego Variação %	
	Brasil	RM Curitiba (1)
2006	10,0	6,9
2007	9,3	6,2
2008	7,9	5,4
2009	8,1	5,4
2010	6,8	4,5
2011	6,0	3,7
2012	5,5	3,9
2013	5,4	--
2014	4,8	--
2015	6,8	--

TABELA 10.1 - PNAD: TAXA DE DESOCUPAÇÃO				
Período	Taxa de Desocupação Variação %			Desocupados (em milhares)
	Brasil	Sul	Paraná	Brasil
2015 1º Tri	7,94	5,10	5,30	7.934
2º Tri	8,31	5,52	6,20	8.354
3º Tri	8,88	5,99	6,10	8.979
4º Tri	8,96	5,70	5,80	9.073
<b>2015</b>	<b>8,52</b>	<b>5,58</b>	<b>5,90</b>	<b>8.585</b>
2016 1º Tri	10,90	4,75	8,10	11.089
2º Tri	11,30	5,17	8,20	11.586
3º Tri	11,80	5,04	8,50	12.022
4º Tri	12,00	4,94	8,10	12.342
<b>2016</b>	<b>11,50</b>	<b>5,00</b>	<b>8,20</b>	<b>11.760</b>
2017 1º Tri	13,70	9,29	10,30	14.176
2º Tri	13,00	8,40	8,90	13.486
3º Tri	12,40	7,9	8,5	12.961
4º Tri	11,80	7,7	8,3	12.311
<b>2017</b>	<b>12,70</b>	<b>8,3</b>	<b>9,0</b>	<b>13.234</b>
2018 1º Tri	13,1	8,4	9,6	13.689
Abr-Mai-Jun	12,4	-	-	12.966

(\*) A seguir, detalhes sobre os conceitos utilizados na Tabela 10.1.

-Taxa de desocupação: Percentual de pessoas desocupadas em relação às pessoas na força de trabalho,  $[\text{Desocupados} / \text{força de trabalho}] \times 100$ .

-Pessoas desocupadas: São classificadas como desocupadas na semana de referência as pessoas sem trabalho nessa semana, que tomaram alguma providência efetiva para consegui-lo no período de referência de 30 dias e que estavam disponíveis para assumi-lo na semana de referência. Consideram-se, também, como desocupadas as pessoas sem trabalho na semana de referência que não tomaram providência efetiva para conseguir trabalho no período de 30 dias porque já haviam conseguido trabalho que iriam começar após a semana de referência.

-Pessoas na força de trabalho: As pessoas na força de trabalho na semana de referência compreendem as pessoas ocupadas e as pessoas desocupadas no período.

Fontes: Brasil: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) - (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Mensal - PNAD) - (Consulta em 31/07/2018).  
RM Curitiba: [www.ipardes.gov.br](http://www.ipardes.gov.br) - (Indicadores Econômicos - Mercado de Trabalho) - (Consulta em 29/07/2018)

(1) IPARDES é o órgão responsável pelos dados do desemprego na Região Metropolitana de Curitiba.

### 3. NÍVEL DE SALÁRIO

#### 3.1. Salário Mínimo no Brasil

O salário mínimo, com correção anual definida pelo governo federal, tem a variação definida pela inflação acumulada nos 12 meses anteriores e mais um percentual variável de produtividade. É um valor de referência para a remuneração no país.

Os trabalhadores do comércio têm sua remuneração estabelecida a partir de uma correção igual ao valor da inflação sobre o salário anterior mais os percentuais de itens negociados na data base entre os sindicatos representativos das categorias de trabalhadores e de empresários do comércio. O início da vigência do novo salário possibilita um adicional na massa de salários para os trabalhadores e um correspondente aumento no poder de compra desses trabalhadores.

De 2005 a 2010, o percentual de reajuste foi superior à inflação dos doze meses anteriores, representando um aumento real de salários e no poder aquisitivo da população que tem o salário mínimo como referência de remuneração. Em 2011, o reajuste foi menor que a inflação. De 2012 a 2014 o reajuste do salário mínimo foi maior que a inflação de referência.

TABELA 11 – BRASIL: SALÁRIO MÍNIMO

Período	Valores em R\$	Variação (%)	Equivalência em US\$ (1)	Cotação do Dólar	Início da Vigência	Inflação no Período (%) (2)
2007	380,00	8,57	187,56	2,026	1/5/2007	3,21
2008	415,00	9,21	246,88	1,681	1/3/2008	3,77
2009	465,00	12,05	198,13	2,347	1/2/2009	5,32
2010	510,00	9,68	295,82	1,724	1/1/2010	3,81
2011	545,00	6,86	327,52	1,664	1/3/2011	7,54
2012	622,00	14,13	333,05	1,867	1/1/2012	4,86
2013	678,00	8,26	332,11	2,041	2/1/2013	5,84
2014	724,00	6,78	302,06	2,397	1/1/2014	5,91
2015	788,00	8,84	307,59	2,562	1/1/2015	6,41
2016	880,00	11,67	217,93	4,038	1/1/2016	10,67
2017	937,00	6,48	286,29	3,273	1/1/2017	6,29
2018	954,00	1,81	291,82	3,269	1/1/2018	2,95

Fonte: www.mte.gov.br – (Emprego e Renda – Salário Mínimo) (Consulta em 05/01/2018)

O salário mínimo –SM, foi criado pelo Decreto-Lei nº 2162 de 01/05/1940, passando a vigorar desde então. O país foi então dividido em 22 regiões (20 estados da época, mais território do Acre e Distrito Federal); os estados foram divididos em sub-regiões, num total de 50 sub-regiões. Para cada sub-região fixou-se um valor de SM, num total de 14 valores distintos para o Brasil. A relação entre maior e menor valor em 1940 era de 2,67. A primeira tabela do SM teve vigência de três anos; em julho de 1943 houve o primeiro reajuste, seguido de outro em dezembro do mesmo ano.

Em maio de 1984 ocorreu a unificação do SM no país. A partir de 1990, apesar dos altos índices de inflação, as políticas salariais buscaram garantir o poder de compra do SM, que apresentou crescimento real de 10,6% entre 1990 e 1994, em relação à inflação medida pelo INPC.

A estabilização pós Plano Real permitiu ao SM elevar ganhos reais em 28,3% de 1994 a 1999.

Os dados da evolução do SM desde 1940 permitem duas conclusões importantes: 1º) ao contrário de manifestações frequentes de que o poder de compra do SM seria hoje muito menor que na sua origem, os dados mostram não existir perda significativa; 2º) a estabilização dos preços a partir de 1994 permitiu significativa recuperação do poder de compra do SM desde a década de 50.

(1) Foi utilizado como referência o valor de venda do US\$-dólar no primeiro dia útil do mês da alteração salarial.

(2) O valor da Inflação se refere ao valor acumulado do IPCA, em relação ao salário anterior. O valor no período pode diferir da inflação anual. (Consulta em 05/01/2018).



### 3. NÍVEL DE SALÁRIO

#### 3.2. Salário Mínimo no Paraná

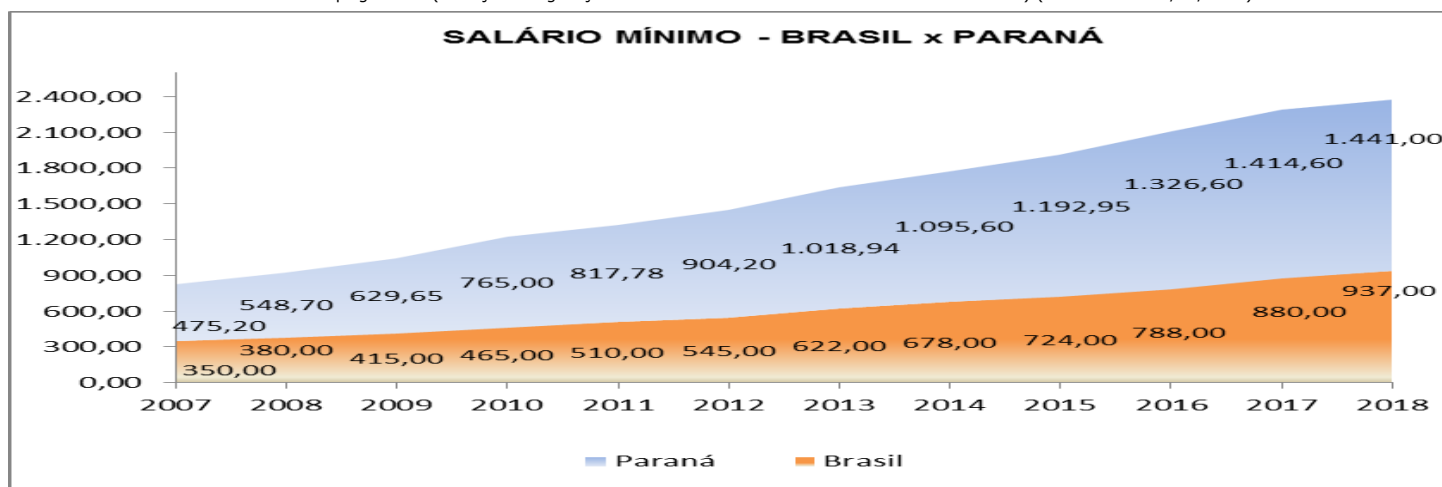
O Governo do Paraná instituiu, a partir de 2006, salário mínimo regional para categorias de trabalhadores que não possuíam: a) piso salarial estabelecido em convenção ou acordo coletivo de trabalho; b) piso salarial estabelecido em lei federal. Como exemplo, cabe citar: empregadas domésticas. Os valores na Tabela 12 correspondem ao teto máximo do reajuste.

As leis estaduais dos valores do salário mínimo no Paraná são: a) Lei 15.118 de 2006; b) Lei 15.486 de 2007; c) Lei 15.826 de 2008; d) Lei 16.099 de 2009; e) Lei 16.470 de 2010; f) Lei 16.807 de 2011; g) Lei 17.135 de 2012; h) Decreto 8.088 de 1º de maio de 2013; i) Lei 18.059 de 2014; j) Decreto 1.198 de 30 de abril de 2015; k) Decreto Lei 18766 de 01 de Maio de 2016; l) Decreto n.º 6638 de 12 de abril de 2017; M) Decreto Lei 8.865 de 28 de Fevereiro de 2018. O salário no Paraná e os percentuais de correção utilizados tem sido superiores aos valores do mínimo do governo federal.

TABELA 12 – PARANÁ: SALÁRIO MÍNIMO

Período	Valores em R\$	Variação (%)	Equivalência em US\$ (1)	Cotação do Dólar	Data de Vigência	Inflação no Período (%) (2)
2007	475,20	8,54	246,35	2,026	1/5/2007	3,00
2008	548,70	15,47	336,83	1,650	1/5/2008	5,04
2009	629,65	14,75	294,66	2,137	1/5/2009	5,53
2010	765,00	21,49	441,94	1,731	1/5/2010	5,22
2011	817,78	6,89	519,59	1,574	1/5/2011	5,21
2012	904,20	1,57	472,34	1,914	1/5/2012	4,48
2013	1.018,94	12,69	507,21	2,010	1/5/2013	7,22
2014	1.095,60	7,52	493,05	2,222	1/5/2014	6,28
2015	1.192,95	8,89	387,95	3,075	1/5/2015	8,17
2016	1.326,60	11,20	384,52	3,450	1/5/2016	9,39
2017	1.414,60	6,63	446,25	3,170	1/5/2017	4,57
2018	1.441,00	1,87	442,02	3,260	1/3/2018	2,86

Fonte: www.casacivil.pr.gov.br - (Serviços - Legislação - Decretos - Decreto 6638 de 12 de Abril de 2017) (Consulta em 01/03/2018).



(1) Foi utilizado como referência o valor de venda do US\$-Dólar no primeiro dia útil do mês da alteração salarial.

(2) O valor da Inflação se refere ao valor acumulado do IPCA, em relação ao salário anterior.

(3) Valor divulgado refere-se ao teto salarial máximo, segundo os grupos da classificação brasileira de ocupações: (IPCA de Abril a Maio)

**GRUPO I** - R\$ 1.247,40 para os Trabalhadores Empregados nas Atividades Agropecuárias, Florestais e da Pesca, correspondentes ao Grande Grupo Ocupacional 6 da Classificação Brasileira de Ocupações;

**GRUPO II** - R\$ 1.293,60 para os Trabalhadores de Serviços Administrativos, Trabalhadores Empregados em Serviços, Vendedores do Comércio, Lojas e Mercados e Trabalhadores de Reparação e Manutenção, correspondentes aos Grandes Grupos Ocupacionais 4, 5 e 9 da Classificação Brasileira de Ocupações;

**GRUPO III** - R\$ 1.339,80 para os Trabalhadores da Produção de Bens e Serviços Industriais, correspondentes aos Grandes Grupos Ocupacionais 7 e 8 da Classificação Brasileira de Ocupações;

**GRUPO IV** - R\$ 1.441,00 para os Técnicos de Nível Médio, correspondentes ao Grande Grupo 3 da Classificação Brasileira de Ocupações.



## 4. NÍVEL DE PREÇOS

### 4.1. Introdução

As oscilações e evolução dos níveis de preços constituem fatores importantes na avaliação conjuntural de uma economia. Os órgãos encarregados dessa mensuração devem utilizar metodologias consistentes que permitam captar adequadamente as variações nos preços. Ademais, os itens que compõem a cesta de bens a ser pesquisada para se realizar o cálculo da inflação devem representar os padrões de consumo das categorias de renda avaliadas.

Serão apresentados como representativos das variações de preços, dois indicadores:

**1.º) IPCA:** índice de preços ao consumidor ampliado, índice oficial de inflação do Brasil, obtido pelo IBGE. Representa variações de preços de produtos e serviços consumidos por famílias com renda até 40 salários mínimos, em diferentes regiões do País. Os índices obtidos em cada região são agregados conforme pesos pré-determinados relacionados à importância, dimensão e habitantes para a composição do índice nacional.

Os grupos de despesas que compõem o IPCA são os seguintes:

- 1) alimentação e bebidas;    2) habitação;    3) artigos de residência;
- 4) vestuário;    5) transportes;    6) saúde e cuidados pessoais;
- 7) despesas pessoais;    8) educação;    9) comunicação.

A base de cálculo do IPCA é composta de: **a)** doze (12) regiões metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Belém, Fortaleza, Salvador, Rio Branco, São Luiz, Aracaju; **b)** Distrito Federal; **c)** três (3) cidades: Goiânia, Vitória, Campo Grande.

**2.º) IPC:** inflação da cidade de Curitiba, calculado pelo IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (da Secretaria de Planejamento do Estado).

TABELA 13 – ÍNDICE DE PREÇOS

Índice	Entidade Elaboradora	Período de Coleta: dias	Base Geográfica	Renda Familiar	Uso Principal
1) IPCA <sup>(1)</sup>	IBGE	1 a 30 (mês civil)	11 Capitais (*)	1 a 40 SM	Inflação oficial do País Tem ampla aplicação.
2) IPC <sup>(2)</sup>	IPARDES /Curitiba	1 a 30	Curitiba	1 a 40 SM	Preços no varejo em Curitiba

### 4.2. Meta da Inflação

O regime de metas de inflação foi implantado em 1999. Nesse procedimento, as autoridades monetárias: Comitê de Política Monetária-COPOM, Conselho Monetário Nacional-CMN, Banco Central e Ministério da Fazenda – definem para o ano seguinte um valor limite para a inflação (meta), com oscilação para cima ou para baixo de 2 (dois) pontos e, no ano de referência, o posicionamento das autoridades visa o cumprimento da meta.

O valor da inflação definido na meta é obtido das análises do desempenho da economia no ano anterior, das tendências do mercado externo, das oscilações da demanda agregada e das variações de preços básicos (commodities agrícolas, petróleo, indústria extrativa mineral e siderurgia).

(1) IPCA - Preços ao Consumidor Amplo

(2) IPC - Preços ao Consumidor.

**4. NÍVEL DE PREÇOS****4.3. Taxa de Inflação**

Em junho, a inflação (1,26%) foi a maior do ano, fazendo com que no acumulado do ano os valores atingissem 2,60%; e, em 12 meses atingissem 4,39%. Havia expectativa dos agentes do crescimento da economia em 2018 comparado a 2017. A princípio, havia espaço para isso, considerando inter-relações do agronegócio na economia do Paraná e os decorrentes efeitos multiplicadores. No entanto, devido fatores de contenção surgidos e ocorrência de crises imprevistas sobrepostas como: bloqueio dos EUA a produtos brasileiros (aço e alumínio); preço do petróleo no mercado mundial; preço dos derivados no mercado interno: gasolina, diesel, querosene, gás; greve dos caminhoneiros e efeitos no faturamento do sistema de produção; ampliação de custos de transportes e logística; a queda continuada nas previsões de expansão do PIB em 2018 (de 2,9% a 3,0% para 1,5% a 1,8%); indefinições e instabilidades político-eleitorais relacionadas às eleições de outubro próximo; houve comprometimento das previsões anteriores (pública e privada). Assim, a inflação de 2018 deverá superar valores anteriormente previstos, e atingir valores acima da ocorrida em 2017.

As mudanças na política econômica em 2017, que tiveram como componentes principais: redução da taxa de juros, oferta agrícola excepcional que permitiu queda dos preços desse segmento, e aumento do PIB (1,0%) ainda poderiam causar algum efeito de contenção na inflação de 2018, mas apenas secundário. Ademais, o grande número de desocupados (sem emprego) e a ociosidade elevada da capacidade produtiva instalada da indústria, que refletiu nos fatores de produção capital/capacidade instalada mais o emprego, contribuíram para conter preços em 2017.

**TABELA 14 – TAXA DE INFLAÇÃO E META DE INFLAÇÃO**

Período	Brasil			Meta de Inflação (%)	Curitiba		
	IPCA (IBGE) (%)				IPC (IPARDES) (%)		
2009	4,31			4,5	3,88		
2010	5,91			4,5	5,09		
2011	6,50			4,5	5,81		
2012	6,20			4,5	5,91		
2013	5,56			4,5	6,17		
2014	6,41			4,5	6,05		
2015	10,67			4,5	10,71		
2016	6,29			4,5	5,40		
	Varição mensal	Acumulado no Ano	Acumulado 12 meses		Varição mensal	Acumulado no Ano	Acumulado 12 meses
<b>2017</b>		<b>2,95</b>		<b>4,5</b>		<b>3,93</b>	
Jun	-0,23	1,18	3,00		-0,22	1,15	2,30
Jul	0,24	1,43	2,71		0,42	1,58	2,08
Ago	0,19	1,62	2,46		0,65	2,24	3,06
Set	0,16	1,78	2,54		0,10	2,33	2,79
Out	0,42	2,21	2,70		0,56	2,90	3,00
Nov	0,28	2,50	2,80		0,25	3,16	2,93
Dez	0,44	2,95	2,95		0,75	3,93	3,93
<b>2018</b>				<b>4,5</b>			
Jan	0,29	0,29	2,86		-0,32	-0,32	2,67
Fev	0,32	0,61	2,84		-0,18	-0,49	2,22
Mar	0,09	0,70	2,68		0,12	-0,37	2,42
Abr	0,22	0,92	2,76		0,28	0,10	2,32
Mai	0,40	1,33	2,86		0,72	0,63	3,16
Jun	1,26	2,60	4,39		1,18	1,81	4,61

**Tabela 14.A – Maiores aumentos por grupos de despesas – Brasil (Junho)**

Habituação	2,48
Alimentação e Bebidas	2,03
Transportes	1,58

**Tabela 14.B – Menores aumentos por grupos de despesas – Brasil (Junho)**

Vestuário	-0,16
Comunicação	0,00
Educação	0,02

**Tabela 14.C – Maiores aumentos por localidades – Brasil (Junho)**

Belo Horizonte	1,86
Curitiba	1,56
Recife	1,47

**Tabela 14.D – Menores aumentos por localidades – Brasil (Junho)**

Belém	0,69
Rio Branco	0,77
Salvador	0,86

## 5. TAXA DE JUROS E POUPANÇA

Em junho e julho, os juros SELIC- COPOM/BC foram mantidos em 6,50% (prevalecem desde março), menor valor da década. A SELIC, referência para os demais juros no país, também constitui parâmetro para a dívida externa e para a correção da dívida pública. A taxa atual de 6,50%, no entanto, ainda é um valor alto, considerando que a inflação em cada ano do período 2016 e 2017 foi, respectivamente: 6,29% e 2,95%. O valor da SELIC atual(6,50%) equivale a uma taxa real de juros, sem inflação, de 4,5% a 5,0%, valor alto quando comparado aos juros de países ou economias desenvolvidas. Constitui indicador importante que pode influenciar a oferta de crédito a médio prazo, a gestão da dívida pública e até auxiliar na melhoria do PIB em 2018. Todavia, para uma economia como a brasileira, com muitas desigualdades e desequilíbrios internos, precisando redirecionar aplicações financeiras/especulativas para inversões em capital produtivo, é uma taxa elevada.

A taxa de 6,50% pode indicar o início de nova tendência, para 2018, desde que fatos imprevistos não venham a surgir ou afetem a economia.

O nível de emprego que era elevado até 1.º semestre de 2014, fez crescer componentes econômicos como: massa de salários, renda da população ativa e qualificada, poder aquisitivo, resultando em pressão de demanda sobre sistema de produção. Todavia, na conjuntura de 2018, verificam-se inversões devido o esgotamento do modelo anterior e elevação de desemprego/desocupação, quedas do PIB em 2015 e 2016 e as ocorrências em abril/maio/junho- 2018 de fatos como preços dos combustíveis, greve dos caminhoneiros, dólar elevado e efeitos paralelos, ainda não totalmente superados pelo país.

2015		2016		2017		2018	
Mês	Taxa Selic (%)	Mês	Taxa Selic (%)	Mês	Taxa Selic (%)	Mês	Taxa Selic (%)
Jan	12,25	Jan	14,25	Jan	13,00	Jan	7,00
Fev	12,25	Fev	14,25	Fev	12,25	Fev	6,75
Mar	12,75	Mar	14,25	Mar	12,25	Mar	6,50
Abr	13,25	Abr	14,25	Abr	11,25	Abr	6,50
Mai	13,25	Mai	14,25	Mai	10,25	Mai	6,50
Jun	13,75	Jun	14,25	Jun	10,25	Jun	6,50
Jul	14,25	Jul	14,25	Jul	9,25	Jul	6,50
Ago	14,25	Ago	14,25	Ago	9,25	Ago	
Set	14,25	Set	14,25	Set	8,25	Set	
Out	14,25	Out	14,00	Out	7,50	Out	
Nov	14,25	Nov	13,75	Nov	7,50	Nov	
Dez	14,25	Dez	13,75	Dez	7,00	Dez	

	2017	2018
Mês	Rentabilidade	Rentabilidade
Jan	0,6708	0,3994
Fev	0,5304	0,3994
Mar	0,6527	0,3855
Abr	0,5000	0,3715
Mai	0,5768	0,3715
Jun	0,5539	0,3715
Jul	0,5626	0,3715
Ago	0,5512	
Set	0,5000	
Out	0,4690	
Nov	0,4273	
Dez	0,4273	

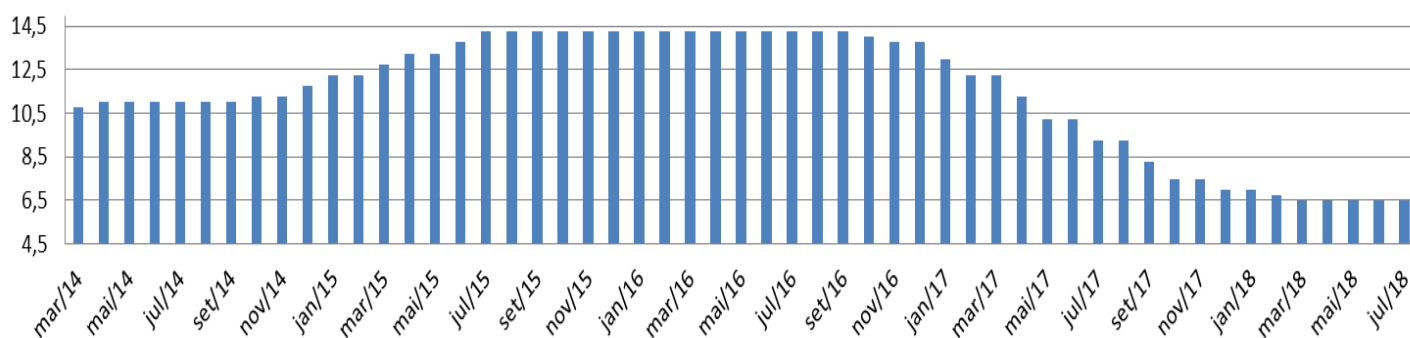
Fonte: www.bcb.gov.br – (Sistema de metas para a inflação – Copom) (Consulta em 25/07/2018)

Fonte: www.bcb.com.br (Economia e Finanças – Séries Temporais – Acesso ao Sistema de Séries Temporais

–Mercados Financeiros e de Capitais –Aplicações Financeiras –Caderneta de Poupança –Rentabilidade no Período) (Consulta: 25/07/2018)

(\*) A rentabilidade, TR+0,5% a.m., refere-se a cadernetas com aniversário no primeiro dia do mês posterior ao assinalado (maior concentração)

EVOLUÇÃO DA TAXA DE JUROS (SELIC) - 2014 a 2018



## 6. MERCADO DE AÇÕES

O Índice IBOVESPA em junho/2018 atingiu 82.800 pontos, que superou o mês anterior. Os números BOVESPA em todos os meses de 2018 superaram 80 mil pontos, ou seja, valores do Índice maiores que todos os meses de 2017. No corrente ano, surgiram incertezas e indefinições ocorridas na sequência da paralização dos caminhoneiros, preços dos combustíveis, alta do dólar e efeitos complementares. Os valores mensais do Bovespa de 2017, todos, superaram os de 2016.

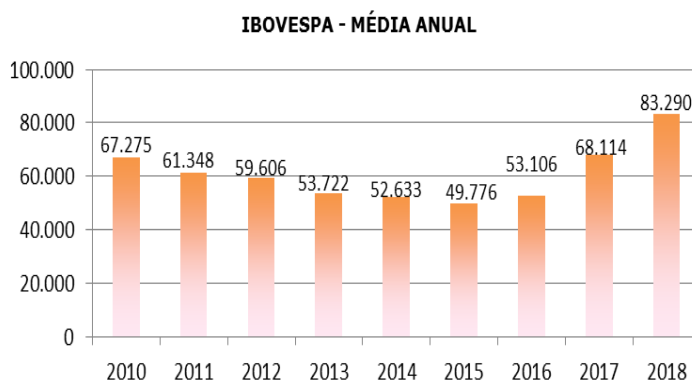
Verifica-se desde março de 2018 uma saída de aplicações em dólares do BOVESPA, devido mudanças na política econômica do governo dos EUA, que possibilitam aumento dos juros, mais emprego, queda na tributação e limitações quantitativas e sobretaxas às importações. Os investidores optaram então por economias mais sólidas e com bom desempenho. No mercado mundial, verifica-se também uma valorização de moedas fortes, como dólar e euro. Algumas variáveis recessivas ainda não foram superadas.

O governo brasileiro manifestou intenção de privatizar algumas empresas públicas, proposta que vem se defrontando com a oposição do Congresso Nacional. A realidade econômica atual ainda limita aplicações imobiliárias, principalmente devido incertezas em relação as eleições de outubro próximo.

Também o possível conflito de tarifas aduaneiras entre EUA e China e dos EUA com o Canadá e países do Euro geram algumas incertezas no mercado globalizado. A recuperação dos EUA permitiu um afluxo de aplicações e capital para aquele país e com valorização do dólar. O governo Trump, com decisões e deliberações imprevisíveis ou inconsistentes, gera inquietações no contexto mundial, muitas associadas aos conteúdos de seus pronunciamentos.

**TABELA 17 – BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO**

Período	Índice Bovespa (Pontos) (1) (2)	Variação Percentual (%)
<b>2009</b>	<b>52.748</b>	<b>-4,66</b>
<b>2010</b>	<b>67.275</b>	<b>27,54</b>
<b>2011</b>	<b>61.348</b>	<b>-8,77</b>
<b>2012</b>	<b>59.606</b>	<b>-2,84</b>
<b>2013</b>	<b>53.722</b>	<b>-9,87</b>
<b>2014</b>	<b>52.632</b>	<b>-2,03</b>
<b>2015</b>	<b>49.776</b>	<b>-5,43</b>
<b>2016</b>	<b>53.106</b>	<b>6,69</b>
<b>2017</b>	<b>68.114</b>	<b>28,26</b>
Jun	62.016	-4,85
Jul	64.504	4,01
Ago	64.997	6,67
Set	74.307	8,00
Out	76.116	2,43
Nov	73.358	-3,62
Dez	73.611	0,35
<b>2018</b>	--	--
Jan	81.711	11,00
Fev	84.276	3,14
Mar	85.354	1,28
Abr	84.653	-0,82
Mai	80.946	-4,38
Jun	82.800	2,29



Fonte: [www.bovespa.com.br](http://www.bovespa.com.br) - (Mercado - Ações - Índices - Índice Bovespa - Estatísticas Históricas - Evolução diária) (Consulta em 25/07/2018)

(1) Cálculo anual com base na média de cada mês.

(2) Cálculo mensal realizado através da média diária do fechamento do pregão no mês.

## 7. RISCO- PAÍS

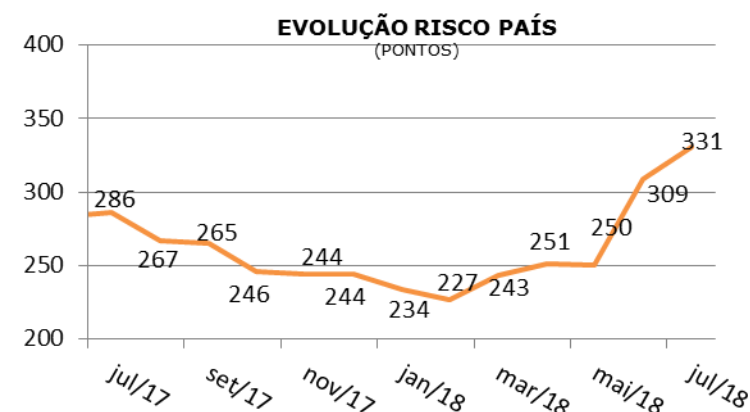
O risco-país mostra o grau de confiança dos investidores em relação à capacidade de pagamento das dívidas de um país. Quanto menor a possibilidade de honrar suas dívidas ou menor o grau de segurança proporcionado aos investidores, maior o risco do país não honrar débitos, tendo que pagar juros maiores aos adquirentes de seus títulos. Quanto maior o risco-país, maior a instabilidade econômica do país. O maior valor do risco-país/Brasil foi 2.436 pontos em set/2002, próximo das eleições presidenciais naquele ano; o menor foi 136 pontos em jan./2013. Possui características mais conjunturais que estruturais, vinculadas às circunstâncias e perspectivas predominantes no momento da mensuração.

Em julho de 2018, o risco –país do Brasil atingiu 331 pontos. Desde fevereiro/2018 (quando chegou a 227 pontos) , o valor do risco-país do Brasil vem se expandindo gradualmente, até chegar aos 331 pontos de julho, o maior do ano. O valor médio em 2017 foi 271 pontos, abaixo dos valores de 2015 e 2016. Quanto menor o risco-país, melhor, indicando tendência de estabilidade econômica, política e social. O risco-país do Brasil reflete o desempenho da economia, que apresenta muitas instabilidades econômicas e institucionais nesse momento. Inegavelmente, a queda da inflação e redução dos juros/SELIC-BC, desde 2017, contribuem para contenção da velocidade de crescimento do risco país atual. Se não fosse isso, o risco –país seria superior. Um dos fatores prejudiciais à melhora mais rápida do índice, além dos fatos recentes da instabilidade política, e os efeitos diretos e indiretos da greve dos caminhoneiros, são as indefinições e preocupações relativas às eleições de outubro próximo.

Há um grande espaço a ser percorrido para consolidar ou ampliar melhorias. Fatores importantes que podem contribuir para melhoria do risco-país são: continuidade da redução em 2018 da inflação e dos juros SELIC. Na sequência da “operação lava-jato” e de um novo cenário associado a correções da corrupção e propinas, pode-se esperar um risco-país a refletir uma desejada realidade para 2018.

**TABELA 18 – RISCO PAÍS**

Período	Risco País (*) (pontos)	Variação (%)
2009	306	8,89
2010	204	-33,33
2011	193	-10,29
2012	189	3,51
2013	207	9,41
2014	230	11,11
2015	336	46,27
2016	392	16,55
2017	271	-30,84
Mai	260	-3,70
Jun	284	9,23
Jul	286	0,70
Ago	267	-6,64
Set	265	-0,75
Out	246	-7,17
Nov	244	-0,81
Dez	244	0,00
2018	--	--
Jan	234	-4,10
Fev	227	-2,99
Mar	243	7,05
Abr	251	3,29
Mai	250	-0,40
Jun	309	23,60
Jul	331	7,12



(\*) Os valores mensais referem-se ao primeiro dia útil do mês.  
Fonte: www.ipeadata.gov.br (Consulta em 25/07/2018)

## 8. VARIAÇÃO DO DÓLAR

A cotação do dólar em junho/2018 (BC) atingiu R\$ 3,7407. Desde março/2018 a cotação do dólar vem crescendo, tendo dentre os fatores motivadores a elevação dos juros do Federal Reserve Bank, e os indicadores de crescimento da economia dos EUA: emprego, consumo privado, e restrições estabelecidas sobre bens importados pelo governo americano. A valorização do dólar incentiva exportações da economia brasileira.

A melhora na economia americana incentivou a valorização do dólar entre abril/2015 e junho/2016, estimulado ainda por outras alterações no exterior (melhora em economias desenvolvidas). Mas ao Brasil cabe culpa quando se avalia repercussões recentes dos desvios éticos e políticos e surgimento de novas denúncias.

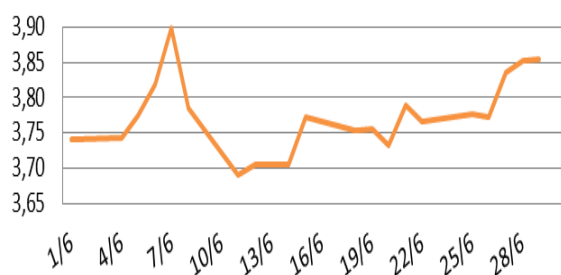
Os custos empresariais na indústria vem caindo devido a ociosidade da capacidade produtiva instalada e alta taxa de desemprego/desocupados o que contém a oferta e reduz o poder de compra da população. A adoção de inovações e modernização no processo produtivo, possibilita a geração de bens de maior valor agregado, e que permite faturamento superior ao das *commodities*. A demanda final de bens importados pelo Brasil já chegou a 25% do total da demanda interna.

De forma excepcional, o dólar poderá atingir maior valor, a depender dos efeitos da possível "guerra comercial" entre EUA e China, os conflitos entre EUA e países da Europa e também o Canadá. Essa possível ocorrência poderá afetar cotação internacional de produtos brasileiros e também da China e EUA.

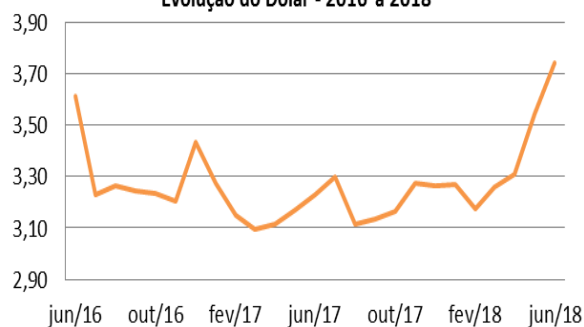
TABELA 19 – VARIAÇÃO DO DÓLAR (\*)

Período	2013 (R\$)	2014 (R\$)	2015 (R\$)	2016 (R\$)	2017 (R\$)	2018 (R\$)
Jan	2,0415	2,3969	2,6923	4,0380	3,2723	3,2691
Fev	1,9838	2,4084	2,6888	3,9979	3,1473	3,1724
Mar	1,9843	2,3234	2,8649	3,9907	3,0897	3,2614
Abr	2,0180	2,2614	3,1549	3,5793	3,1161	3,3098
Mai	2,0089	2,2215	3,0748	3,4985	3,1718	3,5418
Jun	2,1349	2,2634	3,1783	3,6120	3,2301	3,7407
Jul	2,2292	2,2048	3,1185	3,2292	3,3009	
Ago	2,2908	2,2600	3,4419	3,2656	3,1154	
Set	2,3637	2,2515	3,6719	3,2466	3,1327	
Out	2,2118	2,4617	3,9788	3,2332	3,1636	
Nov	2,2462	2,4833	3,8120	3,2047	3,2730	
Dez	2,3443	2,5618	3,8739	3,4356	3,2630	

Evolução do Dólar- Junho 2018



Evolução do Dólar - 2016 a 2018



Fonte: www.bc.gov.br - (Câmbio e Capitais Internacionais - Taxas de câmbio - Cotações e boletins) (Consulta em 25/07/2018)

(\*) Cotações com base no valor de compra do dólar no primeiro dia útil do mês, conforme Banco Central.





## **II. ATIVIDADE EMPRESARIAL**

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná - Julho / 2018

### **9. COMÉRCIO VAREJISTA NO PARANÁ**

#### **9.1. DESEMPENHO EM MAIO DE 2018**

##### **1. INTRODUÇÃO**

Em maio, a pesquisa da FECOMÉRCIO-PR sobre o desempenho do varejo do Paraná, registrou resultados positivos em todas as comparações: a) acumulado do ano b) mês anterior e c) mesmo mês do ano anterior.

No acumulado do ano (jan-mai/2018 em relação a igual período de 2017), houve crescimento de 5,8% nas vendas do comércio paranaense, com destaque para aumento das vendas em "concessionárias de veículos" (35,19%) que contou com forte expansão em todos os polos pesquisados e em "materiais de construção" (11,86%) impulsionado principalmente pela região Oeste, onde este setor cresceu 40,43%. Em contrapartida, o setor "vestuário e tecidos" registrou queda em todos os polos, resultando em queda de 10,67% no Paraná.

A comparação com o mês imediatamente anterior (maio/2018 em relação a abril/2018) apresentou alta nas vendas de 1,59%. O maior crescimento verificado neste comparativo foi do ramo "calçados" (17,86%), possibilitado pelo aumento significativo nas vendas de todos os polos, especialmente em Ponta Grossa, onde o cresceu 71,33%. Também contando com desempenho positivo em todas as regiões, o ramo "lojas de departamentos" cresceu 17,5%. Porém, houve queda de 14,99% nas vendas de "ópticas, cine-foto-som".

Em relação ao mesmo mês do ano anterior (maio/2018 comparado a maio/2017) houve crescimento de 3,3%, com grande influencia positiva de "concessionárias de veículos" (25,98%) e de "material de construção" (17,82%). Estes dois ramos correspondem a efetivação de compras que requerem prévios planejamentos de gastos e reservas financeiras dos consumidores. Ou seja, grande percentual dos adquirentes desses dois ramos, podem ter planejado em meses anteriores a viabilização futura da compra para 2018, especialmente considerando o aumento do PIB verificado em 2017, após dois anos de queda. Cabe menção à redução de 16,19% na venda de "combustíveis" que pode ter sido provocada pela política de preços da Petrobrás, que reajusta o preço de acordo com o valor do barril de petróleo no mercado internacional, cotado em dólar. Dessa forma, a alta do dólar verificada ao longo de 2018 ocasionou, dentre outros fatores, o aumento do preço dos combustíveis em todo o país, levando parte dos consumidores a buscar formas alternativas de transporte para reduzir os gastos com combustível. Consequentemente, o ramo "Auto peças" também foi impactado negativamente (-13,81%) devido a menor circulação de veículos.

A queda da confiança dos empresários do comércio, mensurada pela CNC através do Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC) mostra que a recuperação que o varejo apresentou no primeiro trimestre de 2018, começou a perder fôlego já no início do segundo trimestre. O ritmo lento da economia, o tímido avanço do mercado de trabalho e a greve dos caminhoneiros de maio, influenciaram a queda do Índice da Situação Atual e principalmente do Índice de Expectativas, divulgados na Sondagem do Comércio pela FGV, mostrando que os empresários ainda estão cautelosos em relação aos próximos meses.

O desempenho positivo no período janeiro/maio foi mantido pelo comércio eletrônico, o *e-commerce* (conforme o *E-bit*). As pesquisas tradicionais (IBGE, por exemplo) ainda não conseguiram inserir na respectiva quantificação as inovações nas vendas, cada vez mais praticadas pelo varejo, e que demonstram uma ascensão significativa, cujo crescimento tem sido superior ao das vendas tradicionais, especialmente junto aos consumidores até 40 anos.

<b>Dias úteis de abertura e funcionamento do comércio</b>			
2018	Maio: 25	Abril: 24	Março: 26
2017	Maio: 26	Abril: 23	Março: 25,5*

(\*): Março/2017: dia 1.º quarta-feira de cinzas após o carnaval, considerou-se como metade do dia útil.

## 2. NÚMEROS

Uma síntese das vendas de Abril consta a seguir.

TABELA 1 - VARIAÇÃO DAS VENDAS EM ABRIL DE 2018							
Variação das Vendas: ABRIL 2018 em relação a	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)	PARANÁ (%)
1. Mês anterior	-7,48	-3,16	-6,28	-5,73	-10,67	-1,42	-6,13
2. Mesmo mês ano anterior	-1,38	24,82	5,01	25,22	-1,32	10,21	8,48
3. Acumuladas no ano	0,32	13,66	3,62	20,08	1,75	4,27	6,34

Uma síntese das vendas de Maio consta a seguir.

TABELA 2 - VARIAÇÃO DAS VENDAS EM MAIO DE 2018							
Variação das Vendas MAIO 2018 em relação a	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)	PARANÁ (%)
1. Mês anterior	4,65	-3,39	-1,13	2,08	0,98	-2,40	1,59
2. Mesmo mês ano anterior	0,98	2,31	-2,91	18,64	0,91	-6,42	3,30
3. Acumuladas no ano	0,56	11,08	2,79	19,78	1,52	2,12	5,80

Fonte: Pesquisa do Comércio Varejista da Fecomércio-Pr

### 3. DESTAQUES NO PARANÁ EM MAIO DE 2018:

#### 3.1 Maiores crescimentos percentuais de vendas (faturamento) no Paraná:

Sobre Mês Anterior (%)		Sobre mesmo mês de 2017 (%)		Acumulado Do Ano (Jan-Mai- 2018) (%)	
1. Calçados	17,86	1. Concessionárias de veículos	25,98	1. Concessionárias de veículos	35,19
2. Lojas de departamentos	17,50	2. Mat. de construção	17,82	2. Mat. de Construção	11,86
3. Vestuário e tecidos	13,90	3. Super e hipermercados	7,94	3. Lojas de departamentos	8,19
4. Super e hipermercados	8,71	4. Lojas de departamentos	4,01	4. Super e hipermercados	2,21
5. Combustíveis	5,71	5. Farmácias e drogarias	-7,80	5. Farmácias e Drogarias	-2,00

#### 3.2 Menores crescimentos percentuais de vendas (faturamento) no Paraná:

Sobre Mês Anterior (%)		Sobre mesmo mês de 2017 (%)		Acumulado Do Ano (Jan-Mai- 2018) (%)	
1. Óticas e cine-foto-som	-14,99	1. Liv. e papelarias	-18,76	1. Vestuário e tecidos	-10,67
2. Concessionárias de veículos	-8,83	2. Vestuário e tecidos	-17,02	2. Combustíveis	-7,56
3. Auto peças	-7,79	3. Combustíveis	-16,19	3. Móveis dec. e util. dom.	-7,48
4. Liv. e papelarias	-4,54	4. Auto peças	-13,81	4. Auto peças	-6,30
5. Móveis, dec. e útil. dom.	-3,16	5. Óticas e cine-foto-som	-11,27	5. Calçados	-4,70

#### 3.3 Polos pesquisados e Ramos de maior e menor crescimento em 2018 (acumulado Jan-Mai 2018):

Ramos de:	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)
<b>Maior crescimento</b>	<b>Concessionárias de veículos</b> 31,37	<b>Concessionárias de veículos</b> 32,55	<b>Concessionárias de veículos</b> 33,90	<b>Concessionárias de veículos</b> 78,37	<b>Calçados</b> 43,31	<b>Loja de departamentos</b> 23,58
<b>Menor crescimento</b>	<b>Combustíveis</b> -26,67	<b>Calçados</b> -8,41	<b>Auto peças</b> -20,66	<b>Loja de departamentos</b> -14,51	<b>Vestuário e Tecidos</b> -12,55	<b>Óticas e cine-foto-som</b> -13,46

## 9. COMÉRCIO VAREJISTA NO PARANÁ

### 4. O DESEMPENHO DO VAREJO DO PARANÁ

A combinação entre o cenário de controle da inflação, os juros básicos em níveis historicamente baixos e a reação do consumo nos últimos meses vinha permitindo o contínuo, porém cada vez mais lento, resgate do nível de confiança no comércio varejista brasileiro e também sustentando números positivos no desempenho das vendas nos polos pesquisados pela FECOMERCIO-PR, especialmente em ramos que tradicionalmente dependem de crédito, como “concessionárias de veículos”, que no acumulado do ano (jan-mai) apresentou crescimento expressivo nas regiões de Curitiba (31,37%), Londrina (32,55%), Maringá (33,90%) e Região Oeste (78,37%), e também “materiais de construção”.

Entretanto, o varejo foi negativamente impactado, principalmente através do desabastecimento nos segmentos de combustíveis e de supermercados, contribuindo significativamente para o aumento da inflação de junho. Conforme pesquisa da Confederação Nacional do Comércio (CNC), no início de junho, comerciantes de 17 estados do País apontaram que seus estoques estavam abaixo do ideal, duas semanas após a crise de desabastecimento, 15,2% dos varejistas brasileiros ainda consideram que o nível dos seus estoques está aquém do adequado. Nos três meses anteriores à paralisação, esse percentual foi, em média, de 13,8%. Já em Curitiba, o desabastecimento de bens duráveis atingiu 23,5% dos varejistas. Segundo cálculos da CNC, entre os dias 21 de maio e 4 de junho, somente nos segmentos de supermercados e de combustíveis, o varejo paranaense perdeu R\$ 547 milhões.

Apesar dos prejuízos causados pelas greves, há expectativa de aumento na exportação de grãos, devido à desvalorização do real frente ao dólar, beneficiando, principalmente, a região Oeste, principal região produtora de grãos no Estado. Entraves comerciais com a União Europeia e China, reduziram as exportações de frango, que tem grande participação nas exportações totais do Paraná.

A indústria paranaense de frigoríficos teve de assumir prejuízos até então não ocorridos anteriormente.

### 5. O DESEMPENHO DO VAREJO DO BRASIL

Apesar do resultado positivo apresentado no acumulado do ano no varejo paranaense e brasileiro (PMC-IBGE), até maio de 2018, as projeções de diversas organizações de avaliação de conjuntura vêm apresentando queda para o desempenho do PIB. Uma quantificação prévia, no início do ano, para o crescimento do PIB do Brasil em 2018 era de 2,85%. As alterações conjunturais verificadas, internas e externas, justificaram revisão a previsão inicial para a qual se tem atualmente uma redução para 1,53%.

Alguns fatores podem contribuir para explicar a queda nas previsões de expansão do PIB da economia brasileira em 2018, dos quais podem ser destacados alguns deles:

1. A “guerra fiscal” entre EUA e China;
2. A decisão dos EUA em abril/maio de 2018 de estabelecer sobretaxas e quotas de exportação, respectivamente, ao alumínio e ao aço brasileiro. A indústria brasileira argumenta que o aço exportado para os EUA será utilizado como insumo no processo produtivo daquele país, que poderá elevar os preços internos;
3. A consistência atual do desempenho da economia dos EUA representa uma realidade que explica, em parte, a valorização do dólar no mercado mundial. Nesse sentido, destacam-se: crescimento do PIB dos EUA, em paralelo à elevação do emprego e queda na tributação, importantes para expansão do consumo privado (das famílias). Ainda: há indicadores que apontam para elevação dos juros pelo Federal Reserve Bank (Banco Central dos EUA). A conjugação desses fatores estimula investidores globais a aplicarem em títulos dos EUA e não de países não desenvolvidos ou com sinais de crise econômica;
4. Há uma fuga das aplicações dos mercados menos consistentes para o mercado americano, mais confiável, seja nos títulos públicos do governo ou bolsas de valores;
5. A Argentina diante da crise cambial interna do dólar em abril, poderia adiar ou suspender importações do Brasil, levando a restrições na economia brasileira, especialmente considerando que a Argentina é o segundo maior importador do Paraná;
6. Nesse momento, já conhecidos alguns dos efeitos da greve dos caminhoneiros, instituições brasileiras adotaram mudanças em relação ao que prevalecia até então: redução do preço do diesel, novas tarifas de transporte de carga (ainda não totalmente consolidado), inserção pelo Banco Central do Brasil (BCB) no mercado de divisas de US\$ 20 bilhões de dólares, extraídos da reserva cambial de US\$ 380 bilhões existente no BCB;

Atualmente a economia brasileira se revela muito vulnerável à essa série de variáveis externas que contem o crescimento econômico e comprometem as perspectivas de melhora no curto e médio prazo. Soma-se ainda uma grande questão: o que poderia ocorrer no processo eleitoral de outubro de 2018?

**9. COMÉRCIO VAREJISTA NO PARANÁ****TABELA 21 – VENDAS EM MAIO DE 2018 COMPARADAS AO MÊS ANTERIOR (ABRIL DE 2018)**

Ramos de Atividade Mais Representativos do Comércio	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Região Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)
1. Concessionárias de Veículos	-3,87	-15,37	-10,46	-15,33	7,06	-11,35
2. Móveis, Decorações e Utilidades Domésticas	-4,68	11,09	-1,97	-6,93	-	36,90
3. Autopeças e Acessórios	-15,07	-	-25,53	5,48	-21,27	-10,42
4. Materiais de Construção	2,18	-5,51	-11,42	19,97	7,59	-3,27
5. Lojas de Departamentos	15,38	23,50	17,68	16,79	11,25	24,93
6. Supermercados	11,90	6,27	6,57	1,92	3,70	1,62

Fonte: Pesquisa do Comércio Varejista da Fecomércio-PR

**TABELA 22 – VENDAS EM MAIO DE 2018 COMPARADAS AO MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR (MAIO DE 2017)**

Ramos de Atividade Mais Representativos do Comércio	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Região Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)
1. Concessionárias de Veículos	29,87	14,87	15,26	46,75	25,12	-14,51
2. Móveis, Decorações e Utilidades Domésticas	-9,09	-7,02	-10,16	-12,22	-	17,06
3. Autopeças e Acessórios	-25,58	-	-19,45	-3,63	-19,02	-12,32
4. Materiais de Construção	5,92	2,17	20,28	71,13	12,78	10,54
5. Lojas de Departamentos	2,39	23,35	14,90	-15,48	14,51	34,77
6. Supermercados	10,12	3,74	6,90	3,98	3,43	4,55

Fonte: Pesquisa do Comércio Varejista da Fecomércio-PR

**TABELA 23 – VENDAS ACUMULADAS NO ANO DE 2018 (Jan-Mai) COMPARADAS A (Jan-Mai) DE 2017**

Ramos de Atividade Mais Representativos do Comércio	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Região Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)
1. Concessionárias de Veículos	31,37	28,57	33,90	78,37	33,29	4,35
2. Móveis, Decorações e Utilidades Domésticas	-10,24	-6,63	1,46	5,97	-	-0,39
3. Autopeças e Acessórios	-14,74	-	-20,66	4,63	-6,36	4,07
4. Materiais de Construção	2,99	4,81	13,47	40,43	-2,95	0,48
5. Lojas de Departamentos	12,74	15,07	20,84	-14,51	24,38	23,58
6. Supermercados	2,09	0,02	3,94	2,74	0,78	0,97

Fonte: Pesquisa do Comércio Varejista da Fecomércio-PR

**TABELA 24 – VENDAS NOS PÓLOS DE COMÉRCIO PESQUISADOS PELA FECOMÉRCIO-PR (Variação em Relação ao Mês Anterior)**

Período	RM de Curitiba (%)	Londrina (%)	Maringá (%)	Região Oeste (%)	Ponta Grossa (%)	Sudoeste (%)	PARANÁ (%)
<b>2016</b>	--	--	--	--	--	--	--
<b>2017</b>	--	--	--	--	--	--	--
Jan	-16,70	-11,81	-25,96	-20,42	-19,54	-20,63	<b>-17,28</b>
Fev	-12,26	-12,24	-5,64	-9,34	-3,98	-11,63	<b>-10,92</b>
Mar	15,30	13,62	11,85	21,95	15,12	27,86	<b>15,49</b>
Abr	-5,72	-1,86	-7,20	-11,65	-5,25	-21,12	<b>-5,88</b>
Mai	3,69	9,33	6,99	7,06	1,69	12,40	<b>5,96</b>
Jun	-7,18	-5,35	0,02	4,86	-4,66	-1,55	<b>-4,23</b>
Jul	5,07	-2,71	-0,97	5,71	4,03	9,95	<b>2,50</b>
Ago	-1,86	-1,18	2,39	-0,15	-0,48	6,78	<b>-0,88</b>
Set	-7,33	-0,45	-6,72	1,28	-2,16	-17,48	<b>-4,30</b>
Out	2,99	-6,51	1,53	-4,62	0,43	8,98	<b>-0,68</b>
Nov	4,78	2,17	2,81	5,05	0,88	1,57	<b>3,85</b>
Dez	5,05	17,21	23,68	13,58	24,63	16,91	<b>11,77</b>
<b>2018</b>	--	--	--	--	--	--	--
Jan	-14,47	-18,96	-18,97	-16,13	-20,33	-9,25	<b>-16,34</b>
Fev	-13,10	-8,77	-5,52	-7,26	-4,46	-13,03	<b>-10,25</b>
Mar	17,04	13,55	12,84	21,27	18,71	3,59	<b>16,41</b>
Abr	-7,48	-3,16	-6,28	-5,73	-10,67	-1,42	<b>-6,13</b>
Mai	4,65	-3,39	-1,13	2,08	0,98	-2,40	<b>1,59</b>

(Variação Acumulada no Ano %)

Jan – Mai/18 Sobre Jan – Mai/17	0,56	11,08	2,79	19,78	1,52	2,12	5,80
---------------------------------	------	-------	------	-------	------	------	------

Fonte: Pesquisa Conjuntural do Comércio da Fecomércio-PR (Consulta em 10/07/2018)

**10. OUTROS INDICADORES RELATIVOS AO COMÉRCIO E CONSUMIDORES****10.1 Sondagem do Comércio/FGV****a) Índice de Confiança**

Em julho de 2018 o índice de confiança foi de 3,8, revertendo a tendência de queda que se mantinha desde março de 2018, quando atingiu 11,8.

**b) Índice de expectativas**

O índice de expectativa também reverteu a sequência de queda vigente no ano. Pela primeira vez na série observada o índice subiu em relação ao mês anterior, atingindo 2,3 em julho.

**10.2. Sondagem do Consumidor / FGV****a) Índice de confiança**

O índice de confiança apresentou uma leve alta, subindo de 0,4 em junho para 1,6 em julho.

**b) Índice de Expectativas**

O índice de expectativas ainda se mantém em níveis negativos. Saiu de -0,7 em maio para -0,4 em julho.

**10.3 Confiança do Empresário do Comércio (ICEC) / CNC (escala: 0 a 200)**

a) Em escala de 0 a 200, o índice apresentou queda em julho, atingindo 103,9. O índice acima de 100 indica otimismo por parte do empresário, mas vem apresentando queda desde abril de 2018.

**10.4 Intenção de Consumo das Famílias (ICF) / CNC (escala 0 a 200)**

a) Em julho, atingiu 85,1. O índice abaixo de 100 indica pessimismo ou falta de confiança do consumidor. Em 2018 o índice ainda não atingiu níveis de confiança positivos.

**TABELA 25 – Índices Sondagem COMÉRCIO FGV**

Meses	Índice de Confiança	Índice de Expectativas
Jan/18	14,1	10,6
Fev/18	11,7	6,2
Mar/18	11,8	4,9
Abr/18	8,0	3,9
Mai/18	4,6	1,4
Jun/18	3,0	-0,3
Jul/18	3,8	2,3

**TABELA 26 – Índices Sondagem CONSUMIDOR FGV**

Meses	Índice de Confiança	Índice de Expectativas
Jan/18	8,9	9,3
Fev/18	6,5	7,2
Mar/18	7,7	7,7
Abr/18	6,6	6,2
Mai/18	4,4	2,5
Jun/18	0,4	-0,7
Jul/18	1,6	-0,4

Diferença sobre o mesmo período do ano anterior (em pontos) – série original

Fonte: <http://portalibre.fgv.br/> (acesso em 27/07/2018)

**TABELA 27 – Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec - CNC) Escala: 0 - 200**

Meses	Índice (sem ajuste sazonal)
Jan/18	110,1
Fev/18	113,2
Mar/18	114,5
Abr/18	114,5
Mai/18	113,8
Jun/18	109,0
Jul/18	103,9

**TABELA 28 – Intenção de consumo das Famílias (ICF - CNC) Escala: 0 - 200**

Meses	Índice (sem ajuste sazonal)
Jan/18	83,6
Fev/18	87,1
Mar/18	88,0
Abr/18	86,9
Mai/18	87,1
Jun/18	86,7
Jul/18	85,1

Fonte: [www.cnc.org.br](http://www.cnc.org.br) (acesso em 27/07/2018)

**11. ABERTURA DE EMPRESAS NO PARANÁ**

O período janeiro-abril/2018 apresentou bom desempenho, com a criação de mais de 15 mil empresas, sendo o maior número das sociedades relacionadas a grupos empresariais.

Considerando o período iniciado em 2006, o ano que apresentou o menor número de empresas abertas no Paraná foi 2016: 39.489 empresas, que demonstra a contenção da atividade econômica no Estado, como reflexo do quadro restritivo no país, decorrente do somatório de mudanças conjunturais e limitações surgidas ou intensificadas no ano. O segundo menor número de empresas criadas foi em 2017: 43.204 empresas, ou seja, dois anos marcados pela recessão.

Em 2017, a abertura superou 2016. As previsões indicavam continuidade do crescimento para 2018 sobre 2017 e 2016. Esta expectativa, todavia, poderá não se confirmar devido as diversas crises econômicas específicas no 1.º sem. /2018, mais incertezas associadas às eleições de outubro/2018.

Tradicionalmente, em dezembro, o número de empresas abertas é menor, uma característica do período, fase em que as programações dos empresários visam mais o ano seguinte. No final do ano, surgem indicativos das intenções futuras do governo e possíveis alterações nas políticas econômicas. Dentre as empresas abertas, predominam micros e pequenas.

**TABELA 29 – ABERTURA DE EMPRESAS NO PARANÁ**  
(Conforme Natureza Jurídica)

Período	Empresário (1)	EIRELI (2)	Soc. Empresarial (3)	S/A	Cooperativa	Outros	TOTAL
<b>2011</b>	<b>21.927</b>	<b>0</b>	<b>33.074</b>	<b>1.049</b>	<b>195</b>	<b>80</b>	<b>56.325</b>
<b>2012</b>	<b>19.348</b>	<b>2.392</b>	<b>28.774</b>	<b>901</b>	<b>186</b>	<b>142</b>	<b>51.743</b>
<b>2013</b>	<b>19.109</b>	<b>3.864</b>	<b>28.431</b>	<b>758</b>	<b>186</b>	<b>79</b>	<b>52.436</b>
<b>2014</b>	<b>16.056</b>	<b>4.836</b>	<b>23.901</b>	<b>653</b>	<b>206</b>	<b>69</b>	<b>45.721</b>
<b>2015</b>	<b>27.347</b>	<b>7.975</b>	<b>28.897</b>	<b>753</b>	<b>186</b>	<b>40</b>	<b>65.198</b>
<b>2016</b>	<b>14.380</b>	<b>6.465</b>	<b>18.151</b>	<b>317</b>	<b>146</b>	<b>30</b>	<b>39.489</b>
<b>2017</b>	<b>15.894</b>	<b>7.738</b>	<b>18.966</b>	<b>426</b>	<b>146</b>	<b>34</b>	<b>43.204</b>
Mar	1.657	705	1.791	31	7	1	4.192
Abr	1.145	545	1.380	26	8	1	3.105
Mai	1.496	676	1.681	24	8	2	3.887
Jun	1.428	667	1.590	33	9	5	3.732
Jul	1.410	695	1.697	38	11	5	3.856
Ago	1.611	811	2.037	44	30	1	4.534
Set	1.319	713	1.628	22	14	5	3.701
Out	1.319	744	1.790	37	12	3	3.905
Nov	1.158	613	1.527	52	19	4	3.373
Dez	854	513	1.167	61	15	4	2.614
<b>2018</b>	<b>5.459</b>	<b>2.809</b>	<b>6.588</b>	<b>132</b>	<b>63</b>	<b>13</b>	<b>15.064</b>
Jan	951	541	1.351	25	11	2	2.881
Fev	1.285	625	1.448	29	10	6	3.403
Mar	1.660	838	1.854	41	29	4	4.426
Abr	1.563	805	1.935	37	13	1	4.354

Fonte: www.jucepar.pr.gov.br – (Relatório estatístico – Novas empresas) (Consulta em 31/07/2018)  
Últimos dados disponíveis: Abril de 2018 (consulta em 31/07/2018)

(1) Empresário corresponde a antiga firma individual (sem sócios)  
(3) Sociedade Empresarial relaciona-se a um grupo empresarial.

(2) Empresa Individual de Responsabilidade Limitada

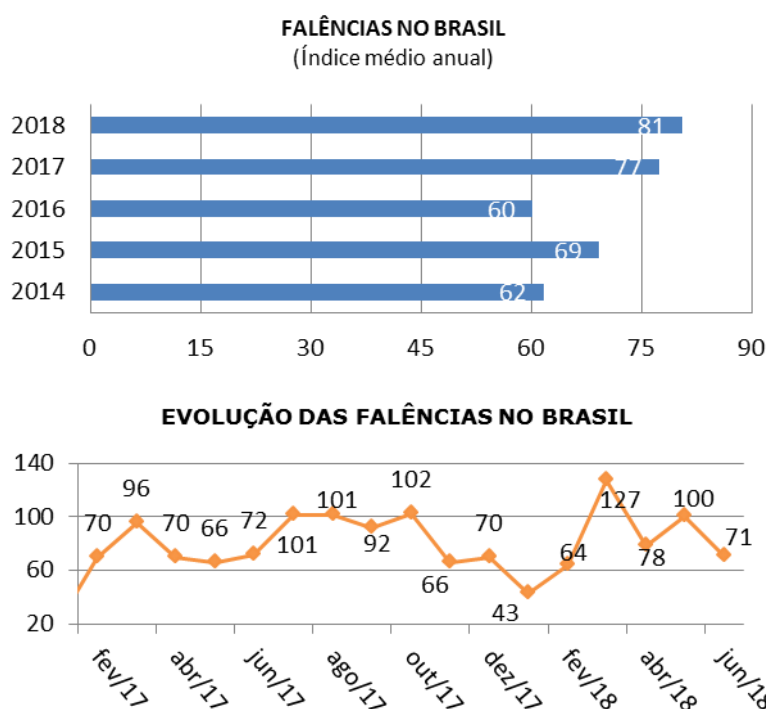
## 12. FALÊNCIAS DECRETADAS NO BRASIL

Em junho/ 2018, o índice de falências em relação ao mês anterior caiu para 71. O índice de falências tende a refletir características e heterogeneidades temporais, regionais ou setoriais, ou ainda oscilações conjunturais que influenciam comportamento dos agentes econômicos, dos consumidores, e respectiva capacidade de regularização ou quitação de dívidas anteriores. Constitui também indicador importante do sucesso (ou não) das políticas econômicas, e pode indicar a conveniência de mudanças e adequação das políticas de governo às diversidades do espaço geoeconômico brasileiro. Há que se considerar ainda que o comércio vem adotando precauções e procedimentos mais seletivos e modernizados no processo de vendas, bem como praticando renegociações com devedores visando reduzir inadimplências ou ainda abrindo oportunidades para facilitar o pagamento de dívidas.

As falências podem ser vistas de forma associada ao desempenho da economia (aquecimento ou desaquecimento), relações externas e globalização, poder de compra e renda disponível dos consumidores, massa de salários e emprego na economia, distribuição de renda, além de outros indicadores da economia.

**TABELA 30 – FALÊNCIAS NO BRASIL**

Período	Índice
2011	53
2012	57
2013	62
2014	62
2015	69
2016	60
2017	77
Jun	72
Jul	101
Ago	101
Set	92
Out	102
Nov	66
Dez	70
2018	--
Jan	43
Fev	64
Mar	127
Abr	78
Mai	100
Jun	71



Fonte: www.serasa.com.br - (Empresas - Índices econômicos - Falências) (Consulta em 25/07/2018)



**13. CRÉDITO: DEMANDA E INADIMPLÊNCIA****13.1. Demanda de Crédito**

A demanda de crédito em junho/2018 foi 138,3, uma queda significativa após três meses(março a maio) nos quais havia superado 142 pontos. A ocorrência de **elevação da demanda de crédito** pode indicar, dentre outros aspectos: esgotamento da capacidade de endividamento (ou pagamento) do consumidor, que o leva a buscar financiamento; maior dependência de financiamentos para efetivar consumo; quedas na renda, emprego e poder de compra; dificuldade em regularizar empréstimos; incertezas do mercado de trabalho e receio do desemprego; além de expectativas negativas para o futuro. Por outro lado, a **queda na demanda de crédito** pode indicar: superação de dificuldades pelo consumidor que permitem não recorrer a créditos/empréstimos no mercado; maior renda e capacidade de pagamento; ou a intenção do consumidor de não recorrer às compras financiadas; taxas de juros muito altas; necessidade de priorizar regulação de dívidas anteriores; ou o comprometimento da renda do consumidor é superior à sua capacidade de pagamento, o que o leva a não ampliar empréstimos ou crédito; aumento do emprego e poder de compra; rejeição do consumidor a novos empréstimos. Poderá ser considerado efeito da conscientização do consumidor quanto ao consumo de bens não essenciais: ele se limita a itens básicos: alimentos, remédios e higiene. Assim, a piora do quadro ético/político do País e a recessão econômica podem afetar a busca de crédito.

Há diferenças na demanda de crédito, conforme especificidades das regiões do país. O desemprego poderá requerer novas linhas de crédito ou renegociação de dívidas.

**TABELA 31 – INDICADOR SERASA EXPERIAN DE DEMANDA DO CONSUMIDOR POR CRÉDITO (MÉDIA DE 2008 = 100)**

Ano: 2017/2018	Região					Renda Pessoal Mensal						Total
	CO	N	NE	S	SE	até R\$ 500	R\$ 500 a R\$ 1.000	R\$ 1.000 a R\$ 2.000	R\$ 2.000 a R\$ 5.000	R\$ 5.000 a R\$ 10.000	mais de R\$ 10.000	
Jul/17	135,8	159,5	157,0	129,6	131,9	161,7	138,9	133,4	129,8	130,7	132,5	<b>137,1</b>
Ago/17	142,0	162,0	169,1	138,6	139,3	184,1	146,3	140,0	136,0	136,9	139,0	<b>145,3</b>
Set/17	131,2	155,6	154,0	126,8	131,2	184,2	134,2	129,6	125,9	126,8	128,2	<b>135,2</b>
Out/17	147,0	134,5	143,0	140,3	142,9	187,8	140,4	133,0	144,4	159,7	159,4	<b>142,4</b>
Nov/17	138,9	153,9	165,1	140,9	138,9	199,3	143,4	137,6	133,5	134,1	136,0	<b>144,2</b>
Dez/17	138,3	151,9	161,7	127,7	133,4	194,4	137,5	131,3	127,5	128,3	129,7	<b>138,2</b>
Jan/18	148,5	158,6	164,9	135,8	141,4	198,0	144,6	139,4	135,2	136,3	138,0	<b>145,5</b>
Fev/18	125,7	134,0	158,0	110,7	121,5	171,7	125,7	120,9	116,9	117,8	120,5	<b>126,3</b>
Mar/18	146,8	159,6	165,5	134,2	136,9	197,4	142,0	136,3	132,8	134,2	135,8	<b>142,9</b>
Abr/18	151,2	162,3	165,9	132,5	135,6	197,8	141,4	135,9	132,2	133,4	135,0	<b>142,5</b>
Mai/18	156,8	172,1	175,8	139,8	139,9	207,4	147,4	141,8	137,6	138,8	140,0	<b>148,6</b>
Jun/18	152,8	164,3	162,1	130,4	128,9	195,2	136,5	131,8	128,4	129,8	131,8	<b>138,3</b>

Fonte: www.serasa.com.br – (Índices Econômicos – Demanda do Consumidor por Crédito) (Consulta em 25/07/2018)

**13.2. Inadimplência**

Inadimplente é considerado o consumidor que atrasa o pagamento por mais de 90 dias. A seguir, apresenta-se a inadimplência pelo índice Boa Vista. O indicador de inadimplência é elaborado a partir da quantidade de novos registros negativos informados pelas empresas em virtude do não pagamento de compromissos financeiros firmados. O valor de março no país superou em mais de 20,0% o índice de fevereiro. Já em junho foi o menor do semestre: caiu para 99,4. As séries encadeadas têm como base a média de 2011 =100 e passam por ajuste sazonal para avaliação da variação mensal.

**TABELA 32 – REGISTRO DE INADIMPÊNCIA BOA VISTA- Inclusões sazonalizadas**

Base 2011=100	REGIÕES					
	CO	N	NE	S	SE	BR
Jan/18	128,3	115,4	118,1	114,5	92,6	<b>103,7</b>
Fev/18	116,6	100,8	104,3	115,5	94,2	<b>100,7</b>
Mar/18	135,9	120,8	121,8	135,2	118,3	<b>122,6</b>
Abr/18	125,0	111,1	114,7	135,2	101,9	<b>110,5</b>
Mai/18	127,5	111,5	120,7	127,5	110,9	<b>116,0</b>
Jun/18	110,5	97,6	98,2	122,3	93,4	<b>99,4</b>

Fonte: www.boavistaservicos.com.br/economia/registro-de-inadimplencia/ (Consulta em 25/07/2018)  
Dados sujeitos à alterações.

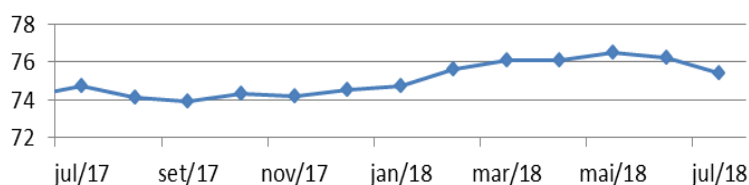
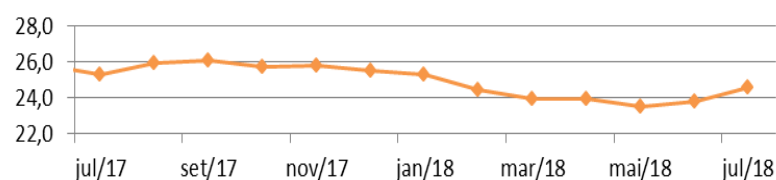
**14. NÍVEL DE UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE PRODUTIVA INSTALADA-NUCI NA INDÚSTRIA**

O NUCI de julho/2018: 75,4%, foi o menor desde fevereiro/2018. O índice de ociosidade de junho/2018 subiu para foi 23,8%. Os números do ano indicam maior produção (e menor ociosidade) em 2018, comparada a 2017. A ampliação da produção se relaciona a elevação da demanda: poderá ser atendida, em um primeiro momento, sem novos investimentos, devido a ociosidade anterior já existente da capacidade produtiva instalada e não utilizada. Ao governo, caberá adotar política econômica adequada para incentivar a produção e demanda, visando conter ociosidade. A greve dos caminhoneiros comprometeu a capacidade produtiva da indústria no Brasil.

A Tabela 34 – IBGE indica a produção física de cada um dos ramos da indústria de transformação.

**TABELA 33 – Nível de Utilização da Capacidade Produtiva Instalada na Indústria (\*)**

Período	NUCI (%)	Ociosidade (%)
2011	84,0	16,0
2012	83,9	16,1
2013	84,3	15,7
2014	83,4	16,6
2015	79,3	20,7
2016	74,6	25,4
2017	74,4	25,6
Jul	74,7	25,3
Ago	74,1	25,9
Set	73,9	26,1
Out	74,3	25,7
Nov	74,2	25,8
Dez	74,5	25,5
2018	--	--
Jan	74,7	25,3
Fev	75,6	24,4
Mar	76,1	23,9
Abr	76,1	23,9
Mai	76,5	23,5
Jun	76,2	23,8
Jul	75,4	24,6

**NUCI NO BRASIL****Ociosidade**

Fonte: <http://portalibre.fgv.br> - (índice de sondagem da indústria) (Consulta 27/07/2018)

(\*) Cálculo anual com base na média mensal do período.

**TABELA 34 - Produção Física Industrial, por seções e atividades industriais - Variação percentual acumulada no ano (Base: igual período do ano anterior) (%)**

	2015	2016	2017	2018 Maio
<b>1 Indústria geral</b>	<b>-8,3</b>	<b>-6,4</b>	<b>2,5</b>	<b>2,0</b>
2 Indústrias extrativas	3,9	-9,4	4,6	-1,2
3 Indústrias de transformação	-9,8	-6,0	2,2	2,5
3.10 Fabricação de produtos alimentícios	-1,8	1,1	1,1	0,0
3.11 Fabricação de bebidas	-4,7	-3,2	0,8	0,6
3.12 Fabricação de produtos do fumo	-9,3	-21,7	20,4	-8,3
3.13 Fabricação de produtos têxteis	-15,0	-4,5	5,6	0,6
3.14 Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-11,7	-5,8	3,5	-3,5
3.15 Preparação e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-7,7	-1,3	1,3	-5,5
3.16 Fabricação de produtos de madeira	-4,6	1,3	1,9	6,2
3.17 Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	-0,6	2,4	3,3	3,6
3.18 Impressão e reprodução de gravações	-18,9	-11,2	-9,3	-3,8
3.19 Fabricação de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis	-5,9	-8,5	-4,1	-1,3
3.20B Fabricação de sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, perfumaria e higiene pessoal	-3,7	-1,4	2,2	3,2
3.20C Fabricação de outros produtos químicos	-6,2	-1,0	0,3	-2,9
3.21 Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-12,4	-2,5	-5,3	4,7
3.22 Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	-9,3	-6,9	4,5	2,9
3.23 Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-7,7	-10,7	-3,1	-2,2
3.24 Metalurgia	-8,4	-6,4	4,7	6,3
3.25 Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-11,5	-10,6	-0,9	0,4
3.26 Fabricação de equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos	-30,1	-13,8	19,6	21,4
3.27 Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-12,0	-7,3	-3,5	-1,5
3.28 Fabricação de máquinas e equipamentos	-14,5	-11,7	2,6	4,6
3.29 Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	-25,9	-12,1	17,2	16,4
3.30 Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos	-9,3	-21,7	-10,1	-1,4
3.31 Fabricação de móveis	-13,8	-10,2	4,6	5,3
3.32 Fabricação de produtos diversos	-4,5	-8,6	3,6	-0,6
3.33 Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-7,9	-7,4	6,3	2,1

Fonte: [www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br) (Consulta em 25/07/2018)



## III. SETOR PÚBLICO

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná - Julho / 2018

### 15. ARRECAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL

A receita do governo federal em janeiro-junho/2018, deflacionada, superou valores referentes ao mesmo período de 2017. Indica crescimento real, com expansão superior à inflação do período anterior. As projeções até o 1.º trimestre de 2018 relativas ao desempenho da economia brasileira no decorrer do ano indicavam melhoria comparado a 2017. No entanto, não é possível fazer projeções sobre a evolução da receita do governo federal para o ano de 2018, devido instabilidades econômicas surgidas: movimento dos caminhoneiros, elevação do dólar, sobretaxas e cotas limites dos EUA para alumínio e aço brasileiro, guerra comercial EUA x China e também as incertezas em relação às eleições de outubro próximo. A recuperação de alguns ramos da economia ou a obtenção de um PIB em 2017 superior ao de 2016, permitiram aumentar a receita real em 2017 sobre 2016. Os indicadores que contribuíram para a melhoria foram: queda da inflação, redução dos juros SELIC, maiores saldos das contas externas apontavam, melhores resultados em 2018, mas em percentuais inferiores ao previsto pelos órgãos de análise econômica.

Para 2018, o governo federal já anunciou intenção de efetuar nova liberação de saldos de contas do PIS/PASEP e antecipação da liberação de 13.º salário para aposentados do INSS.

Fatos sazonais influenciam tradicionalmente o processo de arrecadação do governo: no último trimestre do ano há expansão na receita, associada ao aquecimento de vendas; em janeiro, ocorre a maior arrecadação mensal federal, devido o recolhimento referente a dezembro, mês de maiores vendas; fevereiro e março se caracterizam por apresentarem receitas menores.

Os produtos de alta e média tecnologia, com elevado valor agregado e geração de impostos, mas de reduzida participação nas exportações brasileiras, tem pequena parcela na receita.

A arrecadação sobre pessoas físicas e jurídicas se dá nos três níveis: Federal, Estadual e Municipal na forma de: a) impostos; b) taxas; c) contribuições; d) transferências; e) aluguéis; f) previdência social <sup>(1)</sup>; g) outras receitas: multas, vendas de imóveis públicos, etc. Destinam-se a custear políticas públicas, além da "máquina" pública e pagamento da dívida pública.

**TABELA 35 – EVOLUÇÃO DA ARRECAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL (2) (Em R\$ Milhões)**

Período	Valor a Preços Correntes	Valor a Preços de Jun/2018 (IPCA)	Variação %
<b>2014</b>	<b>1.187.950</b>	<b>1.515.923</b>	<b>27,61</b>
<b>2015</b>	<b>1.221.546</b>	<b>1.430.690</b>	<b>17,12</b>
<b>2016</b>	<b>1.289.904</b>	<b>1.388.139</b>	<b>7,62</b>
<b>2017</b>	<b>1.342.408</b>	<b>1.396.387</b>	<b>4,02</b>
Abr	118.047	123.328	4,47
Mai	97.694	101.749	4,15
Jun	104.100	108.671	4,39
Jul	109.948	114.501	4,14
Ago	104.206	108.316	3,94
Set	105.595	109.584	3,78
Out	121.144	125.194	3,34
Nov	115.089	118.605	3,06
Dez	137.842	141.430	2,60
<b>2018</b>	<b>714.255</b>	<b>725.438</b>	<b>1,57</b>
Jan	155.619	159.209	2,31
Fev	105.122	107.204	1,98
Mar	105.659	107.655	1,89
Abr	130.806	132.985	1,67
Mai	106.192	107.530	1,26
Jun	110.855	110.855	0,00

**TABELA 35.1 – ARRECAÇÃO FEDERAL SEGMENTADA POR TIPO DE TRIBUTO (a preços de Jun/18 – IPCA) Jun/18 (R\$ milhões)**

Imposto sobre importação	3.588
IPI Total	4.195
IR Total	30.037
IR Pessoa Física	3.027
IR Pessoa Jurídica	6.983
IR Retido na Fonte	20.027
IOF	3.228
COFINS	19.854
PIS / PASEP	5.279
CSLL	4.055
Cide – Combustíveis	368
Outras Receitas	2.364
Receita Previdenciária	32.548
Receita Administrada por Outros Órgãos	2.723
<b>TOTAL DAS RECEITAS</b>	<b>110.855</b>

Fonte: www.receita.fazenda.gov.br (Consulta em 25/07/2018)

**TABELA 36 – PARTICIPAÇÃO DA CARGA TRIBUTÁRIA NO PIB – 2012 a 2016 (Em R\$ bilhões)**

Componentes	2012	2013	2014	2015	2016
Produto Interno Bruto	4.703,86	5.331,62	5.778,95	5.996,00	6.259,23
Arrecadação Tributária Bruta	1.571,17	1.736,00	1.841,63	1.925,45	2.027,01
<b>Carga Tributária Bruta</b>	<b>32,63%</b>	<b>32,56%</b>	<b>31,87%</b>	<b>32,11%</b>	<b>32,38%</b>

Fonte: www.receita.fazenda.gov.br – (Carga Tributária no Brasil 2016) (Consulta em 27/07/2017).

- (1) Contribuições à Previdência Social – CPS: É grande fonte de receita do Governo, raramente usada para financiar programas. Motivo: é considerada como contribuição para posterior devolução. É uma arrecadação do governo, para custear aposentadorias dos que pagaram pela Previdência. Constitui, portanto, uma receita previamente comprometida. Em condições normais, a possibilidade de utilização da receita previdenciária para custear despesas diferentes da Previdência é, praticamente, zero. Em condições excepcionais, no entanto, o governo pode recorrer à receita da Previdência para custear despesas urgentes ou casos de calamidade pública, com a posterior reposição, para não prejudicar o cidadão beneficiário da previdência.
- (2) Arrecadação: refere-se à Receita Administrada pela RFB (impostos e contribuições) mais as Demais Receitas (taxas e contribuições controladas por outros órgãos)

**16. Dívida Pública Federal Interna e Externa - DPFIE**

Em junho de 2018, a dívida pública federal interna e externa: R\$ 3,75 bilhões, aumentou, superando a dívida existente em dezembro/2017 (R\$ 3,56 bilhões). Desde setembro de 2016, quando atingiu R\$ 3 trilhões, a dívida pública federal vem se mantendo acima desse patamar. Dentre os componentes principais da dívida, podem ser mencionados: taxa real de juros SELIC ainda elevados (mesmo com queda da SELIC para os atuais 6,50% desde março de 2018); recessão na economia (em especial, 2015 e 2016), que comprometeram o PIB, a receita fiscal-tributária e, mais ainda, o surgimento das dificuldades éticas e políticas internas. As questões éticas e políticas também contribuíram para limitar a atividade econômica, reduzir o emprego e ocupação da mão-de-obra economicamente ativa disponível, conter a receita do governo e postergar investimentos públicos em infraestrutura e adiar ou conter investimentos privados do sistema de produção.

A gestão da dívida mostrou maior rapidez de crescimento após 2010. Ou seja, até 2009, as providências mais rígidas e o maior poder de controle, foram mais eficientes; no entanto, após 2010, os gastos crescentes num ambiente de ampliação de subsídios, incentivos fiscais-tributários e queda na receita, levaram à explosão da dívida em 21,65% (2015 sobre 2014), de 11,46% (2016 sobre 2015) e 14,34% (2017 sobre 2016), indicando descontrole comparado aos percentuais anteriores. Importante é a identificação seletiva de componentes da dívida, na relação: objetivos buscados e viabilizados X obtidos.

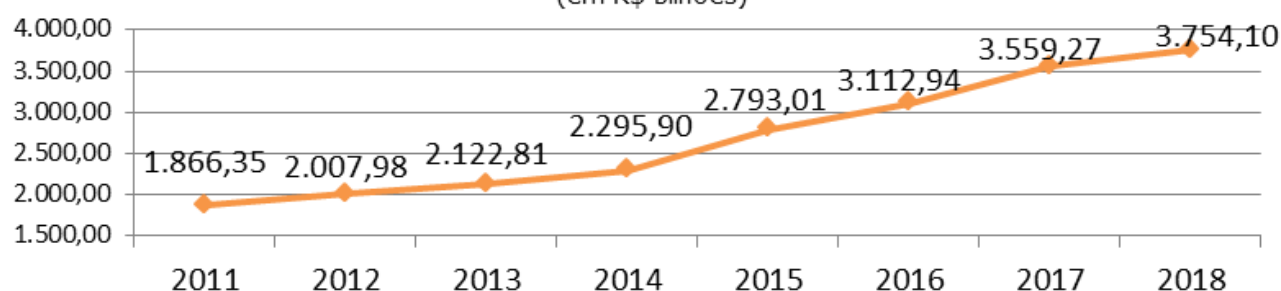
A maior parte da dívida é de médio e longo prazo. Ainda: governo e credores podem renegociar: juros, prazos ou outras formas. Considerando que a dívida pública remunera com juros SELIC, se o BC eleva a taxa, a dívida cresce; se a SELIC cai, também cai a expansão da dívida.

**TABELA 37 – DÍVIDA PÚBLICA FEDERAL INTERNA E EXTERNA**

Período	Dívida Pública (R\$ Bilhões) <sup>(1)</sup>	Varição (%)
<b>2010</b>	<b>1.694,04</b>	<b>13,13</b>
<b>2011</b>	<b>1.866,35</b>	<b>10,17</b>
<b>2012</b>	<b>2.007,98</b>	<b>7,59</b>
<b>2013</b>	<b>2.122,81</b>	<b>5,72</b>
<b>2014</b>	<b>2.295,90</b>	<b>8,15</b>
<b>2015</b>	<b>2.793,01</b>	<b>21,65</b>
<b>2016</b>	<b>3.112,94</b>	<b>11,46</b>
<b>2017</b>	<b>3.559,27</b>	<b>14,34</b>
Jun	3.357,65	3,22
Jul	3.341,38	-0,48
Ago	3.404,00	1,87
Set	3.430,83	0,79
Out	3.438,48	0,22
Nov	3.493,38	1,60
Dez	3.559,27	1,89
<b>2018</b>	--	--
Jan	3.528,31	-0,87
Fev	3.582,15	1,53
Mar	3.636,33	1,51
Abr	3.658,51	0,61
Mai	3.716,71	1,59
Jun	3.754,10	1,01

**Evolução da Dívida Pública Federal**

(em R\$ bilhões)



## 17. SUPERÁVIT PRIMÁRIO

Em 2018, as contas do período janeiro-junho foram deficitárias em R\$ 32,87 bilhões. Um valor que pode ser tomado como tradicional quanto ao superávit primário é o de janeiro, com valores positivos (expressa o desempenho da economia em dezembro, o mais aquecido nas vendas do ano); foi o que ocorreu em janeiro/2018. Ainda: fevereiro mostra inversão de tendência, com valores negativos, devido sazonalidade da economia e calendário. O crescimento do PIB em 2017: 1,0%, poderá indicar início de inversão da tendência nas contas do superávit primário.

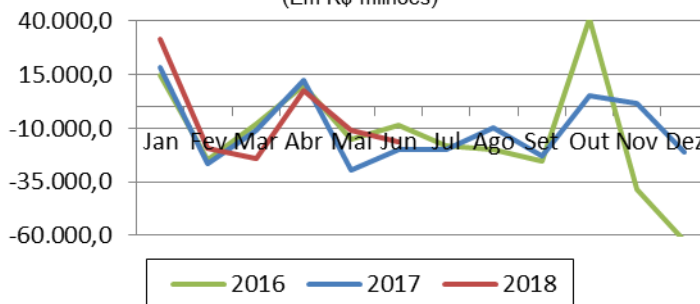
A existência de superávit primário nas contas públicas em um ano fiscal corresponde a receitas superiores às despesas, sem considerar os juros. Significa poupança do governo destinada, principalmente, a pagar juros da dívida. A evolução do superávit é referência para investidores estrangeiros avaliarem a capacidade de um país regularizar e pagar suas dívidas. O aumento do superávit poderá depender, de forma diretamente proporcional, do tamanho do corte nos gastos ou da elevação da arrecadação em relação às despesas. A receita maior (mantidas alíquotas e sem novos tributos) reflete melhor o desempenho da economia.

Se negativo o superávit primário, ou seja, déficit público, pode indicar: a) menor receita-seja por queda no desempenho da economia ou redução nas alíquotas, ou ainda a concessão de incentivos fiscais ou subsídios por prazos pré-determinados; b) maiores gastos públicos; c) ou combinação de ambos. Ainda, a ausência de valores positivos que possibilitem o superávit fiscal poderá ser visto como possível carência ou defasagem em áreas importantes de atuação do governo como investimentos e infraestrutura em geral, salários, políticas sociais ou outras. Daí, o superávit decorrer da contenção (ou adiamento) de gastos. O governo pode optar por adiar despesas ou mesmo não ter consciência da necessidade de efetuar gastos que beneficiem a população.

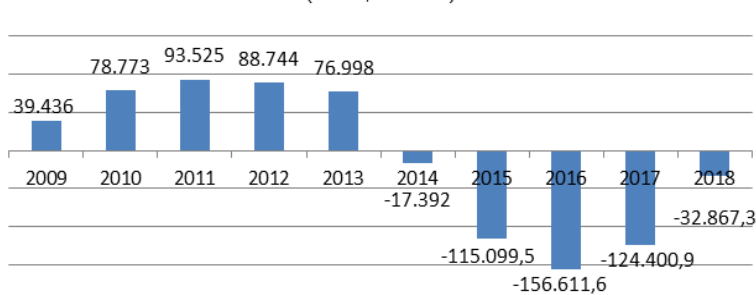
**TABELA 38 – DESEMPENHO DO SUPERÁVIT PRIMÁRIO  
- GOVERNO FEDERAL E BANCO CENTRAL  
(Em R\$ Milhões)**

Período	Resultado do Governo (1)	Variação Percentual (%)
<b>2010</b>	<b>78.773</b>	<b>99,75</b>
<b>2011</b>	<b>93.525</b>	<b>18,73</b>
<b>2012</b>	<b>88.744</b>	<b>-4,91</b>
<b>2013</b>	<b>77.072</b>	<b>27,56</b>
<b>2014</b>	<b>-17.392</b>	<b>-122,59</b>
<b>2015</b>	<b>-115.099</b>	<b>-561,79</b>
<b>2016</b>	<b>-154.255</b>	<b>-34,02</b>
<b>2017</b>	<b>-124.400</b>	<b>20,57</b>
Jun	-19.844,2	32,47
Jul	-20.154,5	-1,56
Ago	-10.111,0	49,83
Set	-22.822,1	-125,72
Out	5.073,3	122,23
Nov	1.260,6	-75,15
Dez	-21.168,5	-1.779,27
<b>2018</b>	<b>-32.867,3</b>	<b>10,28</b>
Jan	31.059,1	246,72
Fev	-19.213,3	-161,86
Mar	-24.480,6	-27,41
Abr	7.209,7	129,45
Mai	-11.020,1	-252,85
Jun	-16.422,1	41,81

**EVOLUÇÃO MENSAL DO SUPERÁVIT PRIMÁRIO  
(Em R\$ milhões)**



**EVOLUÇÃO DO SUPERÁVIT PRIMÁRIO  
(Em R\$ milhões)**



Fonte: [www.tesouro.fazenda.gov.br](http://www.tesouro.fazenda.gov.br) (Consulta em 27/07/2018)

Resultado do Governo Central origina-se do Resultado do Governo Federal mais Resultado do Banco Central e Benefícios Previdenciários, sujeito a alterações. Valores anuais referentes a soma acumulada no ano.





## IV. RELAÇÕES COM O EXTERIOR

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná - Julho / 2018

### 18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

O período janeiro/junho-2018 manteve o bom desempenho da balança comercial em relação ao mesmo período de 2017. O saldo anual de 2017 foi positivo: US\$ 66,9 bilhões. O dólar mais valorizado a partir de agosto/2015 contribuiu para conter importações, tendência mantida em 2016, quando o dólar médio se aproximou de R\$ 4,00 no 1.º semestre. Atualmente, com dólar acima de R\$ 3,70, as exportações são facilitadas.

Nesse momento, julho/ 2018, com elevação da *commodity* petróleo no mercado externo, os preços internos dos derivados foram afetados e também os custos logísticos. A superprodução de grãos do agronegócio brasileiro em 2017, com pequena queda em 2018, poderia reduzir exportações do setor. Uma indagação atual importante se refere ao que poderia vir com uma possível "guerra de tarifas" entre EUA e China? , mais as restrições dos EUA ao aço e alumínio brasileiros? A valorização do dólar desde abril e maio no mercado mundial e no Brasil, pode elevar a competitividade externa de produtos brasileiros e a receita de exportações nacionais. Mas com a taxa de cambio atual, haverá aumento do custo das importações finais e insumos par a a produção.

A destacar como fatores que contribuíram para elevar o estoque de divisas do Banco Central: os dólares arrecadados pelo sistema produtivo brasileiro (balança comercial), os empréstimos e/ou financiamentos obtidos pelo setor privado, as aplicações do exterior na Bovespa, e também a entrada de dólares pela venda de títulos do governo (com taxas Selic).

Por outro lado, a *desindustrialização* ocorrida não foi totalmente superada; a importância da indústria não será recuperada a curto prazo, considerando: limitações competitivas atuais, crise econômica não totalmente superada e deterioração no contexto político interno. Cabe recuperar exportações da indústria de transformação, detentora de maior agregação de valor e grande geradora de empregos.

Considere-se ainda os limites decorrentes do reduzido padrão de inovações da indústria exportadora e reduzida exportação de produtos de alta e média tecnologia. Nesse sentido, é preciso ativar a inovação e modernização tecnológica da indústria. Ao governo cabe adotar políticas que estimulem inovações e modernização tecnológica, a fim de incentivar linhas de produtos industriais e melhorar competitividade, tendo dentre as metas ampliar exportações do país. A indústria de transformação brasileira, em vários ramos, apresentou início de melhoria nas vendas em janeiro/abril de 2018. Melhor ainda: se logo após a greve dos caminhoneiros (maio/junho), a indústria de transformação se demonstrava muito afetada, em julho ela apresentou crescimento acima de dois dígitos, mas cabendo destacar que afetada pelas contenções anteriores, houve em junho uma queda acima de 10%. Ou seja, o crescimento de julho foi sobre uma base fraca.

**TABELA 39 – BRASIL: BALANÇA COMERCIAL (Em US\$ Milhões)**

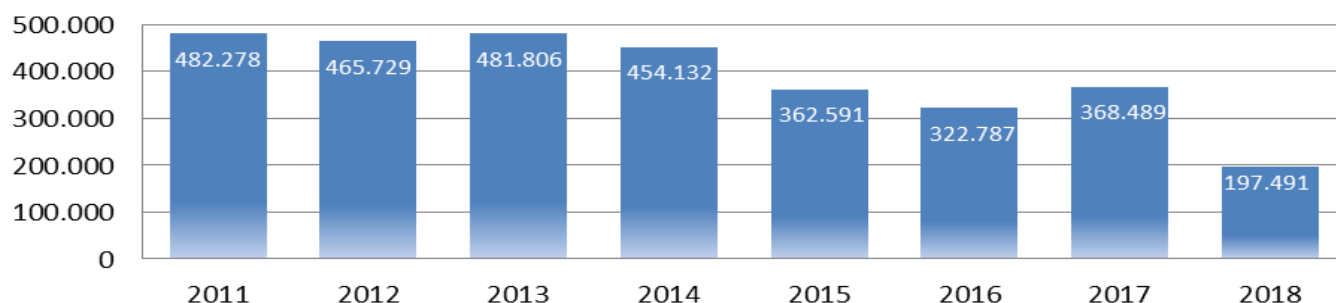
Período	Exportações*	Variação (%)	Importações*	Variação (%)	Balança Comercial*
<b>2010</b>	<b>201.915</b>	31,98	<b>181.768</b>	42,32	<b>20.147</b>
<b>2011</b>	<b>256.040</b>	26,81	<b>226.240</b>	24,47	<b>29.799</b>
<b>2012</b>	<b>242.580</b>	-5,26	<b>223.149</b>	-1,37	<b>19.431</b>
<b>2013</b>	<b>242.183</b>	-0,2	<b>239.623</b>	7,4	<b>2.560</b>
<b>2014</b>	<b>225.101</b>	<b>-7,05</b>	<b>229.031</b>	<b>-4,42</b>	<b>-3.930</b>
<b>2015</b>	<b>191.132</b>	<b>-15,05</b>	<b>171.459</b>	<b>-25,13</b>	<b>19.673</b>
<b>2016</b>	<b>185.235</b>	<b>-3,09</b>	<b>137.552</b>	<b>-19,78</b>	<b>47.683</b>
<b>2017</b>	<b>217.739</b>	<b>17,55</b>	<b>150.749</b>	<b>9,59</b>	<b>66.990</b>
Mai	19.790	11,94	12.129	13,18	7.661
Jun	19.779	-0,05	12.595	3,84	7.184
Jul	18.759	-5,16	12.473	-0,97	6.285
Ago	19.471	3,80	13.879	11,27	5.592
Set	18.659	-4,17	13.488	-2,82	5.171
Out	18.872	1,14	13.679	1,41	5.193
Nov	16.683	-11,60	13.143	-3,92	3.541
Dez	17.595	5,47	12.598	-4,15	4.998
<b>2018</b>	<b>113.712</b>	<b>5,58</b>	<b>83.779</b>	<b>17,19</b>	<b>29.933</b>
Jan	17.027	-3,23	14.202	12,74	2.825
Fev	17.410	2,25	14.395	1,36	3.015
Mar	20.229	16,19	13.810	-4,06	6.418
Abr	19.713	-2,55	13.792	-0,13	5.921
Mai	19.128	-2,97	13.260	-3,86	5.868
Jun	20.205	5,63	14.320	8,00	5.885

## 18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

TABELA 40 – BRASIL: INTERCÂMBIO COMERCIAL  
(Em US\$ Milhões)

Países	2017 (JAN-DEZ)			2018 (JAN-JUN)		
	Exportações	Importações	Balança Comercial	Exportações	Importações	Balança Comercial
<b>AELC (1)</b>	1.801	2.488	-687	1.060	1.298	-238
<b>África (2)</b>	9.400	5.532	3.868	3.883	2.570	1.312
<b>Aladi (3)</b>	43.763	24.872	18.891	22.642	13.235	9.407
<b>MERCOSUL(*)</b>	23.090	12.284	10.807	11.855	6.316	5.538
Argentina	17.626	9.435	8.191	8.839	5.150	3.689
Paraguai	2.646	1.133	1.513	1.318	546	772
Uruguai	2.348	1.324	1.024	1.351	536	815
Venezuela	470	392	79	347	84	263
Chile	5.032	3.439	1.593	2.971	1.664	1.307
México	4.515	4.238	277	2.167	2.449	-282
Outros (4)	7.111	2.184	4.927	3.624	1.237	2.387
<b>Ásia</b>	78.765	49.660	29.105	42.623	27.332	15.291
China	47.500	27.324	20.176	29.843	14.965	14.878
Coreia do Sul	3.077	5.240	-2.163	1.514	2.887	-1.373
Japão	5.270	3.762	1.508	2.170	2.185	-16
Outros	8.662	4.703	3.960	3.573	2.000	1.573
<b>Canadá</b>	2.720	1.761	959	1.499	899	600
<b>EUA (5)</b>	27.058	25.082	1.976	13.276	13.755	-479
<b>Europa Oriental (6)</b>	2.930	3.216	-287	956	1.600	-644
<b>Oriente Médio</b>	11.676	3.964	7.712	4.377	2.272	2.105
<b>União Europeia</b>	34.906	32.072	2.834	20.458	17.447	3.011
Alemanha	4.912	9.226	-4.314	2.505	5.242	-2.737
França	2.225	3.724	-1.499	1.389	2.066	-677
Itália	3.562	3.957	-396	1.793	2.320	-527
Países Baixos	9.253	1.900	7.354	6.265	916	5.348
Reino Unido	2.845	2.303	543	1.450	1.065	385
Outros (7)	8.662	4.703	3.960	3.573	2.000	1.573
<b>Outros</b>	4.787	2.083	2.704	2.977	3.365	-388
<b>Opep (8)</b>	13.248	6.788	6.461	5.264	3.377	1.887
<b>Total</b>	<b>217.805</b>	<b>150.730</b>	<b>67.074</b>	<b>113.750</b>	<b>83.773</b>	<b>29.978</b>

Fonte: www.bc.gov.br – (Economia e Finanças – Indicadores de Conjuntura – Indicadores Econômicos – Capítulo V – Intercâmbio Comercial Brasileiro)  
(Consulta em 25/07/2018)

Brasil: Corrente de Comércio (\*)  
Em US\$ milhões

(\*) Dados de 2018 referentes ao acumulado no ano.

**CORRENTE DE COMÉRCIO:** obtida a partir da soma: **exportações mais importações**. Quanto maior a corrente de comércio maior o grau de abertura comercial do país. No gráfico, os valores indicam o saldo total anual da corrente de comércio, que não deve ser confundida com balança comercial, que é obtida a partir de **exportações menos importações**.

(\*) Mercosul: Argentina, Paraguai, Uruguai, Venezuela; além do Brasil.

(1) Associação Europeia de Livre Comércio inclui Islândia, Noruega e Suíça (inclui Liechtenstein).

(2) Exclui países do Oriente Médio e membros da Opep.

(3) Associação Latino-Americana de Integração.

(4) Bolívia, Colômbia, Cuba, Equador, Peru e Venezuela.

(5) Inclui Porto Rico.

(6) Albânia, Armênia, Azerbaijão, Belarus, Cazaquistão, Geórgia, Moldávia, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão, Ucrânia e Uzbequistão.

(7) Áustria, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslovênia, Estônia, Finlândia, Grécia, Hungria, Irlanda, Letônia, Lituânia, Malta, Polônia, Portugal, República Eslovaca, República Tcheca, Romênia e Suécia.

(8) Angola, Arábia Saudita, Argélia, Catar, Emirados Árabes Unidos, Irã, Iraque, Indonésia, Kuwait, Líbia, Nigéria e Venezuela.

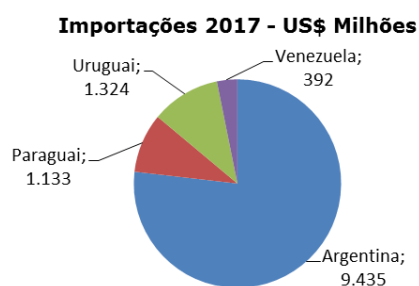
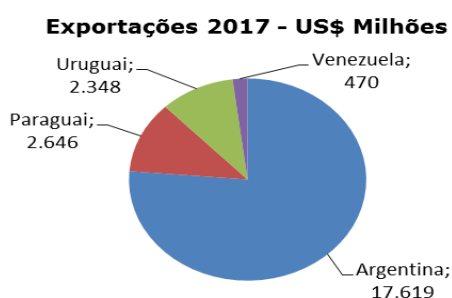
## 18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

## Relações Comerciais com o MERCOSUL

TABELA 41 – BRASIL: INTERCÂMBIO COMERCIAL MERCOSUL (US\$ MILHOES)

Países	Exportações	Participações nas Exportações (%)	Importações	Participações nas Importações (%)	Balança Comercial	Corrente de Comércio
<b>2018 (Jan-Jun)</b>						
Argentina	8.859	74,53	5.150	81,54	3.709	14.009
Paraguai	1.328	11,17	546	8,64	782	1.874
Uruguai	1.352	11,38	536	8,49	816	1.888
Venezuela	347	2,92	84	1,33	263	431
<b>MERCOSUL</b>	<b>11.886</b>	<b>100,00</b>	<b>6.316</b>	<b>100,00</b>	<b>5.570</b>	<b>18.203</b>
<b>2017</b>						
Argentina	17.619	76,33	9.435	76,81	8.184	27.054
Paraguai	2.646	11,46	1.133	9,23	1.513	3.779
Uruguai	2.348	10,17	1.324	10,78	1.024	3.672
Venezuela	470	2,03	392	3,19	78	861
<b>MERCOSUL</b>	<b>23.083</b>	<b>100,00</b>	<b>12.284</b>	<b>100,00</b>	<b>10.799</b>	<b>35.367</b>
<b>2016</b>						
Argentina	13.418	68,26	9.084	75,66	4.333	22.502
Paraguai	2.221	11,30	1.223	10,19	998	3.444
Uruguai	2.744	13,96	1.284	10,70	1.460	4.028
Venezuela	1.276	6,49	415	3,46	861	1.691
<b>MERCOSUL</b>	<b>19.658</b>	<b>100,00</b>	<b>12.007</b>	<b>100,00</b>	<b>7.651</b>	<b>31.665</b>
<b>2015</b>						
Argentina	12.800	60,99	10.285	78,72	2.515	23.085
Paraguai	2.473	11,78	884	6,77	1.589	3.358
Uruguai	2.727	12,99	1.217	9,31	1.510	3.943
Venezuela	2.987	14,23	680	5,20	2.307	3.666
<b>MERCOSUL</b>	<b>20.987</b>	<b>100,00</b>	<b>13.065</b>	<b>100,00</b>	<b>7.921</b>	<b>34.052</b>
<b>2014</b>						
Argentina	14.282	57,01	14.143	77,05	139	28.425
Paraguai	3.193	12,75	1.120	6,10	2.073	4.313
Uruguai	2.945	11,76	1.918	10,45	1.027	4.863
Venezuela	4.632	18,49	1.174	6,40	3.458	5.806
<b>MERCOSUL</b>	<b>25.052</b>	<b>100,00</b>	<b>18.355</b>	<b>100,00</b>	<b>6.697</b>	<b>43.407</b>

Fonte: comexstat.mdic.gov.br (Consulta em 25/07/2018)



**18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO****TABELA 42 - BRASIL: PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS PARA O MERCOSUL EM 2018 (JAN-JUN)**

Nº	PRODUTO	US\$ FOB (Milhões)	Percentual (%)
1	Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros	1.437,53	27,69
2	Automóveis com motor explosão, de cilindrada >1.000 cm3 <1.500 cm3	793,44	15,28
3	Óleos brutos de petróleo	497,30	9,58
4	Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas	335,02	6,45
5	Automóveis com motor explosão, de cilindrada não superior a 1.000 cm3	301,24	5,80
6	Outros veículos automóveis com motor a explosão, carga <= 5 toneladas	275,28	5,30
7	Tratores rodoviários para semi-reboques	230,90	4,45
8	Chassis com motor diesel e cabina, 5 toneladas < carga <= 20 toneladas	182,35	3,51
9	Minérios de ferro e seus concentrados, aglomerados por processo de peletização	139,52	2,69
10	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	133,97	2,58
11	Gasóleo (óleo diesel)	128,29	2,47
12	Outras partes e acessórios de carrocerias para veículos automóveis	104,13	2,01
13	Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis	90,80	1,75
14	Outras carnes de suíno, congeladas	86,59	1,67
15	Alumina calcinada	83,29	1,60
16	Colheitadeiras combinadas com debulhadoras	79,21	1,53
17	Outros pneumáticos novos utilizados em ônibus ou caminhões	76,91	1,48
18	Minérios de ferro e seus concentrados, não aglomerados	72,59	1,40
19	Outros motores de explosão de cilindrada superior a 1.000 cm3	71,69	1,38
20	Outros tratores, com uma potência de motor superior a 130 Kw	71,29	1,37
-	<b>Total</b>	<b>5.191,35</b>	<b>100,00</b>

**TABELA 43 - BRASIL: PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS DO MERCOSUL EM 2018 (JAN-JUN)**

Nº	PRODUTO	US\$ FOB (Milhões)	Percentual (%)
1	Barcos-faróis/guindastes/docas/diques flutuantes, etc.	1.986,00	34,83
2	Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas	878,05	15,40
3	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura	609,15	10,68
4	Automóveis com motor explosão, 1000 > cm3 <= 1500, até 6 passageiros	465,43	8,16
5	Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros	275,46	4,83
6	Outros tubos flexíveis de ferro ou aço	194,02	3,40
7	Malte não torrado, inteiro ou partido	156,00	2,74
8	Automóveis com motor diesel, cm3 > 2500, superior a 6 passageiros	155,78	2,73
9	Jogos de fios para velas de ignição e outros jogos utilizados em veículos	112,84	1,98
10	Outras caixas de marchas	97,83	1,72
11	Naftas para petroquímica	95,48	1,67
12	Alhos, frescos ou refrigerados, exceto para semeadura	84,68	1,49
13	Cevada cervejeira	82,21	1,44
14	Batatas, preparadas ou conservadas, exceto em vinagre ou em ácido acético, congeladas	81,08	1,42
15	Outros motores diesel e semidiesel	78,38	1,37
16	Leite integral, em pó, com teor de matérias gordas > 1,5 %	77,97	1,37
17	Outros propanos liquefeitos	72,01	1,26
18	Copolímeros de etileno e alfa-olefina, de densidade inferior a 0,94	68,17	1,20
19	Garraões, garrafas, frascos, artigos semelhantes, de plásticos	65,64	1,15
20	Outras embarcações para transporte de mercadorias ou de pessoas	65,50	1,15
-	<b>Total</b>	<b>5.701,66</b>	<b>100,00</b>

## 18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

## As Relações Comerciais com as Três Américas

TABELA 44 - Exportações Brasileiras para países das três Américas: do Sul, Central e do Norte (em milhões de U\$S)

	País	2017		2018
		Exportações (JAN-DEZ)	Participação (%)	Exportações (JAN-JUN)
1	Estados Unidos	26.872,63	12,34	13.167,49
2	Argentina	17.618,81	8,09	8.859,36
3	Chile	5.031,36	2,31	2.992,52
4	México	4.514,10	2,07	2.191,91
5	Canadá	2.719,39	1,25	1.501,80
6	Paraguai	2.646,22	1,22	1.327,89
7	Colômbia	2.507,79	1,15	1.332,47
8	Uruguai	2.348,12	1,08	1.352,27
9	Peru	2.245,33	1,03	1.053,14
10	Bolívia	1.506,17	0,69	703,69
11	Equador	836,68	0,38	418,18
12	Panamá	632,98	0,29	220,59
13	República Dominicana	588,46	0,27	364,98
14	Venezuela	469,65	0,22	346,98
15	Santa Lúcia	446,89	0,21	342,73
16	Cuba	346,32	0,16	209,29
17	Costa Rica	277,71	0,13	309,96
18	Guatemala	266,62	0,12	97,54
19	Bahamas	261,90	0,12	60,07
20	Trinidad e Tobago	205,20	0,09	95,44
	<b>Total</b>	<b>217.739,18</b>	<b>100,00</b>	<b>113.712,10</b>

Fonte: comexstat.mdic.gov.br  
(Consulta em 25/07/2018)

TABELA 45 - Importações Brasileiras de países das três Américas: do Sul, Central e do Norte (em milhões de U\$S)

	País	2017		2018
		Importações (JAN-DEZ)	Participação (%)	Importações (JAN-JUN)
1	Estados Unidos	24.846,59	16,48	13.562,02
2	Argentina	9.435,19	6,26	5.149,95
3	México	4.238,05	2,81	2.449,42
4	Chile	3.452,61	2,29	1.663,99
5	Canadá	1.760,98	1,17	899,50
6	Peru	1.617,83	1,07	720,64
7	Colômbia	1.442,47	0,96	853,02
8	Uruguai	1.323,90	0,88	847,63
9	Bolívia	1.285,11	0,85	545,86
10	Paraguai	1.133,25	0,75	536,12
11	Venezuela	391,69	0,26	84,24
12	Porto Rico	239,66	0,16	193,15
13	Trinidad e Tobago	198,35	0,13	220,06
14	Equador	131,33	0,09	36,92
15	Costa Rica	57,50	0,04	24,52
16	Guatemala	31,44	0,02	50,18
17	Cuba	19,74	0,01	18,89
18	República Dominicana	15,70	0,01	7,71
19	Honduras	12,88	0,01	6,16
20	El Salvador	5,01	0,00	3,00
	<b>Total</b>	<b>150.749,45</b>	<b>100,00</b>	<b>83.779,16</b>

Fonte: comexstat.mdic.gov.br  
(Consulta em 25/07/2018)

**18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO****Principais Produtos Exportados e Importados****TABELA 46 – BRASIL: PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS EM 2018 (JAN-JUN)**

Nº	Produto	US\$ Milhões	Perce- tual (%)
1	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	18.432,03	28,11
2	Óleos brutos de petróleo	10.072,76	15,36
3	Minérios de ferro e seus concentrados, não aglomerados	7.538,76	11,50
4	Pasta química de madeira semi branqueada	4.104,80	6,26
5	Bagacos e outros resíduos sólidos do óleo de soja	2.608,39	3,98
6	Outros açúcares de cana	2.537,27	3,87
7	Pedaços e miudezas comestíveis galinhas, congelados	1.968,57	3,00
8	Café não torrado, não descafeinado, em grão	1.953,29	2,98
9	Carnes desossadas de bovino, congeladas	1.818,25	2,77
10	Automóveis c/motor explosão, 1500<cm3<=3000, até 6 passag	1.737,72	2,65
11	Partes de turborreatores ou de turbopropulsores	1.588,28	2,42
12	Minérios De Ferro Aglomerado para Processo De Peletizacao	1.573,57	2,40
13	Outros aviões e outros veículos aéreos, de peso superior a 15.000 kg, vazios	1.557,35	2,38
14	Barcos-faróis/guindastes/docas/diques flutuantes, etc.	1.534,63	2,34
15	Minérios de ferro e seus concentrados, aglomerados	1.452,33	2,22
16	Alumina Calcinada	1.335,89	2,04
17	Ferro-nióbio	980,30	1,50
18	Outros minérios de cobre e seus concentrados	940,88	1,44
19	Automóveis c/motor explosão, 1000<cm3<=1500, até 6 passag	934,84	1,43
20	Consumo de bordo - combustíveis e lubrificantes para aeronaves	895,79	1,37
--	<b>Total</b>	<b>65.565,70</b>	<b>100,00</b>

**TABELA 47 – BRASIL: PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS EM 2018 (JAN-JUN)**

Nº	Produto	US\$ Milhões	Perce- tual (%)
1	"Gasóleo" (Óleo Diesel)	3.165,39	14,40
2	Óleos brutos de petróleo	2.090,43	9,51
3	Barcos-faróis/guindastes/docas/diques flutuantes, etc.	1.986,22	9,03
4	Hulha betuminosa, não aglomerada	1.466,03	6,67
5	Naftas para petroquímica	1.313,43	5,97
6	Outras partes para aparelhos de telefonia/telegrafia	1.160,16	5,28
7	Outras partes para aparelhos receptores radiodif. televisão, etc.	1.077,95	4,90
8	Outros cloretos de potássio	1.034,25	4,70
9	Outros veículos automóveis com motor diesel, carga<=5T	1.003,66	4,56
10	Outras gasolinas, exceto para aviação	910,00	4,14
11	Outras caixas de marchas	846,76	3,85
12	Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros	838,60	3,81
13	Automóveis com motor explosão,1.000>Cm3<1.500, Até 6 passageiros	759,66	3,45
14	Catodos de cobre refinado e seus elementos, em forma bruta	698,86	3,18
15	Gás natural no estado gasoso	688,31	3,13
16	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura	636,06	2,89
17	Microprocessadores Mont.P/Superf.(Smd)	618,26	2,81
18	Ureia com teor de nitrogênio>45% em peso	598,48	2,72
19	Outros produtos imunológicos para venda a retalho	589,81	2,68
20	Álcool etílico não desnaturado	505,30	2,30
--	<b>Total</b>	<b>21.987,62</b>	<b>100,00</b>

**Conta Petróleo do Brasil****TABELA 48 – BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA - COM E SEM PETRÓLEO E DERIVADOS - (US\$ milhões) (JAN-AGO) FOB**

	2014	2015
<b>Exportação</b>	<b>154.018</b>	<b>128.347</b>
Petróleo e Derivados	17.238	12.050
Demais	136.780	116.297
<b>Importação</b>	<b>153.813</b>	<b>121.050</b>
Petróleo e Derivados	28.116	15.260
Demais	125.697	105.790
<b>Saldo</b>	<b>205</b>	<b>7.297</b>
Petróleo e Derivados	-10.878	-3.210
Demais	11.083	10.507

Fonte: comexstat.mdic.gov.br (Consulta em 25/07/2018)



## Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná - Julho / 2018

**18.1. Brasil: Comércio Exterior por Intensidade Tecnológica**

Os dados disponíveis apontam predomínio das exportações industriais brasileiras em bens de: 1) baixa tecnologia; e de: 2) média-alta tecnologia. As exportações de bens de alta tecnologia, com maior valor agregado é pequena. Por outro lado, em termos de importações de bens industriais, o que predomina na demanda externa do Brasil são produtos de: 1) média-alta tecnologia; e de: 2) alta tecnologia, indicando que o Brasil é um grande importador de bens de maior valor agregado, com mais inovações e de maior tecnologia.

**TABELA 49 – BRASIL: Exportação Por Intensidade Tecnológica – US\$ Bilhões**

Discriminação	2012 Valor	2013 Valor	2014 Valor	2015 Valor	2015 Var.%1/	2015 Part. %
<b>Total</b>	<b>242,6</b>	<b>242,0</b>	<b>225,1</b>	<b>191,1</b>	<b>-15,1</b>	<b>100</b>
<b>Produtos não industriais</b>	<b>75,6</b>	<b>68,0</b>	<b>63,1</b>	<b>66,2</b>	<b>-22,9</b>	<b>35,7</b>
<b>Produtos industriais</b>	<b>166,9</b>	<b>173,9</b>	<b>161,8</b>	<b>121,9</b>	<b>-10</b>	<b>64,3</b>
<b>I. Alta tecnologia</b>	<b>9,9</b>	<b>9,7</b>	<b>9,6</b>	<b>9,2</b>	<b>3,0</b>	<b>4,6</b>
Aeronáutica e aeroespacial	5,6	5,6	5,8	6,5	10,7	3,4
Farmacêutica	2,1	2,0	1,9	1,3	-16,7	0,7
Outros	2,2	2,1	1,8	1,5	-5,7	0,6
<b>II. Média-alta tecnologia</b>	<b>40,7</b>	<b>39,8</b>	<b>34,5</b>	<b>33,1</b>	<b>-9,9</b>	<b>17,3</b>
Veículos automotores, reboques/semi-reboques	14,6	15,9	11,4	11,0	-2,9	5,6
Produtos químicos, exclusive farmacêuticos	10,7	10,3	10,0	11,3	-10,9	5,9
Máquinas e equipamentos mecânicos n. e.	11,4	9,7	9,3	7,6	-15,1	4,0
Outros	3,9	3,9	3,6	3,1	-15,3	1,6
<b>III. Média-baixa tecnologia</b>	<b>38,8</b>	<b>41,4</b>	<b>36,5</b>	<b>27,1</b>	<b>-12</b>	<b>14,2</b>
Produtos metálicos	21,8	19,1	20,6	17,8	-4,6	9,3
Produtos de petróleo refinado/outros combustíveis	10,5	9,4	8,7	2,6	-45	1,5
Outros	6,5	12,9	7,1	6,5	-6,9	3,4
<b>IV. Baixa tecnologia</b>	<b>77,4</b>	<b>83,0</b>	<b>81,2</b>	<b>53,3</b>	<b>-11,1</b>	<b>27,9</b>
Alimentos, bebidas e tabaco	62,6	67,2	64,8	37,6	-14	19,7
Madeira e seus produtos, papel e celulose	8,6	9,2	9,5	9,8	4,4	5,2
Têxteis, couro e calçados	4,6	4,9	5,3	4,4	-16,6	2,3
Produtos manufaturados n.e. e bens reciclados	1,6	1,6	1,5	1,4	-6,1	0,6

**TABELA 50 – BRASIL: Importação Por Intensidade Tecnológica – US\$ Bilhões**

Discriminação	2012 Valor	2013 Valor	2014 Valor	2015 Valor	2015 Var.%1/	2015 Part. %
<b>Total</b>	<b>223,2</b>	<b>239,7</b>	<b>229,1</b>	<b>171,5</b>	<b>-25,2</b>	<b>100</b>
<b>Produtos não industriais</b>	<b>28,4</b>	<b>33,9</b>	<b>32,1</b>	<b>20,8</b>	<b>-35,8</b>	<b>12,1</b>
<b>Produtos industriais</b>	<b>194,7</b>	<b>205,8</b>	<b>196,9</b>	<b>150,7</b>	<b>-23,4</b>	<b>87,9</b>
<b>I. Alta tecnologia</b>	<b>40,4</b>	<b>43,1</b>	<b>41,7</b>	<b>30,8</b>	<b>-20,3</b>	<b>18,0</b>
Equipamentos de rádio, TV e comunicação	14,8	16,4	16,2	11,6	-28,6	6,7
Farmacêutica	8,9	9,7	9,5	7,2	-12,5	4,2
Instrumentos médicos de ótica e precisão	7,0	7,7	7,3	4,1	-19,4	2,4
Aeronáutica e aeroespacial	4,8	4,9	4,8	4,9	-1,1	2,9
Material de escritório e informática	4,8	4,3	3,9	3,0	-27,5	1,8
<b>II. Média-alta tecnologia</b>	<b>93,9</b>	<b>99,9</b>	<b>92,5</b>	<b>73,1</b>	<b>-21,7</b>	<b>42,7</b>
Produtos químicos, exclusive farmacêuticos	33,9	36,2	36,0	30,6	-17,2	17,9
Máquinas e equipamentos mecânicos, n. e.	26,7	27,7	24,4	18,4	-23,5	10,8
Veículos automotores, reboques/semirreboques	22,6	24,4	21,1	14,8	-30,2	8,6
Máquinas e equipamentos elétricos n. e.	8,9	10,2	9,3	7,6	-18,4	4,5
Equipamentos para ferrovia e material de transporte n. e.	1,6	1,3	1,7	1,6	-3,7	0,9
<b>III. Média-baixa tecnologia</b>	<b>41,7</b>	<b>43,9</b>	<b>43,2</b>	<b>29,5</b>	<b>-32,7</b>	<b>17,2</b>
Produtos de petróleo refinado/outros combustíveis	18,8	20,2	20,1	10,2	-49,5	6,0
Produtos metálicos	14,2	14,1	13,8	11,3	-20,5	6,6
Borracha e produtos plásticos	6,1	6,6	6,2	4,9	-21,5	2,8
Outros	2,6	3,0	3,1	3,0	-0,7	1,8
<b>IV. Baixa tecnologia</b>	<b>18,7</b>	<b>18,9</b>	<b>19,4</b>	<b>17,2</b>	<b>-17,7</b>	<b>10,1</b>
Têxteis, couro e calçados	6,9	7,1	7,4	6,2	-16,3	3,6
Alimentos, bebidas e tabaco	7,1	7,0	7,5	6,1	-18,2	3,5
Madeira e seus produtos, papel e celulose	2,4	2,3	2,2	1,4	-27,1	0,8
Produtos manufaturados n.e. e bens reciclados	2,3	2,4	2,3	3,5	-14,6	2,1

Obs.: n. e. = não especificados nem compreendidos em outra categoria. 1/ Variação percentual pela média diária, 2015 sobre 2014.

Dados extraídos do Boletim do Banco Central – Relatório anual 2013, referente aos dados de 2012 e 2013; Relatório anual 2015 referente aos dados de 2014 e 2015.

\*O boletim anual do Banco Central foi descontinuado, sendo os últimos dados divulgados do ano 2015.



**18. COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO****Referências de Comércio exterior****1. Exportações de aço do Brasil para os Estados Unidos sobem em receita e volume após tarifa**

No primeiro mês após a introdução da tarifa de 25% pelo governo do presidente Donald Trump sobre o aço importado pelos Estados Unidos, as siderúrgicas brasileiras aumentaram as vendas do produto para o país. Em junho, as exportações de aço do Brasil para os EUA somaram US\$ 548,6 milhões, quase o triplo de junho de 2017 (US\$ 210,8 milhões).

Em volume de embarques, a exportação também aumentou: de 386,9 mil toneladas em junho de 2017 para 885,2 mil no mês passado. Os números foram divulgados pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), que detalhou as vendas do produto para o mercado americano.

Um dos fatores que explicam o aumento das exportações de aço foi o fim da greve dos caminhoneiros. Por causa da paralisação, as vendas do produto para os Estados Unidos caíram para US\$ 110,8 milhões em maio. Em junho, os embarques se recompuseram, com as siderúrgicas escoando a produção não exportada nos cerca de dez dias de greve.

Fonte: [www.comexdobrasil.com](http://www.comexdobrasil.com) (12/07/2018)

**2. Temer vai ao México para reunião de Mercosul e Aliança do Pacífico**

Os presidentes da Aliança do Pacífico e do Mercosul assinaram no dia 24 de julho, em Puerto Vallarta no México, uma declaração conjunta para estreitar a integração comercial na América Latina. Apesar de a negociação prever um horizonte de conversas sobre acordo de livre comércio entre os blocos, o documento tem foco em questões não tarifárias.

A declaração conjunta e um plano de ação atualizado visam a redução de burocracia e facilitação de comércio, fortes demandas do setor privado.

Durante o encontro foi assinado o Protocolo sobre Comércio de Serviços, que trará vantagens como a ampliação da relação comercial entre os países do Mercosul e a Colômbia e, principalmente, maior segurança jurídica por meio de garantias de acesso a mercado e de não discriminação - o que tem o potencial de dinamizar as trocas comerciais entre o Brasil e a Colômbia.

O documento prevê atuação em diversas áreas como Acesso a Mercados, Tratamento Nacional, Compromissos Adicionais, Movimento de Pessoas Físicas Prestadoras de Serviços, Tratamento de Assimetrias, Modificação de Compromissos, Regulamentação Nacional, Reconhecimento, Transparência, Pagamentos e Transferências, Lavagem de Ativos e Combate à Corrupção, Listas de Compromissos Específicos, Revisão, Solução de Controvérsias, Convênios Bilaterais e Defesa da Concorrência, entre outras.

O acordo traz também anexos sobre serviços financeiros, telecomunicações e pagamentos e transferências de capital, bem como um apêndice relativo ao artigo sobre movimentos de pessoas físicas prestadoras de serviços- todos negociados com a participação dos órgãos reguladores de Mercosul e Colômbia.

O presidente brasileiro teve também, um encontro reservado com o mandatário mexicano, Enrique Peña Nieto no mesmo dia, onde discutiram sobre o aumento nas importações e exportações entre os dois países. Temer afirmou que a negociação do Tratado de Livre-Comércio da América do Norte (Nafta) pelo governo mexicano não impede o aumento das relações de comércio exterior do país com o Brasil. Porém, o presidente mexicano disse que a conversa com o Brasil terá de esperar até agosto, após novas negociações com EUA e Canadá.

De concreto, os chefes de Estado de Brasil e México falaram das exportações de arroz, feijão e frango. Segundo Temer, o México quer exportar feijão, enquanto o Brasil tem interesse na exportação de arroz. O segundo ponto apresentado por Temer foi o aumento da cota de exportação de frangos para o México.

O presidente brasileiro ressaltou a importância da união entre os blocos que, juntos, formam um mercado de 470 milhões de pessoas e representam mais de 90% do PIB da América Latina. Ele também afirmou que o Brasil tem o objetivo de ampliar sua colaboração em áreas como mobilidade acadêmica, turismo e acesso mais fácil a investimentos.

Fontes: [mdic.gov.br](http://mdic.gov.br) (24/07/2018); [gauchazh.clicrbs.com.br](http://gauchazh.clicrbs.com.br) (24/07/2018); [www.em.com.br](http://www.em.com.br) (24/07/2018); [agenciabrasil.ebc.com.br](http://agenciabrasil.ebc.com.br) (22/07/2018); O Estado de S. Paulo (23/07/2018)

**3. Brasil assina acordo para abrir escritório regional das Américas do banco do BRICS em São Paulo**

O governo brasileiro e o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB na sigla em inglês), o banco do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), assinaram em 26 de julho, um acordo para que a instituição tenha um escritório regional das Américas na cidade de São Paulo.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), o acordo deverá ser aprovado pelo Congresso Nacional. A expectativa é inaugurar o escritório regional em São Paulo em 2019.

O governo brasileiro e o banco já discutiam a abertura de uma sede regional voltada para as Américas na cidade de São Paulo. Conforme o acordo, o NDB poderá também abrir unidade em Brasília e em outras cidades do Brasil, conforme a necessidade comercial e caso o governo federal autorize.

O NDB foi fundado pelos países do BRICS durante a sexta cúpula do grupo em Fortaleza, em julho de 2014, e foi inaugurado formalmente em Xangai em julho de 2015. O primeiro escritório regional do NDB foi inaugurado na África do Sul, em 2017. O NDB foi criado com o objetivo de financiar projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentado nos países do BRICS e outras economias emergentes e países em desenvolvimento. Conforme o MRE, o BRICS responde por 23% do PIB e 18,2% do comércio mundiais.

Fonte: [g1.globo.com](http://g1.globo.com) (26/07/2018)

**19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE**

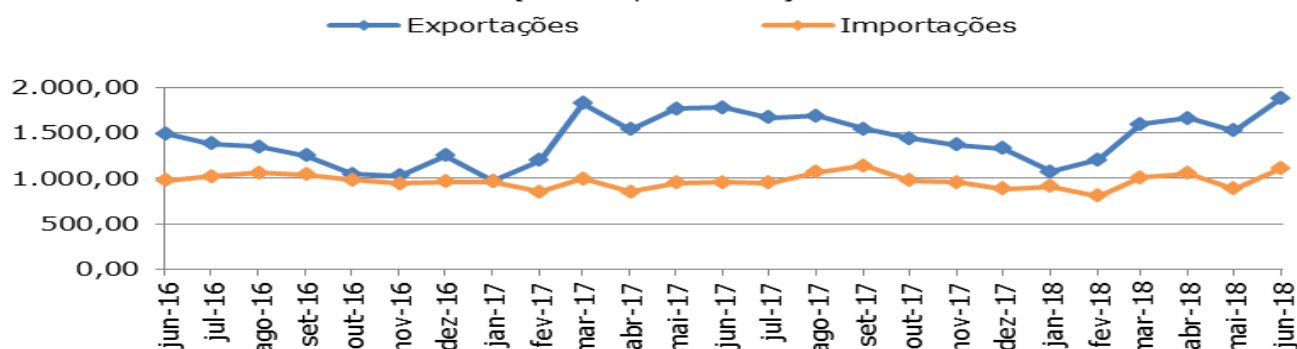
A balança comercial paranaense de 2018 (janeiro/junho) apresentou superávit de US\$ 3,17 bilhões. Um desempenho positivo, mas que poderá ser comprometido no decorrer do ano, a partir dos efeitos da greve dos caminhoneiros, custos logísticos, e tarifas dos derivados de petróleo, e ainda os possíveis efeitos das eleições de outubro próximo no ambiente econômico. Em 2017, a balança comercial foi positiva (US\$ 6,6 bilhões) e superior aos dois anos anteriores. As alterações conjunturais recentes na economia brasileira, poderão comprometer o crescimento do PIB em 2018, pois além das manifestações de caminhoneiros, existe a discussão de nova tabela para fretes, preços dos derivados, maior cotação do dólar (US\$), perdas da estrutura de produção do País e do Paraná. Junte-se a isso, os percentuais de desempregados/desocupados que supera 12,4 milhões de trabalhadores, valores que indicam ociosidade da capacidade produtiva do país e também do Estado.

Permanecem como indicadores recentes importantes da economia queda na inflação, redução dos juros do BC, previsão de aumento do PIB( mas abaixo do que o inicialmente previsto), e tendência de manutenção de bom desempenho nas contas externas.

**TABELA 51 – PARANÁ: BALANÇA COMERCIAL E CORRENTE DE COMÉRCIO**  
(Em US\$ Milhões)

Período	Exportações*	Importações*	Saldo Balança Comercial *	Corrente de comércio*
<b>2008</b>	<b>15.247,18</b>	<b>14.570,22</b>	<b>676,96</b>	<b>29.817,40</b>
<b>2009</b>	<b>11.222,83</b>	<b>9.620,84</b>	<b>1.601,98</b>	<b>20.843,67</b>
<b>2010</b>	<b>14.176,01</b>	<b>13.956,96</b>	<b>219,05</b>	<b>28.132,97</b>
<b>2011</b>	<b>17.394,23</b>	<b>18.767,23</b>	<b>-1.373,00</b>	<b>36.161,46</b>
<b>2012</b>	<b>17.709,59</b>	<b>19.387,10</b>	<b>-1.677,52</b>	<b>37.096,69</b>
<b>2013</b>	<b>18.239,20</b>	<b>19.343,80</b>	<b>- 1.104,60</b>	<b>37.583,00</b>
<b>2014</b>	<b>16.332,15</b>	<b>17.294,27</b>	<b>-962,12</b>	<b>33.626,42</b>
<b>2015</b>	<b>14.909,08</b>	<b>12.448,70</b>	<b>2.460,38</b>	<b>27.357,78</b>
<b>2016</b>	<b>15.171,10</b>	<b>11.092,31</b>	<b>4.078,79</b>	<b>26.263,41</b>
<b>2017</b>	<b>18.082,39</b>	<b>11.518,55</b>	<b>6.563,85</b>	<b>29.600,94</b>
Jun	1.775,19	953,49	821,69	2.728,68
Jul	1.665,05	948,86	716,19	2.613,90
Ago	1.683,54	1.064,32	619,22	2.747,86
Set	1.541,81	1.139,59	402,23	2.681,40
Out	1.439,47	972,74	466,72	2.412,21
Nov	1.367,06	953,23	413,83	2.320,29
Dez	1.326,95	880,73	446,22	2.207,67
<b>2018</b>	<b>8.938,41</b>	<b>5.769,06</b>	<b>3.169,35</b>	<b>14.707,47</b>
Jan	1.071,98	907,08	164,90	1.979,05
Fev	1.201,48	804,20	397,29	2.005,68
Mar	1.594,74	1.007,54	587,20	2.602,28
Abr	1.662,11	1.054,25	607,86	2.716,36
Mai	1.525,46	882,43	643,03	2.407,89
Jun	1.882,65	1.113,56	769,09	2.996,21

**Paraná: Exportações X Importações**  
(em US\$ milhões)



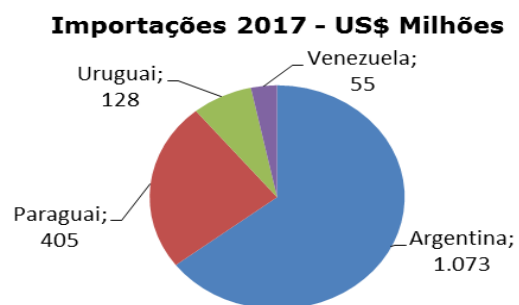
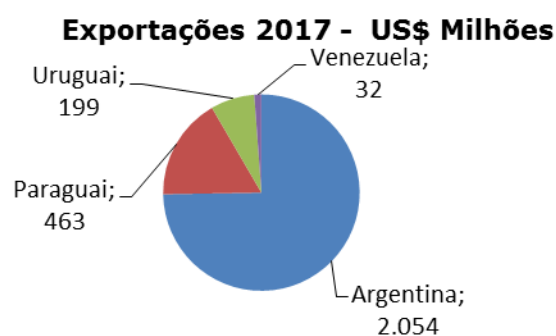
## 19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE

## Relações Comerciais com o MERCOSUL

TABELA 52 – PARANÁ: INTERCAMBIO COMERCIAL MERCOSUL (US\$ MILHOES)

Países	Exportações	Participações nas Exportações (%)	Importações	Participações nas Importações (%)	Balança Comercial	Corrente de Comércio
<b>2018 (Jan-Jun)</b>						
Argentina	882	71,57	521	69,52	361	1.403
Paraguai	230	18,64	169	22,58	60	399
Uruguai	109	8,89	39	5,16	71	148
Venezuela	11	0,91	20	2,73	-9	32
<b>MERCOSUL</b>	<b>1.232</b>	<b>100,00</b>	<b>749</b>	<b>100,00</b>	<b>483</b>	<b>1.981</b>
<b>2017</b>						
Argentina	2.054	74,74	1.073	64,63	981	3.126
Paraguai	463	16,85	405	24,37	59	868
Uruguai	199	7,23	128	7,69	71	326
Venezuela	32	1,18	55	3,31	-23	87
<b>MERCOSUL</b>	<b>2.748</b>	<b>100,00</b>	<b>1.660</b>	<b>100,00</b>	<b>1.088</b>	<b>4.408</b>
<b>2016</b>						
Argentina	1.537	69,50	1.119	63,10	417	2.656
Paraguai	426	19,27	493	27,77	-67	919
Uruguai	158	7,13	109	6,12	49	266
Venezuela	91	4,10	53	3,01	37	144
<b>MERCOSUL</b>	<b>2.211</b>	<b>100,00</b>	<b>1.774</b>	<b>100,00</b>	<b>437</b>	<b>3.985</b>
<b>2015</b>						
Argentina	1.087	55,92	1.382	77,68	-295	2.468
Paraguai	532	27,37	308	17,31	223	840
Uruguai	156	8,02	84	4,72	72	240
Venezuela	170	8,74	5	0,28	165	174
<b>MERCOSUL</b>	<b>1.944</b>	<b>100,00</b>	<b>1.779</b>	<b>100,00</b>	<b>165</b>	<b>3.723</b>
<b>2014</b>						
Argentina	1.204	54,19	1.814	72,47	-560	2.488
Paraguai	613	27,59	545	21,77	51	977
Uruguai	161	7,25	133	5,31	11	239
Venezuela	244	10,98	11	0,44	199	221
<b>MERCOSUL</b>	<b>2.222</b>	<b>100,00</b>	<b>2.503</b>	<b>100,00</b>	<b>-264</b>	<b>3.558</b>

Fonte: comexstat.mdic.gov.br (Consulta em 25/07/2018)



**19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE**

TABELA 53 - PARANÁ: PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS PARA O MERCOSUL EM 2018 (JAN-JUN)			
Nº	PRODUTO	US\$ FOB Milhões	Percentual (%)
1	Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros	189,61	25,04
2	Automóveis com motor explosão, de cilindrada não superior a 1.000 cm3	118,18	15,61
3	Outros veículos automóveis com motor a explosão, carga <= 5 toneladas	102,52	13,54
4	Tratores rodoviários para semi-reboques	40,06	5,29
5	Outros papéis e cartões dos tipos utilizados para escrita ou impressão	38,29	5,06
6	Outras carnes de suíno, congeladas	32,71	4,32
7	Adubos minerais ou químicos, que contenham nitrogênio, fósforo e potássio	30,44	4,02
8	Eixos de transmissão com diferencial para veículos automóveis	24,39	3,22
9	Outras partes e acessórios de carrocerias para veículos automóveis	21,91	2,89
10	Outros motores de explosão de cilindrada superior a 1.000 cm3	19,91	2,63
11	Papel e cartão revestidos, impregnados ou recobertos de plástico	19,82	2,62
12	Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas	19,66	2,60
13	Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis	14,88	1,96
14	Chassis com motor diesel e cabina, capacidade de carga > 20 toneladas	14,73	1,95
15	Outros recipientes tubulares, de alumínio, de capacidade não superior a 300 litros	14,66	1,94
16	Outros tratores, com uma potência de motor superior a 130 Kw	12,69	1,68
17	Outras máquinas e aparelhos para colheita	11,10	1,47
18	Betume de petróleo	10,87	1,44
19	Outras preparações dos tipos utilizados na alimentação de animais	10,74	1,42
20	Outros pneumáticos novos, de borracha	10,12	1,34
-	<b>Total</b>	<b>757,27</b>	<b>100,00</b>

TABELA 54 - PARANÁ: PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS DO MERCOSUL EM 2018 (JAN-JUN)			
Nº	PRODUTO	US\$ FOB Milhões	Percentual (%)
1	Outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas	240,06	41,48
2	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	50,54	8,73
3	Malte não torrado, inteiro ou partido	40,29	6,96
4	Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros	32,46	5,61
5	Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura	29,60	5,12
6	Jogos de fios para velas de ignição e outros jogos de fios	28,23	4,88
7	Milho em grão, exceto para semeadura	20,00	3,46
8	Pastas químicas de madeira, semibranqueadas ou branqueadas, de coníferas	16,39	2,83
9	Farinha de trigo	14,15	2,44
10	Cevada cervejeira	13,77	2,38
11	Garrafões, garrafas, frascos, artigos semelhantes, de plásticos	12,79	2,21
12	Carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas	12,43	2,15
13	Outros propanos liquefeitos	12,13	2,10
14	Outras caixas de marchas	9,70	1,68
15	Azeitonas, não congeladas	9,32	1,61
16	Alhos, frescos ou refrigerados, exceto para semeadura	9,17	1,58
17	Sebo bovino fundido (incluindo o premier jus)	8,05	1,39
18	Outras partes e acessórios de carrocerias para veículos automóveis	6,56	1,13
19	Outras misturas, preparações alimentícias de gorduras, óleos, etc.	6,54	1,13
20	Carnes desossadas de bovino, congeladas	6,52	1,13
-	<b>Total</b>	<b>578,72</b>	<b>100,00</b>

## 19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE

TABELA 55 – PARANÁ: PRINCIPAIS PAÍSES DE DESTINO DE PRODUTOS (1)

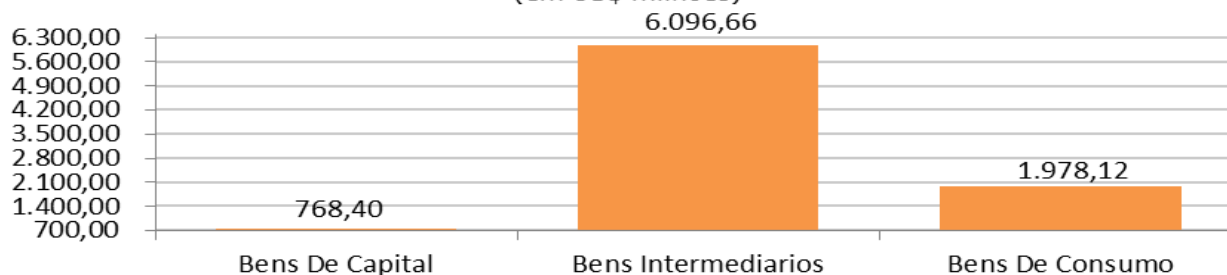
Nº	2017 (JAN-DEZ)			2018 (JAN-JUN)		
	Dez Principais Destinos	US\$ Milhões	Participação Percentual (%)	Dez Principais Destinos	US\$ Milhões	Participação Percentual (%)
1	China	4.666,99	43,10	China	2.818,54	49,59
2	Argentina	2.053,61	18,96	Argentina	881,83	15,51
3	Estados Unidos	890,76	8,23	Estados Unidos	459,96	8,09
4	Países Baixos (Holanda)	544,43	5,03	Países Baixos (Holanda)	351,99	6,19
5	Japão	511,02	4,72	Paraguai	229,69	4,04
6	Arábia Saudita	501,78	4,63	Alemanha	213,36	3,75
7	Paraguai	463,08	4,28	México	188,42	3,32
8	Alemanha	448,49	4,14	Itália	182,32	3,21
9	México	392,47	3,62	Índia	180,97	3,18
10	Coreia Do Sul	355,88	3,29	Arábia Saudita	176,79	3,11
---	<b>Total</b>	<b>10.828,51</b>	<b>100,00</b>	<b>Total</b>	<b>5.683,88</b>	<b>100,00</b>

TABELA 56 – PARANÁ: PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS EM 2018 (JAN-JUN) (1)

Nº	Produto	US\$ Milhões	Percentual (%)
1	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	2.543,28	39,82
2	Pedaços e miudezas de galos e galinhas, congelados	754,28	11,81
3	Bagacos e resíduos sólidos da extração do óleo de soja	628,33	9,84
4	Pasta Química de madeira não conífera semi branqueada	277,32	4,34
5	Outros açúcares de cana	259,94	4,07
6	Carnes de galos e galinhas, não cortadas, congeladas	252,66	3,96
7	Outras madeiras compensadas folheada, espess <=6mm	243,60	3,81
8	Automóveis com motor a explosão, 1500<cm3<=3000	227,58	3,56
9	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	216,89	3,40
10	Café solúvel, mesmo descafeinado	136,68	2,14
11	Outros Veículos Automóveis C/Motor Explosão, Carga<=5T	130,19	2,04
12	Automóveis com motor a explosão, cilindrada<=1000Cm3	119,46	1,87
13	Milho em grão, exceto para semeadura	116,49	1,82
14	Outros papeis e cartões para escrita de fibra mecânica >10%,Rolos	112,03	1,75
15	Farinhas E "Pellets", Da Extração Do Óleo De Soja	109,65	1,72
16	Madeira Serrada Ou Fendida Longitudinalmente	93,09	1,46
17	Tratores Rodoviários P/Semi-Reboques	83,44	1,31
18	Outras carnes de suíno congeladas	82,73	1,30
19	Madeira De Coníferas, Perfilada	76,89	1,20
20	Consumo De Bordo - Combustíveis E Lubrif.P/ Embarcações	64,34	1,01
-	<b>Total</b>	<b>6.387,65</b>	<b>100,00</b>

Fonte: www.mdic.gov.br – (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança Comercial Brasileira: Unidades da Federação) (Consulta em 25/07/2018)

**PARANÁ: EXPORTAÇÕES POR TIPOS DE BENS**  
(Jan - Jun de 2018)(2)  
(em US\$ milhões)



Fonte: www.mdic.gov.br – (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança comercial Unidades da Federação) (Consulta em 25/07/2018)

(\*) Dados Atualizados. Sujeitos à alteração.

(1) Dados preliminares.

(2) Bens de Capital: bens que geram riqueza: máquinas que fabricam outros bens; ou bens de longa duração: equipamento hospitalar.  
Bens Intermediários: bens manufaturados ou matérias-primas processadas utilizadas na produção de outros bens (exemplo: peças para veículos)  
Bens de Consumo: para o atendimento das demandas e necessidades imediatas da população: alimentos, remédios, etc.

## 19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE

TABELA 57 – PARANÁ: PRINCIPAIS BLOCOS ECONÔMICOS DE DESTINO E ORIGEM DE PRODUTOS

2018 (JAN-JUN)			2018 (JAN-JUN)		
Principais Blocos Econômicos de Destino	US\$ Milhões	%	Principais Blocos Econômicos de Origem	US\$ Milhões	%
Ásia (Exclusive Oriente Médio)	2.988,84	45,55	Ásia (Exclusive Oriente Médio)	1.576,44	29,87
Aladi	1.623,58	24,74	União Europeia - UE	1.320,97	25,03
União Europeia - UE	954,06	14,54	Aladi	1.066,07	20,20
Oriente Médio	538,79	8,21	Sem Agrupamento Específico	1.057,72	20,04
Demais Blocos	456,96	6,96	África	256,02	4,85
<b>Total</b>	<b>6.562,23</b>	<b>100,00</b>	<b>Total</b>	<b>5.277,22</b>	<b>100,00</b>

(\*)Considera apenas blocos econômicos e não países não pertencentes a estes blocos.

TABELA 58 – PARANÁ: PRINCIPAIS EMPRESAS EXPORTADORAS EM 2017 (JAN-AGO)

Nº	20 Principais Empresas Exportadoras	US\$ Milhões	Percentual (%)
1	Renault Do Brasil S.A	947,32	13,36
2	Cargill Agrícola S A	735,37	10,37
3	Louis Dreyfus Company Brasil S.A.	664,57	9,37
4	Bunge Alimentos S/A	647,66	9,14
5	Cooperativa Agropecuária Mouraoense Ltda	627,54	8,85
6	Klabin S.A.	545,40	7,69
7	Usina De Açúcar Santa Terezinha Ltda	345,62	4,88
8	Shb Comercio E Industria De Alimentos S.A.	344,40	4,86
9	Volvo Do Brasil Veiculos Ltda	326,80	4,61
10	Brf S.A.	234,92	3,31
11	Adm Do Brasil Ltda	210,26	2,97
12	Copacol-Cooperativa Agroindustrial Consolata	207,55	2,93
13	C.Vale - Cooperativa Agroindustrial	198,25	2,80
14	Gavilon Do Brasil Comercio De Produtos Agricolas Ltda.	192,03	2,71
15	Glencore Importadora E Exportadora S/A	169,95	2,40
16	Usina Alto Alegre S/A - Acucar E Alcool	152,74	2,15
17	Cooperativa Agroindustrial Lar	145,34	2,05
18	Nidera Sementes Ltda.	135,49	1,91
19	Cofco Brasil S.A	134,35	1,90
20	Companhia Cacique De Café Soluvel	123,87	1,75
---	<b>Total</b>	<b>7.089,42</b>	<b>100,00</b>

TABELA 59 – PARANÁ: PRINCIPAIS EMPRESAS IMPORTADORAS EM 2017 (JAN-AGO)

Nº	20 Principais Empresas Importadoras	US\$ Milhões	Percentual (%)
1	Volkswagen Do Brasil Ltda	496,04	13,77
2	Sul Plata Trading Do Brasil Ltda	388,48	10,78
3	Renault Do Brasil S.A	295,51	8,20
4	Flamma Oleos E Derivados Ltda	259,68	7,21
5	Oil Trading Importadora E Exportadora Ltda.	249,12	6,91
6	Fertipar Fertilizantes Do Parana Limitada	244,34	6,78
7	Mosaic Fertilizantes Do Brasil Ltda.	243,85	6,77
8	Yara Brasil Fertilizantes S/A	194,29	5,39
9	Greenery Brasil Trading S.A.	142,81	3,96
10	Blueway Trading Importacao E Exportacao S.A.	139,37	3,87
11	Electrolux Do Brasil S/A	134,02	3,72
12	Brf S.A.	125,01	3,47
13	Cooperativa Agraria Agroindustrial	113,36	3,15
14	Macrofertil Industria E Comercio De Fertilizantes S.A.	108,01	3,00
15	Novo Nordisk Farmaceutica Do Brasil Ltda	85,03	2,36
16	Volvo Do Brasil Veiculos Ltda	80,91	2,25
17	Adama Brasil S/A	79,24	2,20
18	Fertilizantes Heringer S.A.	78,12	2,17
19	Nortox Sa	77,62	2,15
20	Iveco Latin America Ltda	68,55	1,90
---	<b>Total</b>	<b>3.603,41</b>	<b>100,00</b>

Fonte: www.mdic.gov.br - (Comércio exterior - Estatística do comércio exterior) (Consulta em 25/07/2018)

Últimos dados disponíveis referentes às Tabelas 59 e 60 são referentes à Agosto. (consulta em 25/07/2018).



## 19. COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE

TABELA 60 – PARANÁ: EXPORTAÇÕES – TOTAIS POR FATOR AGREGADO (Em US\$ Milhões)				
Período	Básicos	Indústria- lizados	Operações Especiais	TOTAL
2008	5.787,48	9.152,08	307,62	15.247,18
2009	4.985,13	6.024,36	213,33	11.222,83
2010	5.983,15	7.921,86	270,99	14.176,01
2011	7.952,48	9.056,69	385,06	17.394,23
2012	8.356,71	9.022,70	330,17	17.709,59
2013	9.068,37	8.916,49	254,34	18.239,20
2014	8.304,08	7.775,25	252,79	16.332,12
2015	7.649,59	7.084,25	175,24	14.909,08
2016	7.208,75	7.870,82	91,54	15.171,10
2017	8.665,70	9.298,58	118,12	18.082,39
Abr	860,08	668,27	8,58	1.536,94
Mai	863,28	889,81	13,48	1.766,57
Jun	862,39	901,23	11,56	1.775,19
Jul	806,84	847,53	10,68	1.665,05
Ago	814,83	856,75	11,95	1.683,54
Set	769,96	766,34	5,51	1.541,81
Out	630,69	801,12	7,65	1.439,47
Nov	567,86	790,76	8,43	1.367,06
Dez	464,78	854,64	7,53	1.326,95
2018	4.704,46	4.161,93	72,02	8.938,41
Jan	431,95	628,58	11,45	1.071,98
Fev	524,38	666,54	10,56	1.201,48
Mar	854,12	729,19	11,43	1.594,74
Abr	951,15	699,60	11,36	1.662,11
Mai	870,46	640,60	14,40	1.525,46
Jun	1.072,40	797,43	12,82	1.882,65

Fonte: www.mdic.gov.br (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança comercial Unidades da Federação) Dados sujeitos à alterações.  
(Consulta: 25/07/2018)

TABELA 61 – PARANÁ: BALANÇA COMERCIAL DOS MAIORES EXPORTADORES MUNICIPAIS EM 2018 (JAN-JUN) (Em US\$ Milhões)							
Nº	15 Principais Municípios	Exportações	Percen- tual (%)	Importações	Percen- tual (%)	Balança Comercial	Corrente de Comércio
1	Paranaguá	1.180,34	25,78	839,29	22,95	341,05	2.019,63
2	São José dos Pinhais	755,85	16,51	782,22	21,39	-26,36	1.538,07
3	Maringá	569,63	12,44	898,00	24,56	-328,37	1.467,63
4	Curitiba	524,68	11,46	90,58	2,48	434,10	615,26
5	Araucária	229,96	5,02	169,89	4,65	60,07	399,85
6	Londrina	220,61	4,82	532,01	14,55	-311,40	752,62
7	Ponta Grossa	199,13	4,35	146,90	4,02	52,23	346,03
8	Cascavel	135,51	2,96	3,72	0,10	131,79	139,23
9	Palotina	134,32	2,93	50,03	1,37	84,29	184,35
10	Cafelândia	118,84	2,60	11,79	0,32	107,06	130,63
11	Campo Mourão	114,57	2,50	33,52	0,92	81,05	148,09
12	Guarapuava	113,24	2,47	3,40	0,09	109,84	116,65
13	Rolândia	99,35	2,17	19,19	0,52	80,16	118,54
14	Campo Largo	93,41	2,04	73,65	2,01	19,75	167,06
15	Matelândia	88,89	1,94	2,76	0,08	86,13	91,65
--	<b>Total</b>	<b>4.578,34</b>	<b>100,00</b>	<b>3.656,96</b>	<b>100,00</b>	<b>921,38</b>	<b>8.235,30</b>

Fonte: www.mdic.gov.br – (Comércio exterior – Estatística do comércio exterior – Balança comercial brasileira: Municípios)  
(Consulta em 25/07/2018)



**20. INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO-IED NA ECONOMIA BRASILEIRA**

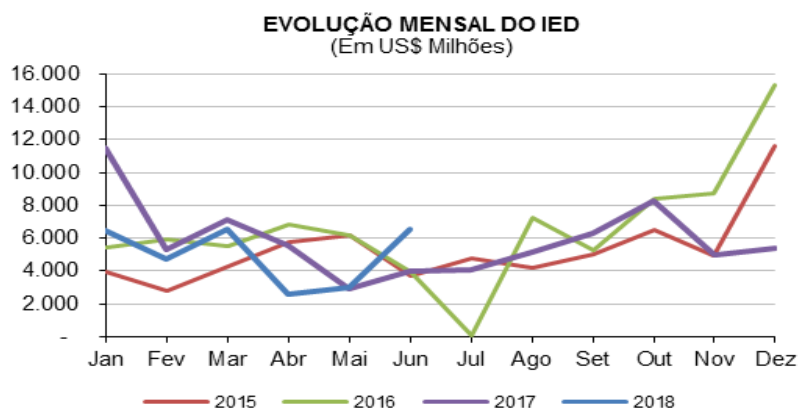
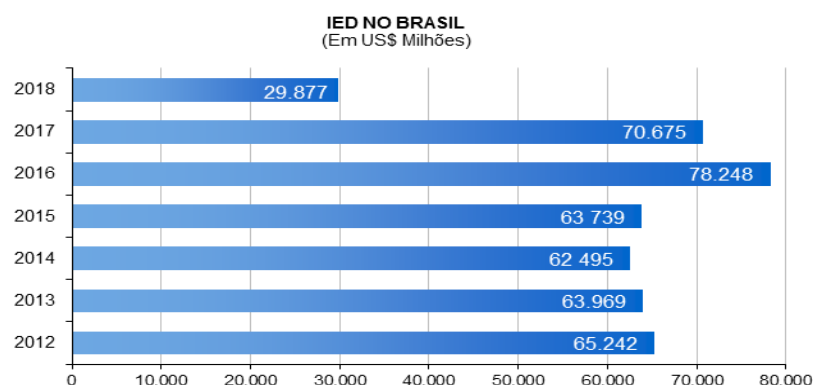
O IED acumulado de janeiro-junho /2018 apresentou tendências positivas: em 2018 soma US\$ 29,9 bilhões. Em 2017, no mesmo período, os números apresentavam crescimento superior ao de 2018: US\$ 32,4 bilhões. A crise econômica e política no Brasil, com diferentes nuances, ainda não foram totalmente superados. Nesse momento, julho de 2018, a elevação da cotação do dólar poderá gerar impactos restritivos à agilização da entrada de IED. Ainda: a crise cambial atual na Argentina, pode resvalar de alguma forma sobre a economia brasileira.

Uma situação específica que ocorre é a realização por diversas entidades e organismos de avaliação de tendências econômicas da revisão das primeiras previsões de desempenho do PIB do Brasil, divulgadas inicialmente no 1.º bimestre de 2018. Nesse momento, há uma queda nas expectativas de crescimento do PIB em 2018: de 2,85% cai para 1,9%. Mas mesmo com a queda das previsões iniciais, e considerando que o crescimento do PIB em 2017 foi 1,0%, ainda haverá crescimento da economia com a elevação do PIB de 2018 em 1,9% sobre ano anterior. Muito importantes são as manutenções de queda nas taxas de inflação e a continuidade da política de redução de juros (SELIC/BC). Ainda há condições para a continuidade do crescimento do consumo das famílias. O governo federal, nesse momento, já anunciou a liberação de saldos das contas do PIS/PASEP e antecipação do 13.º para aposentados do INSS.

A retração pelas agencias internacionais da nota do Brasil, do "grau de investimento" para "grau especulativo" produziu impactos imediatos mais intensos, mas agora amenizados.

O IED é um fluxo importante de capital: permite ampliar produção, inovar e modernizar a produção interna e melhorar produtividade. Considera somente o *capital externo produtivo*, capaz de gerar novos bens e serviços. Difere do *capital externo especulativo*, aplicado em títulos da dívida pública e bolsa de valores, que visa retorno mais imediato, ou seja, não permanece por longo prazo. Com uma crise, sai do país, pouco contribuindo em empregos, produtos ou serviços.

TABELA 62 – INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO NO BRASIL		
Período	Valor em US\$ Milhões*	Varição Percentual
2007	34.584	83,74
2008	45.058	30,29
2009	25.948	-42,41
2010	48.506	86,93
2011	66.660	37,43
2012	65.242	-2,13
2013	63.969	-2,00
2014	62.495	-2,30
2015	63.739	1,99
2016	78.896	23,78
2017	70.675	-10,28
Mai	2.926	-47,55
Jun	3.991	36,43
Jul	4.093	2,55
Ago	5.138	25,53
Set	6.339	23,37
Out	8.240	29,98
Nov	5.021	-39,06
Dez	5.407	7,70
2018	29.877	-18,00
Jan	6.466	19,57
Fev	4.743	-26,65
Mar	6.539	37,88
Abr	2.618	-59,96
Mai	2.978	13,76
Jun	6.533	119,35



**21. DÍVIDA EXTERNA BRASILEIRA- DEB**

Os dados de junho/2018, referentes a dívida externa total atingiu : US\$ 314,4 bilhões; a curto prazo representa 18,65% do total; a médio e longo prazo atingiu 81,35%. São valores importantes para reduzir a pressão sobre pagamentos e desembolsos. A distribuição dessa dívida amplia a elasticidade para pagamento e renegociações.

A DEB total é o somatório das dívidas dos setores público (governos: federal, estaduais e municipais, Distrito Federal e empresas públicas) privado.

A forma de gestão e administração do estoque de divisas praticada pelo Banco Central indica condições consistentes nos desembolsos futuros para pagamentos da dívida externa.

A existência de dívida, mesmo grande, não significa, necessariamente, inviabilização de uma economia. Pode até representar maior eficiência e capacidade para captação de recursos que sejam necessários e importantes para os setores público e/ou empresários do setor privado. Desde que utilizados sob um processo eficiente de gestão financeira podem ser perfeitamente justificáveis.

TABELA 63 – DÍVIDA EXTERNA BRASILEIRA (Em US\$ Milhões)					
Período	Curto Prazo		Médio e Longo Prazo		Total
	Valor	(%)	Valor	(%)	
2010	56.450	22,12	198.734	77,87	<b>256.804</b>
2011	39.040	13,13	258.310	86,87	<b>297.349</b>
2012	37.535	11,85	279.295	88,15	<b>316.831</b>
2013	32.855	10,53	279.166	89,51	<b>312.022</b>
2014	54.614	15,71	293.008	84,29	<b>347.621</b>
2015	56.103	16,61	281.629	83,39	<b>337.732</b>
2016	58.360	18,03	265.354	81,97	<b>323.714</b>
2017	51.144	16,52	258.363	83,48	<b>309.507</b>
2018*	58.624	18,65	255.757	81,35	<b>314.381</b>

Fonte: www.bcb.gov.br – (Economia e Finanças – Notas econômico-financeiras para a imprensa – Setor externo – quadro 19) (Consulta em 26/07/2018) (\*) Dados de Junho

**21.1. Distribuição da Dívida: Setor Público X Setor Privado**

A dívida externa brasileira está distribuída em dívidas do governo e do setor privado. A dívida registrada para o período 2010-2015, conforme o Banco Central consta da Tabela 64 abaixo.

Constata-se uma realidade pouco conhecida do grande público: do total da dívida externa brasileira, verifica-se que o setor privado, no período 2011 - 2015 foi, na média, responsável por mais da metade dessa dívida, superando 60% do total. O período 2011-2015 mostra forte inversão de tendência comparada a 2009-2010. O dado mais recente da dívida, ano de 2015, indica setor privado devedor de 61,8% do total da dívida externa, mais de 20% acima da dívida externa do setor público. A dívida do setor privado cresceu mais a partir de 2011, sob estímulo dos baixos juros externos e valorização do R\$ perante o US\$ até 2011. A dívida pública está distribuída entre governos: federal, estaduais, municipais, Distrito Federal, mais as estatais.

TABELA 64 – BRASIL: PARTICIPAÇÃO DA DÍVIDA EXTERNA			
Ano	Setor Público	Setor Privado	Total
2010 (1)	45,0	55,0	100
2011 (2)	37,2	62,8	100
2012 (3)	36,3	63,7	100
2013 (4)	38,5	61,5	100
2014 (5)	39,4	60,6	100
2015 (6)	38,2	61,8	100

Fonte: (1) Boletim Anual – 2010 do Banco Central do Brasil (p. 135). (2) Boletim Anual – 2011 do Banco Central do Brasil (p. 129). (3) Boletim Anual – 2012 do Banco Central do Brasil (p. 129). (4) Boletim Anual – 2013 do Banco Central do Brasil (p. 121). (5) Boletim Anual – 2012 do Banco Central do Brasil (p. 119). (6) Boletim Anual – 2015 do Banco Central do Brasil (p. 121)

\*O boletim anual do Banco Central foi descontinuado, sendo os últimos dados divulgados do ano 2015.

## 22. RESERVAS CAMBIAIS

Em julho/2018 as reservas cambiais do Brasil atingiram US\$ 379,2 bilhões. Parcela do superávit está associado ao aumento do saldo da balança comercial e desvalorização do Real- R\$ frente ao US\$, período 2015/2016 e desempenho do comércio exterior em 2017. O BC procedeu em junho, com a elevação do dólar, a colocação de US\$ 20 bilhões no mercado para forçar a contenção da elevação do dólar ante o Real.

As reservas cambiais são muito importantes e estratégicas no atual contexto econômico; permitem um "lastro cambial" que revela um elevado estoque de divisas no BC, e que vem atuando como um *colchão amortecedor* desde o início da crise mundial de 2008. Permitiu ao Brasil, até 1º semestre de 2014, maior credibilidade no mercado externo, e manter o "grau de investimento" obtido nos anos de 2008 e 2009, além de ampliar a entrada de capital externo.

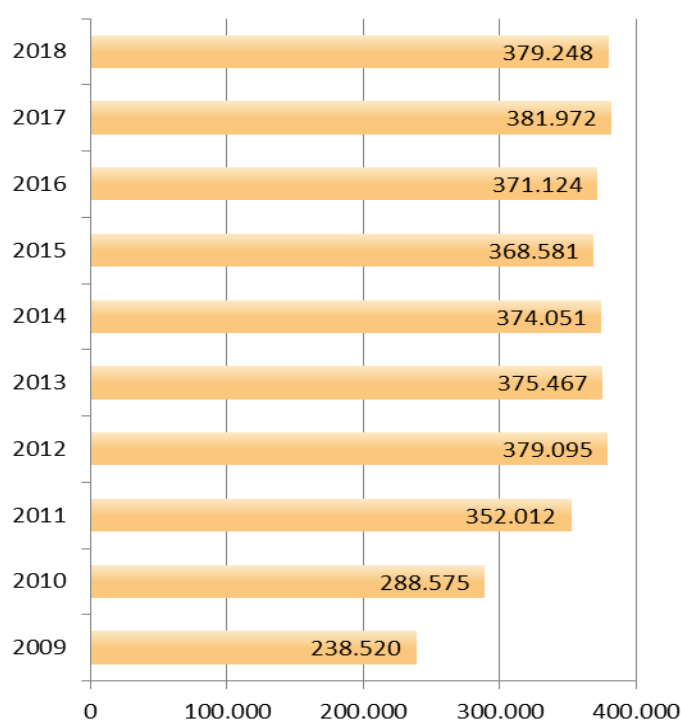
Atualmente, o **grau de investimento** da economia concedido pelas três agências internacionais de classificação de risco (\*\*\*) foi baixado para **grau especulativo**. A redução da nota pelas agências significa que o acesso a crédito no exterior poderá ser contido, os juros pagos poderão crescer e também poderia incentivar a retirada de aplicações do exterior no Brasil.

Parcela dos US\$ da reserva cambial pode ser considerada especulativa, devido juros maiores pagos pelos títulos do governo brasileiro, comparados à remuneração de outros países. É um volume de divisas importante para o Brasil, mas que gera um custo associado às aplicações do exterior em títulos do governo, que pagam altas remunerações. É o "capital especulativo" volátil, sem compromisso com produção, investimento interno ou emprego e que, diante de distúrbios no mercado ou mesmo limitações políticas e econômicas internas poderão, rapidamente, sair do País. Os dólares do BC, em parte aplicados em títulos do governo americano, tem remuneração inferior à paga pelo governo brasileiro. Uma parcela das reservas advém da compra de US\$ pelo BC em períodos de grande entrada que induziam a valorizar o R\$; a outra parte vem das exportações ou até mesmo empréstimos do exterior. A destacar, no entanto: muitos investidores poderiam, diante dos indicadores de consistência da economia dos EUA, optarem por aplicar a 3,0% em dólar do que a 6,5% em uma moeda mais fraca e que se desvaloriza perante o US\$.

**TABELA 65 – BRASIL: RESERVAS CAMBIAIS**  
(Em US\$ Milhões)

Período	Reservas Cambiais no Banco Central (*)	Variação Sobre o Período Anterior
2007	180.334	110,10
2008	193.783	7,46
2009	238.520	23,09
2010	288.575	0,82
2011	352.012	21,98
2012	379.095	7,69
2013	375.467	-0,97
2014	374.051	-0,38
2015	368.581	-1,46
2016	371.124	0,69
2017	381.972	2,93
Jul	381.029	0,81
Ago	382.270	0,33
Set	382.145	-0,03
Out	380.183	-0,51
Nov	381.153	0,26
Dez	381.972	0,21
2018	--	--
Jan	383.671	0,54
Fev	382.085	-0,43
Mar	383.265	0,32
Abr	382.072	-0,31
Mai	381.997	-0,02
Jun	381.738	-0,07
Jul	379.248	-0,65

**Evolução das Reservas Cambiais (\*) (US\$ milhões)**



Fonte: www.bc.gov.br - (Economia e Finanças - Indicadores de conjuntura - Reservas Internacionais - Dados diários) (Consulta em 31/07/2018)

(\*) Reservas de 2018 referentes ao dia 27/07/2018. (\*\*) As Agências são: Fitch; Moody's; e Standart & Poor's (S&P). Em Janeiro de 2018 a agência S&P rebaixou a nota do Brasil de BB para BB-, ainda dentro da categoria de especulação.